

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Edição 51

Ano 19

Volume 1 – Letras

**Aroldo Magno de Oliveira
(Ed./Org.)**

2023

2023

2023

2023

Niterói – RJ

Revista Querubim 2023 – Ano 19 nº51 – vol. 1 – Letras – 73p. (outubro – 2023)
Rio de Janeiro: Querubim, 2023 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos.
I - Título: Revista Querubim Digital

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova - Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa - Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor
Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Carla Mota Regis de Carvalho
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Gladiston Alves da Silva
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
Joana Angélica da Silva de Souza
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Alex Viana Pereira – A imaginação histórica e a espacialização crítica em <i>História do dinheiro</i> , de Alan Pauls	04
02	Damião Francisco Boucher e Thiago Barbosa Soares – Uma análise das placas do Monumento aos Pioneiros de Palmas, Tocantins	10
03	José Amílson Rodrigues Vieira e Maria José de Pinho – Diálogo e construção de saberes: sobre indícios de práticas educativas criativas em aulas de português	21
04	Marcely Alves da Rosa – A representação racial da personagem <i>Fabiano</i> , da obra <i>Vidas Secas</i> , como não-branco	29
05	Mariana Batista do Nascimento Silva e Lucimar Pereira da Costa – Literatura infantil: reflexões a partir da interpretação da obra <i>Lá e aqui</i>	33
06	Marilúcia dos Santos Domingos Striquer e Notrysslaine Natyellen Dark da Silva – O artigo de opinião como redação de vestibular: a relação dialógica com os textos de apoio	44
07	Núbia Régia de Almeida e Kátia Bárbara da Silva Santos – A importância da literatura em sala de aula: reflexão e resignificação do mundo a partir da experiência de leitura por alunos do ensino médio técnico do IFPA – <i>Campus</i> Paragominas	58
08	Patrícia Micarla Guedes da Silva et al – Os letramentos digitais das pessoas idosas em contexto de isolamento social: práticas e motivações	66

A IMAGINAÇÃO HISTÓRICA E A ESPACIALIZAÇÃO CRÍTICA EM *HISTÓRIA DO DINHEIRO*, DE ALAN PAULS

Alex Viana Pereira¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar brevemente a imaginação histórica e espacialização crítica na obra “História do dinheiro” (2014), de Alan Pauls. A partir da colonialidade do poder, especificamente do controle da economia, o autor destaca acontecimentos da Argentina de 1970 como a Ditadura militar, elucidando a carga política da época através de temas do cotidiano e obsessões dos personagens jamais nomeados. Para preencher os vazios dos fatos históricos, o escritor busca apoio na imaginação histórica constituída a partir da sua subjetividade múltipla que reflete nos personagens.

Palavras-chave: Literatura Latino-Americana, Ditadura Militar, Controle do poder.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la imaginación histórica y espacialización crítica que surgen en la obra "Historia del dinero" (2014), de Alan Pauls. A partir de la colonialidad del poder, específicamente el control de la economía, el autor destaca acontecimientos de la Argentina de 1970 como la Dictadura militar, dilucidando la carga política de la época a través de temas de lo cotidiano y obsesiones de los personajes jamás nombrados. Para llenar los vacíos de los hechos históricos, el escritor busca apoyo en la imaginación histórica constituída a partir de su subjetividad múltiple que refleja en los personajes.

Palabras-clave: Literatura Latinoamericana, Dictadura Militar, Control del poder.

Introdução

Alan Pauls é um famoso crítico literário, jornalista e escritor nascido em Buenos Aires em 1959, reconhecido pelas suas novelas, ensaios e contos. É um dos mais renomados autores da literatura latino-americana na contemporaneidade. Dono de uma escrita complexa e irônica, Alan Pauls leva os leitores de suas obras a várias reflexões sobre os anos de chumbo da Argentina, sempre por meio de temas que parecem inusitados em um primeiro momento, a saber: lágrimas, penteados e dinheiro. Esse último será observado a seguir na obra “História do dinheiro” (2014).

Em “História do dinheiro” (2014), Alan Pauls retrata pelo viés do cotidiano a ditadura militar de 1970 na Argentina. O romance encerra a famosa trilogia que conta com “História do pranto” (2007) e “História do cabelo” (2010), narrativas que também apresentam temáticas voltadas para a Argentina dessa época. Em ambas as obras, o escritor elucida os acontecimentos importantes do seu país através de temas como lágrimas e penteados. Por sua vez, em “História do dinheiro” (2014), assim como os livros anteriores, Alan Pauls usa temas diferenciados como, por exemplo, a obsessão pelo dinheiro de alguns personagens que nunca são nomeados para destacar os fatos históricos da Argentina de 1970, onde o romance é ambientado.

¹ Formado em Licenciatura em Letras e Mestrando em Letras e Artes - PPGLA pela Universidade do Estado do Amazonas.

O referido autor dispensa falar em armas, soldados, estratégias de guerras e intrigas políticas de forma direta. Pelo contrário, a narrativa é composta de vaivéns que destacam a obsessão pelo dinheiro e a miséria humana em meio a uma economia que oscila, destacando sutilmente os efeitos da ditadura militar que além de uma luta armada, foi uma organização financeira.

Apesar do retrato que Alan Pauls faz dos acontecimentos de seu país em “História do dinheiro” (2014), este estudo faz um recorte e preocupa-se com as seguintes questões: a imaginação histórica, responsável por preencher os vazios dos fatos históricos e a espacialização crítica encontrada no romance que caracterizam o pensamento decolonial sobre a literatura latino-americana.

A colonialidade do poder

Antes de falar em imaginação histórica e espacialização crítica em “História do dinheiro” (2014), de Alan Pauls, é preciso compreender brevemente a colonialidade do poder, tema que nos levará aos dois primeiros selecionados para serem discutidos no romance.

A ditadura militar de 1970 na Argentina não foi apenas uma luta armada, mas também uma organização financeira, como justificado em linhas gerais por Rojas (2014). Os interesses políticos e pelo poder surgem a partir dessa organização. O dinheiro e o controle da economia são os principais fatores que levam os indivíduos a cometerem atrocidades e isso caracteriza a colonialidade do poder apontado por Ballestrin (2013), se tornando instrumento de opressão. De acordo com os estudos decoloniais/pós-coloniais de Spivak (2010), apesar de o período colonial ter se encerrado, ainda existem as heranças deixadas por ele, uma herança que causa violência epistêmica e constitui uma colonialidade de ver e pensar o mundo.

Ao refletir sobre a colonialidade do poder pensada por Quijano e posteriormente Mignolo, Basto (2016) diz que a colonialidade do poder é uma forma de dominação com base numa hierarquização racial. Ainda segundo a estudiosa, apoiada em Ramon Grosfoguel, a colonialidade do poder se estende a todas as dimensões da existência social, a saber: a sexualidade, a autoridade, a subjetividade e o trabalho.

Nesse sentido, a colonialidade do poder engloba vários aspectos, um deles é o controle da economia. Para Ballestrin (2013), é um fator que silencia os sujeitos. O cidadão perde sua total autonomia, ou seja, passa a ser visto como subalterno, pois conforme Spivak (2010), o sujeito submisso é aquele que não tem vez de fala e nem é ouvido. Nesse ínterim, “A colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser.” (BALLESTRIN, 2013, p.93), ou seja, ela detém o poder. O colonizado é visto como aquele que não tem o saber, logo não pode reproduzi-lo, pois não tem autoridade para isso.

A colonialidade do poder é um conceito desenvolvido originalmente por Anibal Quijano, em 1989 [...]. Ele exprime uma constatação simples, isto é, de que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não findaram com a destruição do colonialismo (BALLESTRIN, 2013, p. 99).

A colonialidade do poder se mostra em “História do dinheiro” (2014), a partir da imaginação histórica elucidada na obra, enfatizando a espacialização crítica, temas que não se separam. O controle da economia faz parte do que Mignolo (2017, p. 5) define como “patrón colonial do poder” que conta ainda com “o controle da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade.”

A grosso modo, a colonialidade do poder se presentifica na literatura latino-americana que, por sua vez, serve como intermédio para emergir as vozes silenciadas, os discursos que “não estão escritos”, mas existem. Essas vozes se manifestam através da subjetividade encontrada nas obras que ao se coadunarem com a imaginação histórica preenchem os vazios e dão voz aos sujeitos invisibilizados durante determinado contexto. Por exemplo, o período de chumbo da Argentina que serve como pano de fundo em “História do dinheiro” (2014).

Para os autores argentinos, é uma tradição escrever ficções que tomam como suporte os acontecimentos políticos ou até mesmo personagens que fazem o leitor refletir sobre determinados marcos da história de seu país. Esses acontecimentos são recheados pela imaginação histórica e constroem a espacialização crítica que, como dito, buscam dar visibilidade às vozes silenciadas dos sujeitos que estão à margem da sociedade.

A imaginação histórica e a espacialização crítica

A imaginação histórica é constituída a partir da subjetividade do escritor e apresentada pelo narrador, refletindo nos personagens da obra. Esse aspecto é bastante presente na literatura latino-americana, pois através dessa característica o autor consegue preencher os vazios dos fatos históricos retratados nos livros. De qualquer forma, não se pode confundir imaginação histórica com fatos históricos.

A realidade cotidiana não é a realidade histórica referencial e verossímil do pensamento realista e da sua história política e social (a realidade separada da ficção), mas sim uma realidade produzida e construída pelos meios, pelas tecnologias e pelas ciências. É uma realidade que não quer ser re-presentada porque já é pura representação: um tecido de palavras e imagens de diferentes velocidades, graus e densidades, interiores-exteriores a um sujeito que inclui o acontecimento, mas também o virtual, o potencial, o mágico e o fantasmático [...] Absorve e fusiona toda a mimese do passado para constituir a ficção ou as ficções do presente. Uma ficção que é “a realidade” (LUDMER, 2010, p. 2).

Isso é perceptível no romance “História do dinheiro” (2014), quando Alan Pauls busca preencher através da subjetividade dos personagens anônimos as lacunas dos fatos históricos (verossimilhança da obra) de seu país. Essas características configuram-se como a imaginação histórica, visto que ao escrever a obra, o autor não vivenciou os fatos, necessitando de sua subjetividade múltipla, buscando apoio em outros meios, como elucidado anteriormente por Ludmer (2010).

Assim, o fato de os personagens serem anônimos na narrativa permite representar qualquer indivíduo que viveu, por exemplo, na época da ditadura militar de 1970 na Argentina, admitindo o surgimento das vozes silenciadas naquele período, tornando também a obra aberta a várias leituras.

Em “História do dinheiro” (2014), o narrador refere-se sempre ao personagem principal como “ele”: “Ele o vê em seu terno, vê seu rosto rejuvenescido pela higiene fúnebre [...]” (PAULS, 2014, p. 7). Faz-se oportuno dizer que o personagem principal é um menino de classe média de Buenos Aires, filho de pais divorciados. Assim, ao ser referenciado apenas como “ele”, o personagem, como dito anteriormente, pode significar qualquer sujeito que presenciou os horrores daquela época, período que Alan Pauls enfatiza em seu romance a cada instante, sem falar explicitamente sobre o fato: “[...] De táxi para Villa Gesell, enquanto lá fora o mundo continua sua marcha estúpida, indiferente à proeza” (PAULS, 2014, p. 27). Uma “marcha estúpida” que constitui a era de chumbo da Argentina.

Além de destacar o contexto histórico, observa-se na narrativa o contraste dos personagens que possuem muito dinheiro e se divertem em relação ao “mundo lá fora” impregnado pela miséria, como é notório através da viagem de táxi que o personagem principal faz com o seu pai, um homem viciado em jogos de pôquer e que esbanja dinheiro.

[...] parece ter o dinheiro sempre ao alcance da mão. Todo o seu dinheiro, o que inclui, naturalmente, as libras, os francos suíços, os dólares e as liras com que costuma impressionar o entregador da rotisseria quando, quase nas fuças dele, começa a escolher no março as notas para lhe pagar (PAULS, 2014, p. 35).

Dessa maneira, surge outra característica que configura a imaginação histórica: a espacialização crítica. O espaço na literatura latino-americana não é um retrato estático, pois vai além dos aspectos geográficos que compõem o espaço literário. São elementos que estão em movimento e surgem a partir da imaginação histórica, como será exemplificado mais adiante.

A espacialização na literatura latino-americana precisa ser crítica, pois é através dela que o narrador enfatiza os olhares sobre os fatos históricos que também são constituídos pela subjetividade e pela imaginação histórica que preenche os vazios que surgem na obra literária.

A imaginação histórica é como o autor do discurso preenche os espaços em branco. Pode ser preenchido por alguém que nunca viveu a ditadura latino-americana, justificando, por exemplo, os personagens sem nome em “História do dinheiro” (2014), de Alan Pauls, compondo, assim, a espacialização crítica, visto que essa espacialização na literatura latino-americana muitas vezes é o próprio sujeito.

A espacialização crítica pode ser tanto os indivíduos à margem da sociedade, quanto o espaço deteriorado pela miséria que se coaduna aos sujeitos esquecidos, apagados e silenciados. Como exemplificado no trecho a seguir do romance:

Mas essas vantagens mal podem compensar os problemas que ele e a mulher descobrem mais tarde, quando, consumidos pelos onze meses de obra, onze meses de pesadelo, se mudam e sofrem na carne a hostilidade ostensiva dos vizinhos – todos com mais de setenta e cinco anos, todos surdos -, as vibrações que as máquinas da empresa têxtil vizinha transmitem das oito da manhã às cinco da tarde à parede sul do apartamento, os esgotos precários do bairro, os aprendizes de criminosos que se reúnem na esquina, os resíduos de vidros quebrados de carros brilhando junto ao meio-fio das calçadas, os produtos sempre vencidos dos armazéns, o cheiro de podre nas quitandas e de inseticida nos bares, as prateleiras rarefeitas, as estreias fora de moda, os pôsteres do videoclub desbotados pelo sol e, sobretudo, o calor insuportável, quase radioativo, que derrete o asfalto das ruas sem árvores e bate durante todo o verão no terraço ainda sem impermeabilização do edifício, ou seja, no próprio teto da moradia que estreiam e onde não conseguem morar juntos dois meses (PAULS, 2014, p. 86-87).

É perceptível o espaço crítico que se manifesta através da subjetividade dos personagens, as vozes silenciadas pela miséria, pelo descaso como, por exemplo, os vizinhos que ficando surdos por conta das máquinas da empresa têxtil e o espaço que não é estático, como visto anteriormente, mas está em movimento a todo instante, pois como elucidado acima percebe-se os sujeitos que vivem em situações precárias, entre os esgotos do bairro e o cheiro da podridão das quitandas. Tudo isso caracteriza a espacialização crítica, o espaço do discurso. São sujeitos à margem da sociedade, vítimas do descaso e da pobreza que assola o espaço em que vivem. Sentenciados a sofrer por consequência dos atos dos que detém o poder econômico, o dinheiro, por exemplo.

No trecho a seguir, é notória a invisibilidade e subjetividade do sujeito perante a sociedade, destacando o espaço do discurso como a própria exploração do trabalhador.

Além do mais, se o motorista de táxi que vive xingando os carros com os quais divide a rua está morto, tão morto quanto o caixa que os atende no banco, que trabalha horas contando dinheiro alheio sem levantar a cabeça, e como a garçonete do falso restaurante italiano onde costumam almoçar, vermelha de vergonha pelo uniforme de prostituta que a obrigam a usar, com os botões da camisa abertos até o umbigo e a saia justa que mal lhe cobre as nádegas – se toda essa gente que, bem ou mal, respira, abre as pálpebras todas as manhãs e sente a estocada gélida da água nas gengivas e tem medo e fala com outros está morta, mortíssima [...] (PAULS, 204, p. 60).

Desse modo, através da breve explanação compreende-se que a imaginação histórica e a espacialização crítica no romance “História do dinheiro” (2014), de Alan Pauls, não se separam, são elementos que fazem parte das características da literatura latino-americana, enfatizando a colonialidade do poder destacada por Ballestrin (2013) e Mignolo (2017), especificamente o controle da economia que surge com a ditadura militar nos anos de 1970 na Argentina e emergem na obra de Pauls como um contraste entre a obsessão pelo dinheiro que muitos detêm e a miséria que constitui o espaço crítico da narrativa ligado à imaginação histórica que dá voz aos indivíduos estigmatizados.

Ademais, o controle do poder se mostra por intermédio do controle da economia na obra de Alan Pauls, como exemplificado na citação a seguir.

Os preços mudam da noite para o dia, de hora em hora, às vezes duas ou três vezes na mesma hora. Em certas ocasiões volta da loja de materiais com as mãos vazias, sem ter conseguido comprar nada. “Não temos preço”, dizem. Em outras, com muita frequência, conta o dinheiro que deverá pagar enquanto faz fila diante do caixa, mas ao chegar ao guichê precisa calcular tudo outra vez. O preço subiu uns dez, quinze, às vezes vinte por cento, e isso num espaço de tempo insignificante, não mais que dez, quinze minutos, transcorridos entre a última remarcação e o momento em que deve pagar (PAULS, 2014, p.87).

Dessa maneira, a manipulação dos preços, isto é, da economia se caracteriza como o controle do poder, pois através disso é possível se impor, oprimir, por exemplo, as minorias, os sujeitos que vivem à margem da sociedade. Assim, a imaginação histórica e o espaço crítico vão se manifestando no livro de Alan Pauls. O narrador mostra a subjetividade dos personagens, aqueles que não possuem voz dentro do cenário de 1970 na Argentina, mas são os que mais sofrem com a ditadura militar da época que também foi uma “organização” financeira. Através da imaginação histórica e da espacialização crítica, Alan Pauls dar voz aos sujeitos e narra as experiências vivenciadas por si (deixa entrever a subjetividade) e pelo outro.

Considerações finais

Os escritores argentinos são conhecidos por elucidarem em suas obras acontecimentos e personagens políticos e históricos. Com Alan Pauls não foi diferente, o autor buscou enfatizar acontecimentos da década de 1970 de seu país em *História do dinheiro* (2014). Mas ao invés de falar diretamente de guerras, soldados e enfrentamentos políticos, Alan Pauls optou pelo viés do cotidiano para destacar a ditadura militar da Argentina. Através de temas como o dinheiro, Pauls destaca toda a miséria humana da época, o contraste em deter o poder e a oscilação da economia imposta aos sujeitos que estão à margem da sociedade. Enfim, a imaginação histórica e a espacialização crítica se manifestam na obra por meio da subjetividade dos sujeitos, dos contrastes do ter e do não ter.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**. Brasília, n. 11, p. 89-117, maio – agosto, 2013.

COJAS, Gonzalo Adrián. A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais. **Lutas sociais**. São Paulo, v.18, n.32, p.163-176, jan-jun, 2014.

LUDMER, Josefina (2010). **Literaturas Pós-autônoma**. Sopro 17, 1-6.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista brasileira de ciências sociais**. n° 94, 2017, p. 2-18.

PAULS, Alan. **História do dinheiro**. trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

UMA ANÁLISE DAS PLACAS DO MONUMENTO AOS PIONEIROS DE PALMAS, TOCANTINS

Damião Francisco Boucher²

Thiago Barbosa Soares³

Resumo

Este artigo, à luz das noções da Análise do Discurso, objetiva descrever e interpretar os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas, na Praça dos Girassóis, como parte do funcionamento do discurso fundador do Estado do Tocantins. Para a organização argumentativa deste texto, têm-se as seguintes seções descritas: **Aparato teórico-metodológico**, cujo recenseamento das noções de condições de produção, relações de sentidos, formação discursiva, interdiscurso, processamento parafrástico e silêncio constitutivo faz-se necessário; **Análise: memórias da fundação da capital do Tocantins**, na qual os dispositivos de análise expostos são aplicados, com objetivo de examinar a discursividade investida na Placa de Proclamação, marco fundador da capital definitiva do Estado do Tocantins, em 20 de maio de 1989. Por fim, encontra-se a seção de **Considerações finais**, na qual se sopesa o percurso analítico desenvolvido e as prováveis contribuições elucidadoras do discurso fundador do Estado do Tocantins, enquanto um discurso político ramificado pelos pré-construídos da formação discursiva religiosa.

Palavras-chave: Fundação. Tocantins. Análise do Discurso.

Abstract

This article, in the light of the notions of Discourse Analysis, aims to describe and interpret the effects of meanings and subjects present on the Proclamation Plate of the Monument to the Pioneers of Palmas, in Praça dos Girassóis, as part of the functioning of the founding discourse of the State of Tocantins. For the argumentative organization of this text, the following sections are described: **Theoretical-methodological apparatus**, whose census of the notions of production conditions, relations of meanings, discursive formation, interdiscourse, paraphrastic processing and constitutive silence is necessary; **Analysis: memories of the foundation of the capital of Tocantins**, in which the exposed analysis devices are applied, with the objective of examining the discursiveness invested in the Proclamation Plate, founding landmark of the definitive capital of the State of Tocantins, on May 20, 1989. By Finally, there is the **Final Considerations section**, which weighs up the analytical path developed and the probable elucidating contributions of the founding discourse of the State of Tocantins, as a political discourse branched by the pre-constructed religious discursive formation.

Keywords: Foundation. Tocantins. Discourse analysis.

As condutas sociais impostas por uma sociedade provêm de um poder exclusivo que se encontra nas mãos dos governos (RAND, 2009). Estes, munidos dos discursos políticos que, quase sempre atrelado ao discurso religioso, constituem o mosaico de formações sociais distintas, legitimadoras dos projetos de poder político (SOARES, 2022b). Consequentemente, as ações governamentais de fundação são garantidas pelo poder do voto supostamente democrático ou explicitamente ordenados por forças políticas hegemônicas. Dessa forma, o ato de fundar uma cidade ou um estado pressupõe ação disruptiva (ORLANDI, 2001) e o embate (ou combate) de forças políticas antagônicas. Além disso, o ato fundador é conferido apenas a alguns sujeitos investidos dessa ordem discursiva cuja força impele ou repele sentidos e sujeitos circulantes em sociedade, a saber, o discurso fundador (ORLANDI, 2001).

²Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

³Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq.

Por esse motivo, a fundação está atrelada a condições históricas específicas de produção que possibilitam o retorno de seus efeitos em diversos acontecimentos discursivos (PÊCHEUX, 2015). Assim, pelo imaginário social, fundar também pressupõe: a) um ato de resistência, de rompimento, seja ele geográfico ou político e; b) de criação do novo na história, porquanto no discurso fundador há sempre a produção de memória (ORLANDI, 2001). Ante à consideração de que as forças sócio-políticas hegemônicas agem na manutenção da percepção e das projeções identitárias de dada região, (re)produzindo acontecimentos históricos à sua maneira, busca-se analisar o discurso político, mais especificamente o discurso fundador (ORLANDI, 2001), capitaneado pelas formações discursivas religiosas (COURTINE, 2014). Com essa análise, propõe-se verificar, à luz das noções da Análise do Discurso, o funcionamento do discurso fundador do Tocantins através das redes de sentidos que compõem e sustentam o imaginário da fundação desse estado como um processo disruptivo.

Dessa perspectiva analítica, objetiva-se descrever e interpretar os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na Placa de Proclamação, do Monumento aos Pioneiros de Palmas, Tocantins, na Praça dos Girassóis, como parte do funcionamento do discurso fundador desse estado. Para a organização argumentativa desse empreendimento textual, têm-se as seguintes seções descritas: **Aparato teórico-metodológico**, cujo recenseamento das noções de condições de produção, relações de sentidos, formação discursiva, interdiscurso, processamento parafrástico e silêncio constitutivo faz-se necessário; **Análise: memórias da fundação da capital do Tocantins**, na qual os dispositivos de análise expostos são aplicados, com o objetivo de examinar a discursividade investida na Placa de Proclamação, marco fundador da capital definitiva do Estado do Tocantins, em 20 de maio de 1989. Por fim, encontra-se a seção de **Considerações finais**, na qual se sopesa o percurso analítico desenvolvido e as prováveis contribuições elucidadoras do discurso fundador do Estado do Tocantins, enquanto um discurso político ramificado pelos pré-construídos (HENRY, 1990) da formação discursiva religiosa.

Aparato teórico-metodológico

Com a intenção de alcançar o que foi proposto nas considerações iniciais, torna-se pertinente situar o dispositivo analítico a ser utilizado. A Análise do Discurso como referencial teórico-metodológico procura oferecer um exame crítico e esclarecedor do funcionamento de redes de sentidos e de seus efeitos. Dessa forma, a AD viabiliza a ruptura de um comportamento interpretativo acerca do saber e do poder os quais regulam o funcionamento social (SOARES, 2020) e a adoção de noções semântico-discursivas as quais tornam viável a verticalização da leitura.

Diante disso, pode ser dito que, na AD, há o entrelaçamento de três campos relativamente distintos, a saber, a Linguística saussuriana, a Psicanálise freudiana e o Materialismo Histórico marxista (SOARES, 2018). Pela relativização desses campos, Pêcheux reconfigura noções que permitem a relativização da transparência da língua, do sujeito e da história. Ao desconsiderar também o esquema informacional de Jakobson, Pêcheux (1997) desloca a noção de “mensagem” para discurso. Este passa a ser considerado como ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997, p. 82, aspas do autor). O que fica lúcido para Pêcheux (1997) é a noção de que o discurso não é o elemento linguístico autônomo em si, nem o acontecimento isolado, mas, fugindo à visão positivista, efeitos de sentidos que trabalham no entremeio (PÊCHEUX, 2015), materializado no ato de fala e constituído por memórias as quais retornam sobre a forma de pré-construído (HENRY, 1990; COURTINE, 2014) e estabelecem a força discursiva de cada enunciado.

Nessa relação de formação assimétrica na qual se estabelece a posição de mando e de obediência, as formações discursivas (PÊCHEUX, 1997) trabalham na materialização de várias cosmovisões sociais (SOARES, 2022b), determinando “o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada posição, numa dada conjuntura” (PÊCHEUX, 2011, p. 73). Por esse motivo, os discursos são materializados sob a forma de um enunciado, seja ele verbal ou não. Assim, as relações de sentidos trabalham nesses enunciados em silêncio (ORLANDI, 2007), muitas vezes, sendo “uma resposta direta ou indireta a outro discurso dado” (PÊCHEUX, 1997, p. 77).

Dessas considerações, entende-se que, quando um sujeito político, situado em determinada posição social e em determinadas condições de produção, apresenta uma memória sob a forma de um enunciado, falado ou escrito, dada construção enunciativa constitui um ato de fala, uma performatividade incorporada à relação de sentidos (PÊCHEUX, 1997), dando a resposta e, simultaneamente, causando efeitos de sentidos que apontam mais para a imagem de si do que para a própria memória que o sujeito enunciator propõe mostrar. Assim, uma Placa de Proclamação ou de inauguração carregam consigo as memórias de suas projeções históricas, mas, ao mesmo tempo, apontam para os feitos do presente.

Por essa razão, a noção de interdiscurso e de intradiscurso (COURTINE, 2014) são fundamentais para o dispositivo de análise, pois esses dois eixos, vertical e horizontal, respectivamente, permitem ao analista observar os efeitos emergidos de pré-construídos, o trabalho de constituição que as memórias exercem (ACHARD, 2015) e, por fim, a metaforização dos enunciados, “expressão por meio da qual Pêcheux define as paráfrases no interior do mesmo texto” (SOARES, 2018, p. 117) e que possibilita, por exemplo, a renovação do mesmo, o retorno de já-ditos e já esquecidos. Dessas considerações, acredita-se que o discurso fundador (ORLANDI, 2001) se apresenta como os dizeres da resistência, como o desejo de renovação. Assim, o sujeito fundador é o agente que estabelece o princípio de algo pela discursividade, pela enunciação, mesmo que implícita. É a partir do funcionamento do discurso fundador que o silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007) apaga outras figuras marcadas na história, outros sujeitos participantes da fundação para dar lugar à imagem do sujeito fundador.

Diante do que foi exposto sobre o discurso fundador (ORLANDI, 2001), percebe-se a regularidade da figura com poderes políticos e quase sobrenaturais para tornar possível a criação de um estado. Essa força investida ao sujeito fundador, por conseguinte, apaga (ORLANDI, 2007) outros sentidos e sujeitos os quais deixam de fazer parte do esforço de fundação, mesmo estando posto no enunciado. Nas palavras de Orlandi (2001, p. 13), esse dizer fundante “irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua ‘memória’”, apagando outros sentidos possíveis. Assim, na analogia mencionada, depreende-se que o silenciamento das figuras históricas, participantes da fundação, trata-se de “um efeito de discurso que instala o anti-implícito” (ORLANDI, 2007, p. 73) em que “x” representa o sujeito fundador, silenciando assim o “y”, isto é, a história do outro que é considerada sempre secundária.

Portanto, salienta-se que o efeito do silêncio constitutivo faz parte do discurso fundador, o qual põe em constante manutenção as formações imaginárias, isto é, as projeções ideológicas do sujeito fundador, histórica e recursivamente parafrástica, regulando as posições de cada sujeito (ORLANDI, 2001, 2007, 2015). Essa recursividade, que traz a imagem do mesmo em forma de processamento parafrástico (PÊCHEUX, 1997), possibilita a estabilização e o retorno do mesmo em configurações sintaticamente diferentes. Posteriormente ao levantamento mobilizador de nosso dispositivo, passamos à seção de análise.

Análise: memórias da fundação da capital do Tocantins

As condições de produção do presente corpus de análise é o marco da realização da missa, no dia 20 de maio de 1989, acontecimento discursivizado em diversas mídias da época⁴ que contou com a presença de várias autoridades e do sujeito fundador José Wilson Siqueira Campos, inaugurador do Monumento aos Pioneiros de Palmas, marco histórico da construção da sede administrativa do Estado do Tocantins. Na figura 1, pode ser observada a Placa de Proclamação, materialidade do objeto a ser analisado:

Figura 1: Placa de Proclamação



Fonte: autores

A mencionada cerimônia de fundação, bem como os dizeres da placa, são atravessados pelos discursos fundador e religioso cujos efeitos se podem notar tanto na referencialidade das condições de produção, a saber, a realização da missa fundadora, quanto em sintagmas da placa, tal como “Viva nossa Santa religião”. A placa apresentada anteriormente representa uma das várias proclamações feitas ao povo da comarca da Palma, no dia 15 de setembro de 1821, um dia depois da instalação do “governo provisório sob a presidência do desembargador Joaquim Teotônio Segurado” (ALENCASTRE, 1979, p. 358), em Cavalcante. Essa placa traz os dizeres:

Habitantes da Comarca da Palma! É tempo de sacudir o jugo de um governo despótico; todas as províncias do Brasil nos têm dado este exemplo; os nossos irmãos de Goiás fizeram um esforço infrutífero, ou por mal delineado, ou por ser rebatido por força superior. Eles continuaram na escuridão, e até um dos principais habitantes desta comarca ficou a ferros. Palmenses! Sejamos livres e tenhamos segurança pessoal; unamo-nos e principiemos a gozar as vantagens que nos promete a constituição! Abulam-se esses tributos que nos vexam ou por sermos os únicos que as pagamos, ou por não serem conformes às antigas leis adaptáveis a esta pobre Comarca. Saídas de gados, décima, banco, papel selado, entrada de sal, ferro, aço, ferramentas ficam abolidas, todos os homens livres têm direitos aos maiores empregos; a virtude e a ciência, eis os empenhos para os cargos públicos. Todas as cabeças de julgados darão um deputado para o governo provisório; os arraiais de S. José, S. Domingos, Chapada e Carmo ficam gozando da mesma prerrogativa. Esses deputados devem ser eleitos e dirigem-se imediatamente a Cavalcante, onde reside interinamente o governo provisório.

⁴ No vídeo “Palmas primeira missa 20 06 1989” [SIC] (DOCUMENTA TOCANTINS, 2014), em 2min:00segundos, pode ser visto a inauguração do Monumento aos Pioneiros de Palmas, evento na qual é tirada a toalha, consolidando com a Placa de Proclamação a fundação da capital definitiva do Estado do Tocantins em 20 de maio de 1989.

Depois de reunidos todos os deputados, se decidirá qual deve ser a capital, e nela residirá o governo. Os soldados que quiserem sentar praça de Infantaria vencerão cinco oitavas por mês e na Cavalarias seis e meia. Palmenses, ânimo e união. O governo cuidará de vossa felicidade. Viva a nossa Santa religião. Viva o Sr. D. João VI. Viva o Príncipe Regente e toda a Casa de Bragança. Viva a Constituição que se fizer nas Cortes reunidas em Lisboa. Cavalcante, 15 de setembro de 1821. Presidente Joaquim Teotônio Segurado; Manoel Antônio de Moura Teles; José Zeferino de Azevedo; José Vítor Faria Pereira; Francisco Joaquim Coelho de Matos; Luiz Pereira de Lemos e Joaquim Rodrigues Pereira (ALANCASTRE, 1979, p. 358-359).

Ao observar os enunciados gravados na placa, verifica-se, em sua performatividade, a reverberação do discurso de resistência cuja formação discursiva é marcada por pré-construídos (COURTINE, 2014) como “é tempo de” e pelos sintagmas “sacudir o jugo”, “governo despótico” e “sejamos livres”. Em uma pesquisa no motor de busca Google (2023) — o qual apresentou 2.770.000.000 resultados do mencionado pré-construído —, pesquisado em 5 páginas, o pré-construído “é tempo de” foi vinculado a enunciados que denotam mudança e ações atitudinais, tais como “é tempo de renascer”, “é tempo de liberdade”, “é tempo de libertar-se e recomeçar” (TELOEKEN, 2023).

Em contrapartida, se em quase toda placa há evidências semântico-discursivas da FD da resistência, ao final dela, o sintagma “viva” em “Viva a nossa Santa religião. Viva o Sr. D. João VI. Viva o Príncipe Regente e toda a Casa de Bragança. Viva a Constituição que se fizer nas Cortes reunidas em Lisboa” denuncia a submissão à religião, influência explícita nos assuntos políticos da época, e ao rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1816–22): Sr. D. João VI (ALANCASTRE, 1979). Assim, em suma, quem passa pela Praça dos Girassóis, no Monumento aos Pioneiros de Palmas, encontra tais dizeres da placa que projetam a instalação do governo provisório da comarca da Palma e marca a tentativa de fundação de uma nova administração na comarca do Norte.

Desse movimento inicial de descrição e de interpretação acerca do objeto discursivo, notam-se as relações de sentidos existentes entre a placa e sua anterioridade e exterioridade (COURTINE, 2014). Assim, os dizeres da Placa de Proclamação (figura 1) funcionam como uma resposta aos acontecimentos anteriores a sua emergência. Ao lançar mão da noção de interdiscursividade, a partir do sintagma “Habitantes da Comarca da Palma! É tempo de [...]”, inicialmente observamos um pré-construído o qual, pela regularidade, apresenta uma fórmula comum, a saber, sujeito enunciatário + local. A referida fórmula sintática faz emergir os sentidos de convocação e de unidade; era frequentemente utilizada em discursos oficiais de Dom Pedro I, como, por exemplo, “Dignos representantes da nação brasileira” (BRASIL, 2019, p. 29).

Ademais, o discurso fundador é atravessado historicamente por outro sintagma: a felicidade. Ora, na formação imaginária que sustenta a imagem do sujeito fundador, fundar um estado, uma nação, é o meio para atingir esse bem comum. Assim, na Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas, Tocantins, a formulação intradiscursiva “Palmenses, ânimo e união. O governo cuidará de vossa felicidade” representa a continuidade do discurso fundador, faz emergir e reverberar dizeres como o de Dom Pedro I: “Como é para bem de todos, e *felicidade* geral da nação, diga ao povo que fico (BRASIL, 2019, p. 31, *itálico* nosso). É pela configuração dos sentidos constitutivos da Placa de Proclamação que esta insere-se na continuidade histórica do discurso fundador.

Por continuidade histórica, compreende-se o trabalho das memórias (ACHARD, 2015) funcionando no processamento parafrástico, no qual “duas frases estão em relação de paráfrase se a soma de suas partes constitui um mesmo sentido por identidade ou equivalência lexical” (PÊCHEUX, 1997, p. 275). Ao pensar além da simples relação de sinonímia, o processamento parafrástico, nessa perspectiva epistemológica, considera a interdiscursividade como arquivo constitutivo dos sentidos. Por essa razão, entende-se que os sintagmas “vossa felicidade” e “felicidade geral da nação”, apesar do distanciamento sintático entre as estruturas enunciativas e de condições de produções distintas, não só se aproximam semanticamente pela configuração “sujeito + objeto de posse”, mas discursivamente, porquanto são atravessados pelos efeitos da fundação (projeções imaginárias da instauração da felicidade) e configurados pelos acontecimentos históricos. Esses que projetam o Império do Brasil como uma região de convulsões e crises políticas, as quais irão convergir na Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, caracterizada pela historiografia como golpe, já que houve “uma mudança abrupta de regime, sem, contudo, encontrar resistência ou luta”. (ARAÚJO, 2019, p. 42).

É nessas condições de produção (PÊCHEUX, 1997) que emergem os dizeres inseridos na Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas. Enunciados que trazem para a intradiscursividade, ou seja, para o campo da formulação enunciativa da fundação da capital do Tocantins, os sentidos de revolução, de unidade, de carisma (SOARES, 2022c) e, sobretudo, de proclamação profética. Sobre esse último efeito do discurso religioso, a reverberação do enunciado “Depois de reunidos todos os deputados, se decidirá qual deve ser a capital, e nela residirá o governo” cria, para o sujeito fundador que traz esses dizeres, a imagem do sujeito concretizador da profecia, posicionando José Wilson Siqueira Campos como aquele que cumpre o que foi enunciado há 202 anos, em 15 de setembro de 1821, data da Proclamação efetuada por Teotônio Segurado e seus correligionários.

Essa assertiva se comprova pelo fato de que não há imparcialidade no uso da língua (ORLANDI, 2015), pois “é na historicidade que os mecanismos de construção do discurso ganham sentido” (SOARES, 2018, p. 117). Por esse motivo, a emergência do mencionado enunciado sobre a formação política e a decisão de onde seria a capital do Tocantins, não é uma coincidência, está inscrito nas condições de produção nas quais a capital do Tocantins, antes de ser Palmas, foi Miracema do Norte, ou melhor, Miracema do Tocantins, nome adotado após a fundação do Estado. Observa-se que o enunciado “se decidirá qual deve ser a capital, e nela residirá o governo”, metaforicamente profetiza o cerimonial que em 20 de maio de 1989 se repete. Essa não coincidência é reforçada se for considerado o que está ao lado da Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas, a saber, a Placa da construção da capital definitiva do Estado do Tocantins, figura 2:

Figura 2: Placa da construção da capital definitiva do Estado do Tocantins, Palmas



Fonte: autores

Como foi dito, a Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas (figura 1) faz emergir uma parte da luta pelo estado do Tocantins e a Placa da construção da capital definitiva (figura 2) representa a consolidação dessa luta, porquanto na diametralidade oposta (SOARES, 2021) do enunciado “deu início”, tem-se um “não deu início, situação na qual remete à Placa de Proclamação (figura 1). Como percebido, o fato dessa placa trazer dizeres que apontam para uma revolução abafada, um movimento interrompido, denuncia um enunciador que não está na referida placa nem inserido na história malsucedida da luta pela separação do Norte goiano. Como mencionado, o sujeito enunciador é José Wilson Siqueira Campos, posicionado ao lado da Placa de Proclamação pela projeção de outra Placa, a de “construção da capital definitiva do Estado do Tocantins (figura 2). Como uma placa de aviso, traz os dizeres em terceira pessoa: “nesse local, as 10:00 horas, do dia 20 de maio de 1989, o governador Siqueira Campos deu início a construção da capital definitiva do Estado do Tocantins, Palmas”.

Por si só, os dizeres das duas placas, configuradas para estarem afastadas uma da outra, no Monumento aos Pioneiros de Palmas, apontam para enunciadores distintos, com marcas de suas assinaturas. Dessa maneira, o insucesso do acontecimento na Placa de Proclamação (figura 1), justifica a presença da placa com tom de aviso (figura 2) que simbolicamente marca o início “da construção da capital definitiva do Estado do Tocantins”. Todavia, as duas placas são reverberações de um mesmo enunciador. Os enunciados do “Presidente Joaquim Teotônio Segurado; Manoel Antônio de Moura Teles; José Zeferino de Azevedo; José Vítor Faria Pereira; Francisco Joaquim Coelho de Matos; Luiz Pereira de Lemos e Joaquim Rodrigues Pereira (ALANCASTRE, 1979, p. 358-359), apesar de ser uma memória histórica com seu tempo e espaço resguardados, retornam para o campo intradiscursivo (COURTINE, 2014) por relações de sentidos, sendo a placa de fundação da “capital definitiva do Estado do Tocantins”, no campo metafórico, a prova de uma realização profética; no campo discursivo-midiático (SOARES, 2022a), uma resposta bem-sucedida ao discurso fundador dos supracitados sujeitos. Se na configuração espacial do memorial de fundação, a Proclamação (figura 1) projeta o desejo de separação (malsucedido) do passado, a placa de fundação da construção da “capital definitiva do Estado do Tocantins” (figura 2) projeta a consolidação do bem-sucedido marco histórico, capitalizando Siqueira Campos como um sujeito de sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020).

Assim, o que reverbera no dizer da figura 2 não é uma constatação da “construção da capital definitiva do Estado do Tocantins, mas uma performatividade enunciativa que aponta para o próprio enunciador das duas placas como o sujeito fundador, aquele que consegue “sacudir o jugo de um governo despótico”, mesmo em um contexto no qual não houve luta armada. Este é o trabalho das formações imaginárias e de suas projeções sobre a fundação do Tocantins: “a fundação do paraíso”. Ora, se a língua serve para se comunicar e para não se comunicar (ORLANDI, 2015), a comunicação implícita de um fato (ORLANDI, 2007), considerando a interdiscursividade, a performatividade do enunciado, os processamentos metafóricos (SOARES, 2018) e a relação de sentido existente entre os dois enunciados das placas, o acontecimento discursivizado no dia 20 de maio de 1989 faz de Palmas e do Tocantins não uma região qualquer, mas, na projeção do discurso fundador do Tocantins, “a revelação profética” da qual o fundador é projetado não somente como governador, mas como o salvador que faz cumprir a profecia da libertação de um povo, o povo tocantinense”.

Por essas projeções silencia-se constitutivamente (ORLANDI, 2007) o fato de que a fundação é o efeito ilusório do discurso fundador, o qual projeta a construção coletiva, histórica e contínua a cargo de um sujeito isolado. Uma parcela dos méritos e louros da luta pela fundação do Estado do Tocantins destina-se ao trabalho e à dedicação do ex-governador José Wilson Siqueira Campos e de seus correligionários. Em contrapartida, na perspectiva discursiva, na qual as cortinas da transparência da linguagem, do sujeito e da história (PÉCHEUX, 1997) são desveladas, podemos compreender como o acontecimento de 20 de maio de 1989, bem como todo o aparato e ornamentação montados em torno desse acontecimento, apagam o fato de que o Estado do Tocantins é resultado contínuo de um esforço histórico e coletivo que não acabou, mas que se coloca como acontecimento isolado e finalizado, pelas placas de Proclamação (figura 1) e da construção da capital definitiva do Estado do Tocantins (figura 2), materialidades simbólicas das lentes legitimadoras do projeto de poder político (SOARES, 2022b).

Considerações finais

Após esse percurso analítico, no qual a interdiscursividade foi acionada, para se compreender, na intradiscursividade, como o acontecimento de 20 de maio de 1989 ressignifica o conceito de fundação enquanto um ato sagrado, observa-se a configuração e o trabalho do silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007) em enunciados verbais e não verbais. O Monumento aos Pioneiros de Palmas, considerando sua disposição na totalidade (as pedras que sustentam as duas placas, figuras 1 e 2 e seus dizeres) representa a materialização do discurso fundador; une, pela interdiscursividade, as memórias da luta travada pelo Movimento Separatista do Norte de Goiás, 1821-1988 (CAVALCANTE, 1990) e um passado não tão distante que remonta ao marco histórico da fundação da capital, Palmas.

Ambas as placas estão dispostas de modo a representar o (des)contínuo da história, todavia, a partir do auxílio dos dispositivos analíticos empregados nesse empreendimento, foi possível outra percepção: uma placa aponta para uma luta malsucedida (figura 1) a outra, para uma consolidação dessa luta (figura 2). Assim, constata-se que o Monumento aos Pioneiros de Palmas configura-se no seu total como uma enunciação entrecruzada de elementos verbais e não verbais os quais, na balança do projeto de poder político do sujeito Siqueira Campos (SOARES, 2022b), a imagem desse sujeito se destaca das demais figuras da luta pelo Estado do Tocantins, pois seu nome encontra-se cunhado não na placa de uma proclamação fracassada, mas de uma fundação bem-sucedida. Ora, não é por acaso que os dizeres “o governador Siqueira Campos deu início a construção da capital definitiva do Estado do Tocantins, Palmas” encontra-se cunhado com letras capitais, no centro da placa de criação (figura 2) enquanto os demais representantes da luta aparecem no final da outra placa (figura 1) com menos relevo.

Diante dos apagamentos referencial e simbólico, engendrados no Monumento aos Pioneiros de Palmas, surge a projeção do sucesso político (BOUCHER; SOARES, 2020) como um efeito secundário do discurso fundador (ORLANDI, 2001), endereçado aos cristãos (COURTINE, 2014), porquanto, como pôde ser também verificado, o discurso religioso perpassa todo o cerimonial, incluindo os dizeres das placas e a missa, marco da realização religiosa, no dia 20 de maio de 1989.

Através desse entrelaçamento discursivo, emerge-se “o efeito de realidade do pensamento” (ORLANDI, 2001, p. 7), sendo estabelecido as projeções ilusórias de que a criação do estado tocantinense dá-se, como já mencionamos, a um só tempo e a uma só tomada de decisão. Em outros termos, na formação imaginária acerca da fundação da capital do Tocantins, o discurso fundador trabalha de forma sutil no silenciamento das memórias sobre a fundação, as quais constituem a historicidade. As placas, separadas, significam a cronologia histórica de um tempo de luta e de um tempo de conquista, no entanto, pela relação de sentido, uma (figura 2) é a resposta da outra (figura 1). Assim é possível perceber que a placa de criação da capital definitiva (figura 2) responde às forças políticas antagonicas e simboliza o marco da conquista política de Siqueira Campos.

Diante dessas reflexões que possibilitaram a relativização da fundação da capital do Tocantins, dissipando a transparência de sujeitos e de sentido se atribuindo o ato fundador ao sujeito político Siqueira Campos, a Placa de Proclamação do Monumento aos Pioneiros de Palmas silencia constitutivamente (ORLANDI, 2007) os sujeitos que lutaram pela emancipação do Norte goiano (PALACIM; MORAES, 1979), colocando-os como o símbolo de uma luta fracassada (ALENCASTRE, 1979). Essa dinâmica descritivo-interpretativa, também possibilitou observar o funcionamento das forças que regulam as redes ideológicas dos discursos fundador e religioso no Tocantins. Pelo discurso religioso e pela configuração dos enunciados verbais e não verbais que se configuram no Monumento aos Pioneiros de Palmas, observaram-se os efeitos que projetam a imagem de Siqueira Campos como um salvador, ou melhor, como um sujeito capaz de realizar profecias e de trazer “a felicidade ao povo”, alvo final do discurso fundador.

Por fim, o ato descritivo-interpretativo acerca da Placa de Proclamação, possibilitou a percepção da regularidade de outros efeitos, especificamente o efeito de carisma (SOARES, 2022c) na configuração semântica da Proclamação, na qual o chamamento “Habitantes da Comarca da Palma” e sintagmas como “vossa felicidade” e “felicidade geral da nação” fazem parte de uma interdiscursividade constitutiva dos discursos políticos. Assim, Soares (2022c) assevera que:

O carisma, para além de um vocábulo insólito, é uma força capaz de convencer. Suas origens e seu próprio funcionamento permanecem um tanto quanto insondáveis, já que seu caráter extraordinário, não quantitativo e pouco investigado fora do âmbito do poder político e religioso torna-o uma perspectiva de dominação sem amarras ou grilhões aparentemente perceptíveis (SOARES, 2022c, 394).

Considerando o que foi dito sobre o carisma no recorte acima, o sujeito idealizador do Monumento aos Pioneiros de Palmas, mesmo não se fazendo presente na Placa de Proclamação (figura 1) se desponta na Placa da criação da capital definitiva do Tocantins (figura 2), tornando-se figura central no acontecimento discursivo de 20 de maio de 1989. Muitas vezes denominado de “Siquerido” por seus correligionários, o sujeito fundador do Estado do Tocantins é atravessado pelos efeitos do carisma, porquanto, na metáfora da salvação, engendrada pelo discurso fundador, o salvador, ou melhor, o sujeito fundador precisa ser aquele que mantém “o desempenho do poder, pois a ordem, o respeito, e a subserviência são equilibradas pela imagem gerada por alguém que reflete a fama de “grande homem, de excelente ânimo e de virtuoso” (SOARES, 2022c, p. 394-395).

Portanto, é preciso reconhecer a importância da continuidade das pesquisas sobre o discurso fundador acerca do Norte e de suas implicações para a percepção da história do Tocantins, enquanto um discurso político ramificado pelos pré-construídos da formação discursiva religiosa. Espera-se, dessa maneira, que a análise empreendida possa fomentar a pesquisa sobre o discurso fundador do Norte do Tocantins nos campos epistemológicos da História e da Sociologia, lançando luz às várias reflexões sócio-políticas as quais contribuem para o entendimento do processo de fundação de Palmas, capital do Estado do Tocantins.

Referências

- ACHARD, Pierre. Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-63.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Anais da Província de Goiás. Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.
- ARAÚJO, Thaise de Sousa. Proclamação da República: a instalação do novo regime político no Brasil. **Humana Res**, v. 1, n. 1, 2019, p. 41 - 50. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/download/9/1/>. Acesso em 20 ago. 2023.
- BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do sucesso político nos dizeres de Donald Trump. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 6, n. especial, p. 228–243, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9967>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- BRASIL. Congresso Nacional. Falas do Trono: desde o ano de 1823 até o ano de 1889: acompanhadas dos respectivos votos de graça da Câmara Temporária: é [sic] de diferentes informações e esclarecimentos sobre todas as sessões extraordinárias, adiamentos, dissoluções, sessões secretas e fusões, com um quadro das épocas e motivos que deram lugar a reunião das duas Câmaras e competente histórico / coligidas na Secretaria da Câmara dos Deputados; prefácio de João Bosco Bezerra Bonfim e Pedro Calmon. —Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2019. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/562127/Falas do Trono 1823-1889.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/562127/Falas_do_Trono_1823-1889.pdf). Acesso em 20 ago. 2023.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Tocantins: **O Movimento Separatista do Norte de Goiás**, 1821-1988 — Goiás: Luiz Palacim, 1990. f. 332. Dissertação (Mestrado) — História, Departamento de História da Universidade de Goiás, 1990.
- COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.
- DOCUMENTA TOCANTINS. Palmas primeira missa 20 06 1989, YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oho1pQyxY3c>. Acesso em 19 ago. 2023.
- HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Trad. João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, SP (19): p. 43 – 64, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825/4546>. Acesso em 6 set. 2021.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 2 ed., 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.
- PALACIN, Luís, MORAES, Maria Augusta Sant’anna. **História de Goiás** (1722 – 1972) 5º ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 1989.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagem, discurso [1971]. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61 – 161.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

RAND, Ayn. **Capitalismo:** el ideal desconocido. Trad. Luis Kofman. Buenos Aires: Grito Sagrado Editorial, 2009.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico:** conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, T. B. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento da Análise do Discurso. In. BUTTURI Junior, Atilio; BRAGA, Sandro; SOARES, Thiago Barbosa (org.). **No campo discursivo:** teoria e análise. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 167 – 187.

SOARES, Thiago. Barbosa. O contraste no discurso do sucesso: a diametralidade discursiva do enunciado “oposto”. **Revista Porto das Letras**, Vol. 07, Nº 01. 2021. p. 98-115. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11300>. Acesso em: 11/06/2021.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo:** heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022a.

SOARES, Thiago Barbosa. Uma análise das imagens de si no pronunciamento de posse presidencial de Jair Messias Bolsonaro: um (im)provável Presidente do Brasil. In: SILVA, ANTONIO, Edson Alves da (org.). **Discurso político na pós-modernidade.** Tutóia, MA: Diálogos, 2022b.

SOARES, Thiago. Barbosa. Uma força sem “origens”: o carisma em Saul Goodman. **Caderno de Letras**, n. 42, p. 393 – 405, 1 abr. 2022c.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO DE SABERES: SOBRE INDÍCIOS DE PRÁTICAS EDUCATIVAS CRIATIVAS EM AULAS DE PORTUGUÊS

José Amilsom Rodrigues Vieira⁵

Maria José de Pinho⁶

Resumo

Pensar a criatividade na prática educativa supõe focalizá-la sob a perspectiva transdisciplinar, que supera a tradicional dicotomia professor/aluno e permite ressignificar os lugares que esses sujeitos ocupam no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, cabe ao professor tornar a sala de aula um ambiente dialógico, no qual o aluno possa sentipensar a aprendizagem. Em razão disso, analisa-se, neste artigo, o fazer pedagógico de uma professora de Língua Portuguesa de uma escola pública de Araguaína-TO, objetivando-se identificar indícios de práticas educativas criativas. Para tanto, mobilizaram-se saberes próprios da transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999), da perspectiva sociocultural da criatividade (TORRE, 2002, 2008, 2011, 2012) e da teoria do sentipensar (MORAES; TORRE, 2002, 2004). A análise dos dados, gerados por notas de campo, permite constatar indícios de prática educativa criativa, haja vista que a colaboradora do estudo busca assegurar, por meio de um exercício transdisciplinar, um clima favorável ao sentipensamento e de estímulo ao aprendizado.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Criatividade. Sentipensamento. Construção de saberes.

Abstract

To think about creativity in educational practice implies focusing on it from a transdisciplinary perspective, which surpasses the traditional teacher/student dichotomy and allows (re)signifying the roles these individuals occupy in the teaching-learning process. In this sense, it is up to the teacher to make the classroom a dialogic environment, in which the student can sentipensar the learning. Therefore, this article analyzes the pedagogical work of a Portuguese language teacher in a public school in Araguaína-TO, aiming to identify indications of creative educational practices. To do so, we mobilize knowledge from transdisciplinarity (NICOLESCU, 1999), the sociocultural perspective of creativity (TORRE, 2012), and the theory of sentipensar (MORAES; TORRE, 2004). The analysis of the data, generated by field notes, allows verifying indications of creative educational practice since the study's collaborator seeks to ensure, through a transdisciplinary exercise, a climate favorable to sentipensamento and to stimulate learning.

Keywords: Transdisciplinarity. Creativity. Sentipensamento. Building of knowledge.

Introdução

No âmbito do saber escolar, a criatividade envolve mais do que a mera observação do professor diante da iniciativa do aluno, o ato da descoberta pura e simples. Ela abarca ações que suscitam a criação e o acompanhamento necessários para que o aluno se desenvolva e alcance níveis elevados de autonomia e liberdade. Faz-se necessário, contudo, que esses saberes escolares estejam relacionados à vida do educando, de modo que os sentidos do mundo e das relações com ele possam ser compreendidos, recriados, reformulados e readaptados pela apreensão do conhecimento, e não apenas reproduzidos.

⁵ Mestre em Letras/UFT. Professor convidado do Colegiado de Física/UFNT.

⁶Doutora em Educação e professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT.

Pensar a criatividade na prática educativa implica focalizá-la sob a perspectiva transdisciplinar, que supera a tradicional dicotomia professor/aluno e permite, nas palavras de Vieira e Pinho (2019), (re)significar os lugares que ambos ocupam no processo ensino-aprendizagem, não mais os concebendo, respectivamente, como o sujeito que ensina e o sujeito que aprende. Nesse aspecto, cabe ao professor tornar a sala de aula um ambiente dialógico, no qual o aluno possa sentipensar a aprendizagem. Em razão disso, analisamos, neste artigo⁷, o fazer pedagógico de uma professora de Língua Portuguesa de uma escola pública de Araguaína, estado do Tocantins, com o objetivo de identificar indícios de práticas educativas criativas.

Para tanto, dividimos este texto, excetuando-se esta introdução e as considerações finais, nas seguintes seções: a) *A unidade do pensamento* – tematiza particularidades da abordagem transdisciplinar; b) *Criatividade como potencial humano* – situa a educação inovada como o princípio fundamental para o desenvolvimento do ser humano; c) *O professor criativo* – situa o professor criativo como aquele que desenvolve as mais diversas potencialidades humanas; d) *Sentipensamento e prática docente* – propõe que a inteireza do ser humano se manifesta no entrelaçamento das ações, pensamentos, emoções e sentimentos; e) *Diálogo e construção de saberes* – apresenta a análise e a discussão dos dados.

A unidade do pensamento

No século XX, conforme observam Suanno, J. *et al.* (2011), cientistas, epistemologistas e educadores, diante dos limites da perspectiva disciplinar, propuseram a ruptura com o conhecimento fragmentado a partir do entrelaçamento entre as disciplinas: a postura interdisciplinar. A interdisciplinaridade, esclarece Fazenda (2006, p. 43), “leva todo especialista a reconhecer os limites de seu saber para acolher as contribuições de outras disciplinas”. Ainda nesse século, prossegue Suanno, J. *et al.* (2011), no I Seminário Internacional sobre a Pluri⁸e a Interdisciplinaridade, na Universidade de Nice (França), Jean Piaget propôs outro enfoque ao diálogo entre as disciplinas: a perspectiva transdisciplinar.

A abordagem transdisciplinar emerge na contemporaneidade da necessidade epistemológica, metodológica e ontológica de responder com competência aos novos desafios, cada vez mais complexos (PETRAGLIA, 2015). Nas palavras de Nicolescu (1999, p. 53, destaques do autor), a transdisciplinaridade,

Como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do pensamento.

A transdisciplinaridade, portanto, visa a ir além das fronteiras disciplinares buscando a superação da fragmentação do conhecimento imposta pelo paradigma newtoniano-cartesiano. Todavia, “a transdisciplinaridade não nega a disciplinaridade e a interdisciplinaridade, as incorpora e, também, amplia as relações com o conhecimento e com a vida” (SUANNO, J., 2015, p. 110). Ou seja, as abordagens trans e disciplinar se complementam: “[...] a transdisciplinaridade não procura a maestria de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa” (CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994, n. p.). Ademais, a transdisciplinaridade leva em consideração a importância de compreender os fenômenos complexos a partir de uma racionalidade aberta, multidimensional em que transcendem os campos disciplinares, propiciando o religar dos saberes e o diálogo com os diversos saberes.

⁷ Trata-se de recorte de capítulo de livro, com algumas alterações. Ver: Inovando a aula: considerações sobre a relação professor-aluno. In: PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique (org.). *Formação de professores e interdisciplinaridade: diálogo investigativo em construção*. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014. p. 143-160.

⁸ Conforme Nicolescu (1999, p. 52), “a pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo”.

Por fim, Nicolescu (1999) esclarece que as palavras *três* e *trans* têm a mesma raiz etimológica: ‘três’ significa ‘a transgressão do dois, o que vai além do dois’. A transdisciplinaridade, nesse sentido, constitui-se em uma transgressão da dualidade que caracteriza pares binários como sujeito/objeto, subjetividade/objetividade e reducionismo/holismo. Trata-se de uma transgressão generalizada, por isso abrangendo um espaço ilimitado de liberdade, de conhecimento, de tolerância e de amor. No contexto de rupturas com a lógica binária é que a criatividade e a inovação adquirem novas significações. De um lado porque não mais subsiste a dicotomia sujeito criativo/não criativo, inovador/não inovador; de outro porque a criatividade, da qual deriva a inovação, não permite ambições individuais.

Criatividade como potencial humano

Muitas são as propostas de definição para o termo criatividade, esclarece Alencar (1995). Não focalizaremos aqui a diversidade de definições que envolvem a temática da ação criativa, na medida em que o *enfoque sociocultural*, proposto por Torre (2012), contempla os intentos deste trabalho. Para o autor, criatividade pode ser definida como “potencial humano para gerar ideias novas e comunicá-las” (TORRE, 2012, p. 66). Esse autor também nos diz que, no mundo atual, a criatividade constitui marco divisório entre a estagnação e a ação inovadora. E inovação, conforme sua definição, manifesta-se como “o processo de gestão de mudanças específicas (em ideias, materiais ou práticas do currículo) até sua consolidação, com vistas ao crescimento pessoal e institucional” (TORRE, 2012, p. 18, parênteses do autor).

No âmbito da educação formal, a inovação apresenta-se como “processo dinâmico e aberto, de caráter multidimensional e complexo” (TORRE, 2012, p. 99). Inserido em uma realidade sociocultural e humana, esse processo objetiva tanto os crescimentos pessoal e institucional quanto a melhoria social. Não se trata de um processo mecânico ou tecnológico, esclarece o autor, mas social e humano, que incide sobre hábitos, regras e atitudes dos agentes envolvidos. Criatividade nos contextos escolares, por sua vez, constata-se quando tais agentes utilizam suas potencialidades para gerar novos valores, climas positivos, projetos e inovações que permitem de igual modo o crescimento pessoal e o institucional.

Nesse sentido, a educação inovada é aquela que tem como princípio fundamental o desenvolvimento do ser humano. “O ensino vai além das paredes das salas de aula”, para atingir experiências significativas da vida dos alunos, com foco em uma aprendizagem significativa, imaginativa, integral e especialmente de forma compartilhada e responsável, conforme nos orientam Torre e Pujol (2013, p. 27), ao tematizarem *a escola que queremos para o novo milênio*. Essa escola, depreendemos, abriga um ensino com orientação à transdisciplinaridade, por isso com as condições necessárias ao desenvolvimento da criatividade docente.

O professor criativo

O professor tem função preponderante no processo ensino-aprendizagem, haja vista sua função de mediador entre o currículo e seus destinatários, que, por sua vez, também são mediadores de sua própria aprendizagem. Essa mediação, em uma perspectiva cultural mais moderna, perpassa a transmissão de valores, para promover o desenvolvimento do aluno, diz Tejada (2002). Alargando esse entendimento, Torre (2002, p. 81, *itálico no original*) afirma ser esse o professor que queremos para o século XXI: “*Um professor inovador e criativo que facilite o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas*”, que seja capaz de transformar a sala de aula em ambiente que estimule o aluno a implicar-se em um processo de autoaprendizagem.

Mas como se definem os professores criativos? É **Torrance (1976)**, citado por Torre (2008, p. 84), quem traz luz a essa indagação:

Os professores criativos aceitam as ideias dos alunos sem objeção e parecem incorporá-las mais facilmente ao curso da discussão. Da mesma forma, utilizam muitos exemplos estimulantes, apresentados de forma diversa. Lançam mão da lousa, de leituras pessoais dos alunos, do que se encontra nos quadros de avisos, de relatos.

Um professor criativo, nessa perspectiva, é um profissional competente em sua área, capaz de analisar, resolver problemas, sugerir melhorias, criar e inovar, ou seja, um profissional da educação que deve buscar ser inovador e criativo a todo instante. Além disso, o professor deve ter o domínio do conteúdo e das estratégias didáticas apropriadas para fazer com que os alunos se interessem em aprender. Essa seria a chave para a inovação da prática docente.

Considerando os pontos propostos por Hallmann (1975) e coletados por Heinelt (1979), Torre (2008) põe em destaque alguns traços comuns à conduta do professor que apresenta criatividade em sua prática: promove a aprendizagem por meio da descoberta; incita à superaprendizagem e à autodisciplina; estimula os processos intelectuais criativos; diversifica o juízo; promove a flexibilidade intelectual; induz à autoavaliação do próprio rendimento; ajuda o aluno a ser mais sensível; incita com perguntas divergentes; aproxima à realidade e ao manuseio das coisas; ajuda a superar os fracassos; induz a perceber estruturas totais; adota uma postura mais democrática do que autoritária.

Essas características, que aqui se apresentam em linhas gerais, esclarece o autor, não prescindem de uma postura que seja capaz de desenvolver no aluno atributos mais específicos da criatividade, como a originalidade e a inventividade, além da sensibilidade e da tolerância, próprios de sua dimensão atitudinal. A transdisciplinaridade, podemos dizer a partir de Nicolescu (1999), permite que o professor (res)signifique a sua relação com o aluno para além da mera transmissão de saberes, essa quase sempre excessivamente impessoal, às vezes até mesmo autoritária. Por assim ser, o professor criativo compreende essa relação como um encontro entre pessoas, sujeitos dotados não apenas de pensamentos, mas também de sentimentos, e que ambas as dimensões são mobilizadas na e para a (des)construção de saberes.

Sentipensamento e prática docente

Conforme Dittrich (2011, p. 103), “no mundo moderno, o endeusamento da razão desprestigiou a emoção”. A autora, entretanto, assinala que essa afirmação não significa defender que a segunda seja mais ou menos importante que a primeira nos processos de criação e de conhecimento. Explícita, nesse sentido, que a questão é que razão e emoção são elementos constitutivos das ações humanas. Em movimento contrário a esse entendimento, a escola, mantendo a sua função de transmissora de conhecimentos, nega-se a uma educação que compreenda o ser humano em sua totalidade, ou como bem assinalam Moraes e Torre (2004), uma educação em que pensamento, ação e emoção se encontrem em diálogo permanente, uma educação orientada ao *sentipensamento*, portanto.

O termo *sentipensar*, esclarecem Moraes e Torre (2004), nomeia o processo que põe em ação simultânea e indissociável pensamento e sentimento, com vistas à interpretação da realidade. Nessa fusão, encontram-se entrelaçados ações, pensamentos, emoções e sentimentos, constituindo uma dinâmica processual em que o ser humano se manifesta em sua inteireza. Educar no *sentipensar*, dessa forma, “educar não somente para o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, mas, sobretudo, para a ‘escuta dos sentimentos’ e ‘abertura do coração’” (MORAES; TORRE, 2002, p. 16, aspas dos autores), o que estabelecerá uma aliança entre o racional e o intuitivo, o contemplativo e o empírico, a integração hemisférica.

O *sentipensar*, associado às emoções, gera um campo de ação, o qual, para os autores, referendados em Maturana (1999), torna evidente “que todas as ações humanas têm por base as emoções, os sentimentos e pensamentos que emergem do ser humano” (MORAES; TORRE, 2002, p. 9). Para os autores, ainda citando Maturana (1999), muda-se a emoção e muda-se o domínio da ação e da reflexão. Acrescentam que os ambientes educacionais devem ser reconhecidos como espaços de ação/reflexão balizados na dimensão emocional do educando, nos sentimentos que são gerados na convivência. Nessas condições, teremos práticas pedagógicas formadoras de uma razão-afetivo-sensível, que, conforme Magalhães (2011), é capaz de promover uma ampla visão do ser humano.

Diálogo e construção de saberes

Na educação de orientação transdisciplinar, o professor criativo é aquele que assume o desafio de (res)significar sua relação não apenas com o conhecimento, mas também com o aluno, o Outro, que, na tradição escolar, tem sido visto como racional em sua essência, negligenciado em outras dimensões, como o seu sentipensar. Nesse sentido, a criatividade docente tem como ponto de partida a criação de um ambiente dialógico, em oposição à concepção de educação bancária, na qual, segundo Freire (2008), o professor se coloca como o sujeito que tudo sabe, negando ao aluno o protagonismo na construção de saberes.

Por ser assim, e com o objetivo de identificar indícios de prática educativa criativa em uma escola da rede oficial de ensino do município de Araguaína, estado do Tocantins, analisamos, a seguir, recorte de observação de aula de uma professora⁹ de Língua Portuguesa de uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Os dados em análise foram gerados por meio de notas de campo e integram pesquisa de mestrado intitulada “Nem pedra nem vidraça: um estudo sobre indícios de práticas educativas criativas no ensino de português no âmbito dos anos finais do ensino fundamental”.

Diário de campo

A professora questiona os alunos sobre os prejuízos advindos do uso da Internet. ‘Financeiro’, professora, diz um aluno. A professora, nesse sentido, destaca aspectos como a qualidade do produto anunciado, cumprimento do prazo de entrega, a utilização indevida de dados pessoais, interceptação de dados bancários etc. À medida que a professora vai falando, os alunos fazem perguntas, exemplificam situações relacionadas ao dia a dia. [...]. ‘Professora tem gente que copia os dados do cartão de crédito dos outro pra fazê compras’. ‘É, tem que tê cuidado com as senha’, complementa outro aluno. [...]. ‘Professora, tem muita reclamação de compra no computador, não é?’. ‘Sim. Por isso que primeiro é bom saber em qual site você está comprando.’ [...]. A professora chama à atenção para os riscos que envolvem as redes sociais. ‘Se é difícil a interação olho no olho, imaginem com alguém que você não conhece’, adverte. [...]. ‘Professora, tem menina que mente a idade’, diz um aluno. ‘Sim. E do outro lado há adultos mal-intencionados que mentem a idade para poder conquistar a confiança da criança ou do adolescente’, complementa a professora. [...]. A professora chama a atenção para a associação das redes sociais com a pedofilia, enfatizando que crianças e adolescentes devem ter cuidado extremo com suas relações via Internet. [...]. ‘Professora, de vez em quando tem esses casos na televisão, né?’. ‘Sim. E vocês têm que pensar sobre isso. Dá pra adicionar qualquer um? Não, não dá. É muito arriscado falar com alguém que você não conhece’.

⁹ Por questões éticas, nossa colaboradora será identificada pelo codinome Lívia Sousa.

Conforme Bellón (2013), é a educação que transforma o mundo. Mas o que se tem constatado é que essa mesma transformação não tem colocado o aluno no centro das práticas de ensino de aprendizagem. A ação educativa inovadora, de orientação transdisciplinar, é aquela que coloca o ser humano como seu centro fundante (DITTRICH, 2011), instaurando um processo em que, segundo Torre (2011, p. 72), o professor desenvolve “uma consciência de entrega, de ajuda, de dar aos demais algo de si ao considerar que contribuir é um dom gratuito e não fruto de um processo racional ou de capacitação, senão de impacto, de revelação interior”.

No fragmento em análise, essa capacidade de entrega se traduz pela abertura ao diálogo apresentada pela professora Lívia Sousa. Podemos observar que ela não se coloca na condição de quem tudo sabe. Ao contrário, opta por assumir uma relação dialógica com seus alunos, na qual, em consonância com a perspectiva de Freire (2008), o educando não é conduzido a memorizar conteúdos, para posteriormente recitá-los, mas convidado a conhecê-los, sob uma dinâmica voltada à sua ressignificação.

O diálogo, segundo Suanno, M.(2011, p. 203), constitui-se em “uma atitude de escuta recíproca, que, paulatinamente, vai construindo compreensões acerca do objeto dialogado”. Os autores acrescentam que o exercício do diálogo rompe o ciclo cópia/reprodução, haja vista que permite ao aluno comunicar suas aprendizagens. Nesse sentido, a sala de aula se torna um espaço de reflexão/ação, em que o sentipensamento auxilia na interpretação da realidade e, por isso, promove aberturas à construção do conhecimento.

Ao abrir espaço à discussão, a professora Lívia Sousa indica, portanto, intento de perpassar o mero exame parcial do conteúdo, estabelecendo relação entre ele e a realidade, para que o aluno possa, de fato, atribuir-lhe sentidos. Utilizando-se dessa estratégia, o professor induz o aluno a perceber estruturas totais (TORRE, 2008), para que esse possa mobilizar seus conhecimentos prévios, fazer relações. O professor criativo, esclarecem Torre e Pujol (2013), é aquele que consegue mover os conteúdos para além da sala de aula.

Morales (2006) assinala que “a conduta do professor influi sobre a motivação e a dedicação do aluno ao aprendizado”. Na atitude da professora Lívia Sousa, os alunos reconheceram espaço para o exercício de coautoria na construção de seus saberes. Assim procedendo, a professora promove aquilo que Torre (2008) define como flexibilidade intelectual, segundo a qual, no jogo do dizer e do ouvir, o aluno aprende a diversificar o seu ponto de vista, aceitar como legítimas opiniões adversas às suas. Em práticas dessa natureza, em que o aluno tem participação ativa e intensa no processo de aprendizagem, em um ambiente caracterizado por trocas permanentes entre professor e aluno, temos, segundo Suanno, J. *et al.* (2011), a democratização do saber.

Considerações finais

A escola que queremos, segundo Torre e Pujol (2013), estrutura-se no discurso do desenvolvimento humano e na criatividade, sob a compreensão de que ensinar e aprender são práticas que devem se desenvolver de modo crítico, criativo e socializado. A educação, nesse sentido, deve se firmar como prática social capaz de transformar a sociedade, (re)significando seus valores, atitudes e promovendo inclusão social e novas releituras da realidade e dos processos integradores de aprendizagem. Por ser uma instituição educacional, acreditamos que a escola deve proporcionar conhecimentos mais relevantes e disseminar, espalhar, difundir ideias e valores de grande relevância social.

Nesse contexto, é essencial a atuação de professores criativos, capazes de se relacionar com seus alunos de forma dialógica, dinâmica, ativa, promovendo a flexibilidade intelectual e o estímulo à aprendizagem por meio do sentipensamento e da descoberta. Sob esse aspecto, e conforme o objetivo proposto, podemos afirmar que o resultado deste estudo sugere indícios de prática educativa criativa no fazer pedagógico da professora Livia Sousa, haja vista que adota, diante da construção de saberes, uma atitude aberta, flexível, democrática, buscando assegurar, por meio de um exercício transdisciplinar, um clima favorável ao aprendizado, e não à mera transmissão de conteúdo.

Referências

- ALENCAR, E. M. L. **Criatividade**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- BELLÓN, F. M. A escola galática, uma escola criativa transformadora: uma nova consciência. *In*: TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.; SOUSA e SILVA, V. L. (coord.). **Inovando na sala de aula: instituições transformadoras**. Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 32-51.
- CARTA DE TRANSDISCIPLINARIDADE. **Primeiro Congresso Mundial Da Transdisciplinaridade**. Portugal, Convento de Arrábida, novembro de 1994.
- DITTRICH, M. G. A criatividade na teoria do corpo-criante: um ponto de partida à transdisciplinaridade e à inovação no ensinar. *In*: TORRE, S. de la; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, E. C. (coord.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 99-122.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- MAGALHÃES, S. M. O. Afetar e sensibilizar na Educação: uma proposta transdisciplinar. **Revista Linhas Críticas**, v. 17, n. 32, p. 163-181, 2011.
- MORAES, C. M.; TORRE, S. de la. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- MORAES, C. M.; TORRE, S. de la. **Sentipensar sob o olhar autopoético: estratégias para reencantar a educação**. São Paulo: PUC, 2002. Disponível em: http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/sentipensar_autopoietico.pdf. Acesso em: 3 set. 2013.
- MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. 3. ed. São Paulo: Triom, 1999.
- PETRAGLIA, I. Educação e complexidade – os sete saberes na prática pedagógica. *In*: MORAES, M. C.; ALMEIDA, M. C. (org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak, 2015. p. 129-147.
- SUANNO, J. H. *et al.* Estratégias criativas para a educação do presente: a transcomplexidade como possibilidade no ensino. *In*: TORRE, S. de la; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, E. C. (coord.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 219-236.
- SUANNO, J. H. Transdisciplinaridade, criatividade e o terceiro incluído na formação de professores. *In*: BEHRENS, M. A.; ENS, R. T. (org.). **Complexidade e transdisciplinaridade: novas perspectivas teóricas e práticas para a formação de professores**. Curitiba: Appris, 2015. p. 107-121.
- SUANNO, M. V. R. Universidade em contexto de supercomplexidade: práticas pedagógicas em movimento. *In*: TORRE, S. de la; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, E. C. (coord.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 201-218.
- TEJADA, J. Perfil docente e modelos de formação. *In*: TORRE, S. de la; BARRIOS, O. (org.). **Curso de formação para educadores: estratégias didáticas inovadoras**. São Paulo: Madras, 2002. p. 19-44.
- TORRE, S. de la. **Instituciones educativas creativas: instrumento para valorar el desarrollo creativo de las instituciones educativas (VADECRIE)**. Sevilla: Círculo rojo, 2012.
- TORRE, S. de la. Adversidade e diversidade criadoras: desenvolvendo outra consciência. *In*: TORRE, S. de la; ZWIEREWICZ, M.; FURLANETTO, E. C. (coord.). **Formação docente e pesquisa transdisciplinar: criar e inovar com outra consciência**. Blumenau: Nova Letra, 2011. p. 47-74.

TORRE, S. de la. **Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa.** São Paulo: Madras, 2008.

TORRE, S. de la. O professor que queremos: professores inovadores e criativos. *In:* TORRE, S. de la; BARRIOS, O. (org.). **Curso de formação para educadores: estratégias didáticas inovadoras.** São Paulo: Madras, 2002. p. 81-89.

TORRE, S. de la; PUJOL, M. A. A escola que queremos: escolas de desenvolvimento humano. *In:* TORRE, S. de la; PUJOL, M. A.; SOUSA e SILVA, V. L. (coord.). **Inovando na sala de aula: instituições transformadoras.** Blumenau: Nova Letra, 2013. p. 13-31.

VIEIRA, J. A. R.; PINHO, M. J. “Continue a leitura”: sobre a tolerância docente na relação professor-aluno. **Revista Querubim**, Niterói, ano 15, v. 3, n. 39, p. 26-33, out. 2019. Disponível em: http://www.revistaquerubim.uff.br/images/arquivos/zzquerubim_39_vol_3.pdf. Acesso em: 5 nov. 2019.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

A REPRESENTAÇÃO RACIAL DA PERSONAGEM FABIANO, DA OBRA VIDAS SECAS, COMO NÃO-BRANCO

Marcelly Alves da Rosa¹⁰

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma análise sobre a representação racial da personagem Fabiano da obra *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, levando em conta a questão socioeconômica em que a personagem está inserida. Pretendemos, com isso, mostrar como a pobreza e a miséria servem de indícios para a caracterização da personagem como não-branca. O trabalho também apresenta a linguagem como um determinante racial, uma vez que a dita boa comunicação é vista como associada à norma utilizada, predominantemente, pelo homem branco. A obra de Graciliano Ramos serve como uma base contrastante para o estudo das representações sociorraciais na literatura, que o presente artigo busca abordar. Daremos enfoque na descrição explícita e implícita da personagem dentro da obra relacionadas aos fatores de comunicação/linguagem e situação socioeconômica. A partir da análise proposta neste artigo, esperamos assim colaborar para o entendimento da obra literária como um recurso para análise literária e sociológica

Palavras-chave: Vidas Secas. Socioeconômica. Representação Racial.

Abstrac

The present work is an analysis on the racial representation of the character Fabiano of the work *Vidas Secas* (1938), by Graciliano Ramos, taking into account the socio-economic question in which the character is inserted. We intend, with this, to show how poverty and misery serve as clues for characterizing the character as non-white. The work also presents language as a racial determinant, since said good communication is seen as associated with the norm used, predominantly, by the white man. The work of Graciliano Ramos serves as a contrasting basis for the study of socio-racial representations in literature, which this article seeks to address. We will focus on the explicit and implicit description of the character within the work related to communication/language factors and socio-economic situation. From the analysis proposed in this article, we hope to collaborate to the understanding of literary work as a resource for literary and sociological analysis.

Keywords: Vidas Secas. Socio-economic. Racial Representation.

INTRODUÇÃO

A personagem Fabiano recebe uma descrição de suas características físicas, sua aparência, de primeiro, analisando a descrição, a personagem aparenta ser branco, mas no decorrer da obra, nas suas declarações implícitas e explícitas, vê-se que não é bem assim.

Há outros fatores além do fenótipo que caracterizam esta representação racial, sendo assim, a representação do personagem deve ser lida não só a partir dos fenótipos, mas também considerando as questões socioeconômicas, e de domínio da linguagem padrão.

Este trabalho não busca especificar a raça/etnia da personagem, mas mostrar como estas questões, ditas anteriormente, fazem interferência na representação racial, sendo até mais determinantes do que o próprio fenótipo, com aporte teórico e crítico em Fanon (2008) e Silva (2006).

¹⁰Graduada em LETRAS- LITERATURA, na modalidade licenciatura, da Universidade Federal Fluminense. Professora na rede municipal de Maricá, Docente II.

A OBRA “VIDAS SECAS”

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, foi publicada no ano de 1938 pela primeira vez. É uma das obras mais conhecidas do autor e faz parte da segunda fase do modernismo brasileiro (geração 1930). A história narra a vida da família de Fabiano no sertão nordestino, sua história, a passagem pela seca e a dificuldade da vida do retirante.

Graciliano Ramos escreveu a obra durante a década de 30, período em que no Brasil, Getúlio Vargas acabara de instaurar o Estado Novo, um regime autoritário e anticomunista.

Em *Vidas Secas*, Graciliano apresenta uma obra que faz crítica ao autoritarismo, com o episódio do Soldado Amarelo. E também demonstra a exploração que Fabiano sofre pelo dono da fazenda, que rouba nas contas ao cobrar preços abusivos e juro ao funcionário, que na verdade, é tratado como escravo.

Fabiano

No capítulo dois da obra, há a descrição do fenótipo de Fabiano:

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 1938, p.8)

De acordo com a descrição do fenótipo, a personagem entraria na classificação como branco, mas percebe-se que não é bem assim, pois ele próprio “encolhia-se na presença dos brancos”, negando assim, sua relação com eles, não pertencendo ao mesmo grupo racial que os brancos, ademais, o autor refere-se a personagem como cabra, que remete a ideia da mestiçagem entre negro e mulato.

Percebe-se que o autor usa de tal artifício para mostrar que Fabiano não é branco, pois branco entendesse que não é só corresponder os fenótipos, mas está ligado a classe econômica, os brancos eram ricos, tinham boas condições, exerciam bem a comunicação. E o não-branco é aquele que se assemelha ao animal, não tem posses, não comunica-se bem, não há um “bom” uso da retórica. Sendo branco também sinônimo de civilizado.

“Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano.” (RAMOS, 1938, p.8). Neste trecho Fabiano afirma, murmurando que é bicho, corrigindo a frase anterior em que se considerou homem, tal afirmação mostra-se como uma negação ao ser homem branco.

A linguagem como determinante racial

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 2008, p.33)

A linguagem como mostra Fanon é o que faz um homem existir para o outro e com isso a linguagem “transforma-se em instrumento de determinação racial, toda a questão racial, no Brasil, é pautada no homem branco como o certo, ou seja, a sua linguagem é a ideal e deve ser seguida.

As outras línguas, não-europeias, são consideradas inferiores e classificadas como animais. Além disso, aquele que está em contato com o homem branco e não domina sua linguagem certamente é discriminado e não faz parte do grupo racial.

Como no caso de Fabiano, ele mesmo não se considera homem, considera sua comunicação semelhante à dos animais, diz comunicar-se por grunhidos, assemelhando assim sua linguagem ao do animal, já que não se assemelha à linguagem do homem branco.

Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.
(FANON, 2008, p.33)

E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia.
[...]
Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.
(RAMOS, 1938, p.9)

Na primeira citação de Fanon há uma definição do que seria falar, na segunda citação, da obra *Vidas Secas*, há a descrição da fala do personagem Fabiano, vê-se que entre os recortes há um contraste, já que a linguagem falada por Fabiano “cantada ...” não segue as condições que Fanon apresenta para a fala, mas ainda assim é uma fala.

Entretanto, Fabiano reconhece esta fala que Fanon apresenta, e diz admirá-la. Ambos os recortes mostram a relação cultural da linguagem com a questão do ser civilizado, não-animal. No entanto, não é vista como positiva. E isso é uma sutileza importante do pensamento de Fabiano. As palavras do povo da cidade são inúteis e talvez perigosas. É a marca do imaginário rural em relação ao polo urbano da superficialidade, mentira, traição, corrupção etc.

O estado socioeconômico como determinante racial

Fabiano e sua família não têm posses, são retirantes no sertão nordestino. Como dito antes, a personagem Fabiano apresenta, aparentemente, um fenótipo relacionado ao estereótipo de pessoa branca, mas não é considerado assim, pois o fator socioeconômico também mostra o personagem como não-branco.

A vida de retirante tornou sua pele vermelha, queimada de sol, sua pobreza não lhe possibilitou estudo, sendo assim, Fabiano não atinge os critérios apresentados para ser branco, não é civilizado.

Os danos da miséria, o trabalho desgastante, a falta de posses, fazem com que o personagem sofra a exploração do patrão, o autoritarismo do Soldado Amarelo, tudo isso, por ser pobre e não lido como branco.

A pobreza do retirante influi tanto em sua pele, “Vermelho, queimado” (RAMOS, 1938, p.8), assim, não apresentando uma pele alva ou próximo disso, já perdendo assim um pouco do fenótipo branco, mas também fazendo com que não seja civilizado, dentro das normas dos brancos, já que por ser pobre não frequenta os mesmos espaços, não tem os mesmos estudos, não fazendo parte do grupo racial.

As dificuldades de vida passadas por Fabiano não são dificuldades que pessoas brancas enfrentam.

Considerações finais

A obra de Graciliano Ramos joga com a questão racial quanto à caracterização do personagem Fabiano, já que na descrição apresenta um fenótipo branco, mas não há representação social da personagem como pessoa branca, sendo assim fica apenas a ideia de que a personagem seja um não-branco, figura muito comum nas obras regionalista do sertão.

As questões socioeconômicas, as questões de linguagem se mostram na obra como parte de um determinante racial, não que exatamente determine, mas que exclui da categoria de branco.

Tais fatos não são aplicáveis apenas à obra. A linguagem foi um dos determinantes por muitos anos na antropologia, aqueles que não correspondiam a linguagem esperada pelo europeu não eram homens brancos, na maioria das vezes, nem considerados homens. Graciliano Ramos mostra isso em sua obra, juntamente com os embates sociais que os não-brancos enfrentam e sempre enfrentaram.

Referências

Fanon, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 45. ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 1980

SILVA, René Marc da Costa, **O não-branco, o sertão e o pensamento social brasileiro**. Brasília: Prisma: Dir., Pol.Pub. e Mundial, v.3, n, 2, p 427-454, 2006.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

LITERATURA INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA INTERPRETAÇÃO DA OBRA *LÁ E AQUI*

Mariana Batista do Nascimento Silva¹¹

Lucimar Pereira da Costa¹²

Resumo

Neste artigo buscamos discutir a literatura infantil e apresentar uma breve análise do livro *Lá e aqui*. Metodologicamente nos inscrevemos no campo da análise qualitativa e nós apoiamos teoricamente em autores como Candido (2011), Rodrigues (2020) Costa (2009). A literatura infantil é imprescindível à formação humana e, portanto, torna-se cada vez mais relevante discutir seu lugar no campo educacional de maneira a vencer os estigmas que marcaram a relação entre literatura e educação. Desta maneira, apresentamos a obra *Lá e aqui* como um exemplo de texto literário que dialoga com as questões do seu tempo e se constitui como um lugar de construção de identidade, sem, contudo, deixar de ter valor estético.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro *Lá e aqui*. Temas polêmicos.

Abstract

In this article we seek to discuss children's literature and present a brief analysis of the book *Lá e aqui*. Methodologically, we are part of the field of qualitative analysis and theoretically rely on authors such as Candido (2011), Rodrigues (2020) Costa (2009). Children's literature is necessary for human development and, therefore, it becomes increasingly relevant to discuss its place in the educational field in order to overcome the stigmas that marked the relationship between literature and education. In this way, the work *Lá e aqui* is presented as an example of a literary text that dialogues with the issues of its time and constitutes itself as a place of construction of identity, without, however, ceasing to have aesthetic value.

Keywords: Children's Literature, book *Lá e aqui*, controversial topics.

Introdução

A literatura é um direito de todos nós, uma necessidade básica humana assim como alimentação, moradia e vestimentas. A literatura é imprescindível para nossa vida e, de certa maneira, sempre está presente em nossas vivências; desde que nascemos, mesmo que de forma oral, a maioria das pessoas tiveram contato com causos, histórias, lendas e contos que iam passando de geração em geração, muitas vezes até contadas por familiares que eram analfabetos. Segundo Antônio Candido

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. CANDIDO, 2011, p. 176.)

¹¹ Graduada em Letras- licenciatura português/inglês e Doutora em Educação – UFU. Docente efetiva da Universidade Federal de Catalão (UFCat), atuando no curso de Pedagogia nas disciplinas de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Língua portuguesa I e II, Estágio da Educação Infantil, Estágio da Educação Especial; no Mestrado em Educação na linha de Práticas Educativas e Inclusão. Formação de professores.

¹² Pedagoga da rede privada de ensino de Catalão. Participa do grupo de estudos Edule.

Desta forma, é imprescindível que a literatura seja pautada como um direito humano, principalmente em uma sociedade de consumo, em que o bem-estar próprio tende a ser a preocupação central dos sujeitos. É reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós, também é indispensável para o outro. Assim, consideramos a literatura como um bem cultural que não deve ser restrito a um grupo social. A leitura literária oportuniza formação um sujeito crítico, além de contribuir para a organização dos sentimentos e para nosso desenvolvimento. A literatura é uma necessidade universal.

E durante uma vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura, em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabetos ou erudito, como anedota, caso, histórias em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus, até a atenção fixada da novela de televisão. Ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Então, todas as nossas manifestações de sentimentos estão ligadas a literatura, como algo que vimos, assistimos, lemos e acreditamos que é daquela forma que as coisas acontecem, mesmo que foram dramatizadas e internalizadas em nós.

Por isso que nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como instrumento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações, da ficção da poesia e ação dramática. (CANDIDO, 2011, p. 176)

Por meio da literatura é possível interferir na formação da personalidade do indivíduo, tanto sentimental, como em regras a ser impostas, impor regras ou a valorização do algo que se considera correto. Podendo interferir positivamente ou de forma negativa, em aspectos políticos, étnicos ou humanísticas. Por meio da literatura, podemos transformar nossa sociedade, pois ela permite que se reflita sobre si próprio, a vida e o mundo, especialmente a partir de temáticas como diferenças sociais, raciais, religiosas, culturais. A literatura também discute questões polêmicas e problemas sociais de maneira que pode formar sujeitos capazes de perceber, transformar suas realidades e olhar para as questões sociais de maneira crítica.

Nesta perspectiva, é preciso que a literatura esteja presente na formação humana desde a infância. Assim, a escola tem um papel importante nessa formação que deve começar ainda na educação infantil. A literatura destinada às crianças é nomeada como “literatura infantil” e deve ter valor estético assim como a literatura para outras etapas.

Podemos ver a carência da literatura, nos cursos de formação de professores, é muito curto o tempo, para se formar pedagogos também leitores, para que essa prática, seja passada com mais facilidade aos seus futuros alunos.

Essa problemática evidencia-se também em nossa experiência docente no ensino superior, especificamente no curso de Pedagogia, quando acompanhamos os relatos dos alunos que fazem estágios nas escolas e constatarem a pouca presença da literatura infantil no cotidiano de sala de aula, dos primeiros anos de escolarização. Em muitos casos, a literatura infantil é abordada de forma irregular e assistemática, preenchendo de maneira improvisada um vazio pedagógico, sem a preocupação com a formação do leitor. (AMARILHA, 2012, 1999)

Ao contrário do que se pensa, que a literatura é exclusiva do curso de letras, a Literatura Infantil também deveria ser prioridade no curso de Pedagogia, pois enquanto os pedagogos atuam na formação inicial das crianças, os alunos do curso de letras, atuará apenas nos anos finais do ensino fundamental. Desde os primeiros anos de vida da criança, é indispensável a introdução da literatura infantil, pois, através da leitura de histórias atraímos a criança para a leitura e despertamos nelas a curiosidade e a habilidade de ler e conseqüentemente uma melhor escrita.

O primeiro contato com a literatura da criança deveria acontecer em casa, por meio de histórias que os pais contam para seus filhos, os irmãos mais velhos ou outros parentes. O segundo contato das crianças com a literatura seria então na escola, onde é imprescindível que o professor leia para essa criança em voz alta, para abrir caminhos para a curiosidade e interesse pela leitura, de uma forma prazerosa e ascenda o interesse da criança, por sempre querer ler e ouvir mais histórias, tendo assim, um futuro acesso ao conhecimento.

A leitura em voz alta é para mim o caminho mais poderoso do fomento à leitura. É a via ideal, quase perfeita, para o estabelecimento de uma relação amigável com a leitura e com os livros, e, conseqüentemente, para o acesso ao conhecimento. Ainda mais, a leitura em voz alta é a chave para a educação e para o saber, para a construção de cidadãos responsáveis e de uma sociedade melhor. (GIARDINELLI, 2010, p.113)

Enfim, levar a literatura para todas as etapas do ensino é essencial. É importante, porém, que não se tome a literatura como apenas uma atividade pedagógica, é preciso considerar seu valor estético e seu lugar na formação humana, como um direito humano.

Nesta perspectiva, com o objetivo de formar leitores literários críticos, precisamos pensar nos temas polêmicos que vem sendo vetados e tirados do alcance dos alunos, pelo conservadorismo político, cultural e social. Afinal, a literatura não é descolada da vida, desta forma, temas que se configuram como tabu podem e devem ser abordados no universo literário. Quando vetamos o acesso às obras com temas polêmicos tiramos o direito do leitor de exercer sua liberdade e de subjetivar por meio da literatura e ressignificar acontecimentos de sua existência. Exemplo disto é o livro que escolhemos para discutir neste trabalho, *Lá e aqui*, que aborda o tema fim do casamento.

Desta forma, este trabalho se propõe a discutir a literatura infantil e apresentar uma breve análise da obra *Lá e aqui* como objeto de leitura estética e de abordagem de um tema contemporâneo considerado polêmico.

Pressupostos teóricos

Em meados do século XVIII, se iniciou a história da literatura infantil, até então o mundo infantil se misturava ao mundo adulto, não existia um mundo voltado para as crianças, elas usavam roupas iguais dos adultos, compartilhavam dos mesmos ambientes e inclusive trabalhavam. A necessidade de uma literatura voltada para crianças nasce junto com a necessidade de uma separação do mundo infantil, do mundo adulto, mas com caráter educacional pedagógica e não de caráter artístico.

Segundo Cunha (1987, p.20), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”. Isso explica o porquê de ainda hoje encontramos práticas com textos literários que se pautam no moralismo ou no ensino de língua simplesmente.

Ainda é preciso destacar que é relativamente recente no Brasil a percepção de que cada faixa etária tem interesses e habilidades de leitura literária diferentes. De acordo Zilberman (1985), foi na Idade Média que se passou a pensar sobre esta questão. Ainda segundo a autora,

Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (Zilberman,1985, p.13)

Surge então, a partir daí uma nova concepção de família e também de infância, percebendo-se então a necessidade de um mundo voltado para criança e a criação das primeiras literaturas infantis, mas com carácter educacional, através da qual, eram tratados o que era bom de se fazer e o que não era legal e esse carácter de educar através da literatura se repete até os dias de hoje. Mas agora ainda com o agravante de temas polêmicos não poderem ser tratados com as crianças, tirando a possibilidade de uma melhor contribuição para a visão real de mundo para essas crianças. Podemos então perceber desde então a desvalorização artística da literatura. Zilberman destaca ainda que os primeiros textos escritos para crianças foram produzidos por pedagogo. Segundo ela,

até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (Zilberman, 1985, p. 13-14)

Sobre a literatura, Afrânio Coutinho (1978) defende que se deve tomá-la como um fenômeno estético. Segundo o autor, a literatura

É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso etc., porém transformando esse material em estético. (COUTINHO, 1978, p. 8)

Buscamos então um meio de apresentar a literatura, para familiarização entre a criança e a leitura, sem se comprometer com o carácter didático pedagógico e sim como uma fonte de conhecimento distinta, prazerosa e de crescimento intelectual. Segundo Abramovich (1991, p.16) “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

O professor, como mediador de leitura para a criança, tem um importante papel, no incentivo à leituras. Ele precisa ler para as crianças, demonstrando entusiasmo e alegria quando realiza as leituras, pois as crianças são como reflexo, observam e repetem as atitudes do professor, e desde bem pequenas vão tomar gosto pela leitura.

Para que o ensino literário continue dando seus frutos, é necessário que o professor, antes do aluno, continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão mais atual, menos exigente e mais rentável. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 351)

A literatura infantil na formação humana instiga a criança através de seus devaneios e o mundo da imaginação, fazendo um anexo com sua realidade e novas descobertas, através da fantasia a criança pode viajar por diversos caminhos, partindo de seu conhecimento prévio e construindo novas descobertas e vivências. A literatura infantil facilita ainda a compreensão, a interpretação, facilitando letramento da criança, levando à um melhor nível cultural. Decodificar os signos não é suficiente para se formar futuros leitores familiarizados e ativos num convívio permanente com a leitura, quanto mais a leitura fazer parte do cotidiano da criança, mas ela se desenvolvera e se instruirá, levando a uma futura atuação em seu mundo real. “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”. (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

Ler para uma criança provoca curiosidade e a coloca em contato com o universo da escrita. Sendo assim, ler e contar histórias são ações de mediação que contribuem para a formação de leitores na infância. “É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Sobre a diversidade da literatura, Zilberman (2003) aponta que

Ela pode englobar histórias versistas ou fantásticas, miscigenar gente e animais antropomorfizados, simbolizar ou simplificar situações humanas existenciais, misturando até todas estas possibilidades em um único texto. Deste modo, incorre-se sempre no risco de separar o que está coesa ou aproximar o que é distinto. (ZILBERMAN, 2003, p. 176)

Além disso, leitura leva a criança ao mundo imaginário, associado ao universo humano e suas próprias vivências, possibilitando o reconhecimento das características próprias, de seus anseios, dissabores e amores, favorecendo o alargamento de horizontes. Por isso precisamos de mais políticas públicas que favoreçam a presença de literatura infantil no dia a dia em sala de aula e uma maior incrementação no curso de pedagogia.

A obra literária pode ser entendida como tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita e falada. (BORDINI & AGUIAR 1988, p. 14)

Dessa forma, escolher obras literárias é uma atribuição dos docentes e se constitui como uma tarefa nem sempre fácil ou simples. Deve-se considerar a temática, a linguagem, a construção estética tendo em vista a faixa etária do leitor e considerando que é necessária a mediação da leitura na sala de aula. O professor deve mediar a leitura, trazendo interesse para os alunos e despertando o gosto pela leitura, fazendo seus alunos aprender que a leitura é capaz de levá-los onde quiser, abrir seus horizontes e torná-lo um ser crítico e autônomo de suas próprias escolhas e devaneios.

Para o professor mediar esses futuros leitores, ele precisa antes, ser um bom leitor e gostar de leitura, pois o professor é reflexo para seus alunos e ele gostando de leitura e transmitindo prazer ao ler, irá despertar em seus alunos curiosidades e interesse pela leitura. A partir das teorias da estética da recepção que trazem para o campo literário o olhar para relação entre leitor-texto-autor que passamos a dialogar sobre a mediação na escola.

A escola é o espaço privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro. Neste espaço estimulamos o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações (...). Espaço que deve ser libertário (sem ser anárquico) e orientador (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu autoconhecimento e a ter acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence. (COELHO, 2000, p. 16-17)

Nesse sentido, o professor, como mediador de leitura, tem a função de incentivar a leitura, formar leitores, apresentando histórias para criança e a partir daí, promover o desejo por mais leituras e histórias. A leitura quando leva a criança ao mundo imaginário lhe traz novas sensações de prazer, quando se pode ser o que quiser mesmo coisas impossíveis de acontecer, unindo a sua vivência com seus sonhos e suas fantasias. Podemos considerar que o professor como mediador, quando consegue instigar esse gosto para a leitura, consegue também virar a chave para a construção de futuros leitores, sujeitos críticos.

Alguns professores usam textos literário para promover a moral e os bons costumes, temos que ter bastante cuidado em relação a isso, pois a literatura é capaz de ensinar pedagogicamente, educar, manipular interesses e até ser usadas na formação de caráter.

Ainda sobre a escolha das obras. É importante destacar que os órgãos governamentais não devem agir na censura de obras. Por vezes, há na escola interferência das famílias, do governo, de outras instituições que querem impor suas escolhas individuais ou de grupos sobre a moral e o pensamento social crítico. e leitura, porque ele precisa gostar do que está lendo. Devemos ainda pensar em livros apropriados para cada idade, para não correr o risco de frustrar a criança, com histórias complexas para a sua fase, podemos nos guiar por faixas etária, saber qual o nível de desenvolvimento das crianças.

Através da literatura se tem a possibilidade de proximidade, de vivenciar experiências das personagens, expressar os medos, angústias e os sentimentos que não conseguimos compartilhar com pessoas de nossas vivências.

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis. O conto de fadas, em contraste, toma estas ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte. (BETTELHEIM, 2002, pp.10-11.)

Sendo assim, se não ocorressem proibições de temas polêmicos, pelos órgãos governamentais, os leitores literários, teriam oportunidade de vivenciar seus medos, conflitos e até assuntos violentos apenas na imaginação, e isso não quer dizer que precisariam vivenciar na prática e não seria preciso apresentar apenas histórias felizes na literatura, até porque na vida não é sempre que os finais são felizes e sabemos que os

[...] efeitos do texto literário sobre os leitores é o que desde os gregos antigos se chama de catarse. Trata-se de um fenômeno peculiar que hoje se diria de transferência psicológica, isto é, a leitura de uma cena violenta serve para purgar o impulso de violência. Dizendo com outras palavras, todo ser humano possui raiva, medo, angústia, inveja e outros tantos sentimentos tidos como negativos ao lado dos positivos. Ao vê-los representados no texto, o leitor os vivencia vicariamente, ou seja, por empréstimo, e assim também se liberta deles. É porque o leitor vivencia esses sentimentos negativos nos livros, nos filmes, nas telenovelas que não precisa trazê-los para a vida real. (CEALE, 2017, p. 5)

Segundo o Ministério da educação “As crianças no ciclo de alfabetização, por serem leitores em formação e com vivências limitadas, ainda não adquiriram autonomia, maturidade e senso crítico para problematizar determinados temas com alta densidade” (BRASIL, 2017). E por isso proíbe algumas obras na educação infantil, para evitar conflitos com a opinião pública, quando deveriam investir na formação de professores mediadores de leitura.

Metodologia

Metodologicamente, esse trabalho se inscreve no campo das pesquisas qualitativas e tem como método da análise interpretativa a partir das conceituações de Severino. Nesta perspectiva o pesquisador interpreta e toma uma posição frente as ideias enunciadas, especialmente as entrelinhas do texto. O autor aponta como etapas da análise interpretativa:

a) situar o texto no contexto da vida e da obra do autor, assim como no contexto da cultura de sua especialidade, tanto do ponto de vista histórico, quando do ponto de vista teórico; b) associar as ideias do autor com outras ideias relacionadas à mesma temática; c) exercer uma atitude crítica diante das posições do autor em termos de validade dos argumentos empregados, originalidade do tratamento dado ao problema que está sendo discutido, profundidade da análise do tema, alcance de suas conclusões e consequências e apreciação e juízo pessoal das ideias defendidas. Essa estratégia é também chamada de leitura crítica; d) problematização: trata-se da discussão do texto; é o levantamento e debate de questões explícitas ou implícitas no texto; e e) síntese pessoal: é a reelaboração da mensagem com base na reflexão pessoal. (SEVERINO, 2017, p.49)

A partir da leitura interpretativa buscaremos discutir as dimensões históricas, estética e pedagógica da obra *Lá e aqui*, compreendendo como os sentidos são construídos por meio da relação entre imagens e texto verbal. De acordo com Costa:

Procurando integrar as contribuições desses autores, podemos dizer que a leitura de imagens é uma relação intersubjetiva entre um autor e um observador mediada pelo texto visual e pela cultura, que fornece a ambos os recursos linguísticos para essa comunicação. A interpretação das imagens não é, portanto, um processo de decodificação lógica, mas de busca por correspondências e significados. (COSTA, 2009, p.89)

Desta forma não podemos deixar de destacar a necessidade de realizar a análise das imagens presentes no texto.

Lá e aqui: uma leitura interpretativa

O livro literário *Lá e Aqui* foi escrito por Carolina Moreyra e ilustrado por Odilon Moraes em 2015, contém 46 páginas e descreve a separação de um casal e as interferências que podem acontecer na vida de uma criança quando se passa por essa situação. Os escritores tratam esse tema polêmico de uma forma bem leve, a percepção de uma criança sobre essa situação, um narrador personagem que nos mostra que a criança é capaz sim de compreender o que acontece em separações. A ideia do processo de separação apresentada pela criança é de que o processo pode ocorrer com amor e tranquilidade e que é possível deixar o problema mais leve e menos traumático para a criança.

O livro utiliza o desenho como eixo central de construção de sentidos. Lajolo e Zilberman (1991) investigam a produção da ilustração em um percurso crescente e afirmam que nos livros infantis brasileiros contemporâneos o visual está no centro, “e não mais como ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal”. Nesta perspectiva, não se deveria impor, uma redução do papel da ilustração e sim pensar a importância entre a integração entre uma e outra linguagem. Para Maria Alice Faria (2004) “em princípio, a relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil”. Sendo assim, deve ser considerado o valor estético da ilustração e seu potencial na produção de sentidos. Esse é o caso do livro que discutimos aqui.

Ainda sobre a ilustração, é importante reforçar que ela não é um mero desenho que enfeita um texto escrito, ao contrário, nos livros infantis a ilustração tem um importante papel na construção de sentidos ao longo da atividade de leitura literária. As imagens constroem rupturas de sentidos e apresenta situações adicionais à narrativa, que rompem com sua linearidade, atribuindo a ela sua originalidade estética. Dessa forma, as ilustrações do livro “*Lá e aqui*” constroem sentidos que se entrelaçam ao texto verbal, sendo a ilustração que rompe com a linearidade da narrativa. São metáforas visuais e verbais que constroem uma representação sobre família e sobre o processo de separação dos pais do personagem que narra a sua história. No livro *Lá e aqui*, as ilustrações são feitas em duas páginas, com uma visão estética que chama atenção para os desenhos, com um jogo gráfico usado estrategicamente para explicar os dois mundos em que foi dividida a vida da criança, antes e depois da separação de seus pais, com trocadilho entre a narração e a ilustração.

Inicialmente, destacamos mais uma vez que a narração da história é feita ao leitor por um personagem infantil, uma criança, de maneira que se tenta apresentar no livro uma possível visão sobre a temática a partir da ótica infantil. A narrativa apresentada tem tempos psicológicos: antes, durante e depois da separação dos pais.

A primeira parte da narrativa, temos a representação de uma família comumente nomeada como tradicional, em que os pais e filhos convivem em uma mesma casa formando, uma única unidade familiar. A casa é uma metáfora para a família, para o casamento dos pais, isto é, o relacionamento familiar está simbolizado por meio do lugar.

Na narrativa a chuva é um marco para a mudança de perspectiva da narrativa e início do segundo momento: a separação dos pais, durante o processo. Assim, a chuva é um elemento simbólico para a crise familiar relativa ao relacionamento dos pais do narrador. A casa se afoga numa enchente simbolizada nas ilustrações que mostram o lugar literalmente sendo submerso pela água.

Figura 1: início da chuva



Figura 2: durante a chuva



Figura 3: após a inundação, a sombra apenas da casa submersa.



Desta forma, o que a narrativa simboliza por meio da chuva que inunda as cenas é que o casamento dos pais do menino chegou ao fim. Os cachorros fugiram, ou seja, os amigos do menino. A morte do jardim que acompanhava a casa, o esvaziamento da casa, os peixinhos que foram morar nos olhos da mãe, os sapos que levam o pai para longe são elementos usados na construção dos sentimentos vivenciados ao longo da separação pela criança.

O início do terceiro momento da narrativa se dá a partir do enunciado “Nossa casa virou duas”. As casas como metáforas agora apontam para a constituição de dois núcleos familiares distintos, constituídos um pelo pai e o menino e outro pela mãe e o menino. A partir da apresentação da existência agora de duas casas, “Uma da mamãe” e “Outra do papai”, o narrador retoma as metáforas anteriores para construir novamente a ideia de harmonia: “os olhos de mamãe secaram e os peixes foram morar no aquário” (não mais em um lago de fora da casa); “os pés do papai acharam seu caminho e os sapos voltaram pro jardim”.

O texto verbal associado com as imagens indica que o menino considera ter duas casas: “um dia estou lá” (casa do pai), “outro dia, aqui” (casa da mãe), “mas sempre estou em casa”. O advérbio “aqui” indica que o menino exerce sua narração a partir da casa da mãe, isso também sugere que ele passa mais tempo com a mãe, o que é recorrente em processos de separação: mesmo com guarda compartilhada, é usual que a mãe seja responsabilizada pela criança na maior parte do tempo.

A relação que o narrador-personagem estabelece com cada um dos pais após a separação é apontada na narrativa por meio de objetos e ações: a mãe, cosquinha e televisão; o pai, história e violão. Relação esta simbolizada pelas cenas finais abaixo apresentadas.



É perceptível que na obra *Lá e aqui*, as imagens são centrais na produção de sentidos; é o texto linguístico que complementa a imagem. As casas, os bichos, cada elemento tem significados simbólicos na construção de uma representação sobre casamento e separação. A temática abordada ainda é tabu devido à representação social que se tem em diversos setores sociais sobre o que seja família e casamento. No entanto, esta é a realidade de muitas crianças que vivenciaram a separação dos pais, ou cresceram em contextos em que os pais não formam juntos um único núcleo familiar.

Destacamos que o livro apresenta uma visão de mundo sobre o que seja o processo de separação: doloroso, demorado e que, terminado, dá origem a uma outra realidade familiar. No entanto, os processos de separação nem sempre terminam harmoniosamente, questão que pode ser verificada pelo alto número de feminicídio e de abandono de crianças.

O livro rompe com os estereótipos sobre a família. É comum escutarmos que uma criança, cujos pais são separados ou que não tem a presença das duas figuras no seu cotidiano, está em uma família “disfuncional¹³”, o que não necessariamente ocorre de fato. A estruturação ou desestruturação da rede de cuidado de uma criança passa por elementos outros que não podem ser apenas avaliados pela composição do(s) núcleo(s) a que pertencem, se neles estão presentes os pais por exemplo.

Por fim, consideramos que a obra em questão problematiza o contexto contemporâneo e pode abrir espaço para a construção identitária do seu leitor à medida que este pode se identificar com o enredo; ao mesmo tempo abre o debate sobre a temática para que estereótipos sejam dissipados, sem, contudo, deixar de propiciar ao leitor uma experiência estética significativa.

¹³Famílias disfuncionais é aquela em que os conflitos, a má conduta e muitas vezes o abuso por parte dos membros individuais ocorrem continuamente e regularmente, fazendo com que outros membros se acomodem com tais ações.

Segundo Souza (2010), a dimensão histórica da literatura é marcada justamente pela obra estar necessariamente inscrita em um tempo, espaço e imbuída de valores da época em que foi produzida. Este é o caso da obra *Lá e aqui* que toma como sentidos as novas configurações familiares.

Considerações finais

A literatura, enquanto direito humano, deve ser considerada como essencial à construção de identidade dos sujeitos de maneira que por meio dela o mundo e a vida são ressignificados. O texto literário é lugar de memória e, por isso, permite que se discuta por meio dele valores, culturas e políticas de uma determinada época. Assim ocorre em *Lá e aqui* que está carregado de situações culturais e sociais contemporâneas, por ser ela também uma obra do nosso tempo.

É necessário que os mediadores de leitura estejam atentos para a seleção de livros, pois, embora não deixe de propiciar conhecimentos e debates temáticos imprescindíveis, o texto literário deve ser avaliado e escolhido pelo seu valor estético, a fruição que pode provocar no seu leitor.

Embora sejam muitas vezes acompanhados de enfrentamentos dentro da escola, os livros com temas polêmicos ou tabus não podem ser evitados ou apagados do campo educacional. É preciso que o mediador conheça e se prepare para abordar os temas e discutir o texto literário sem reduzi-lo a pretexto de ensino de língua ou discussão de uma determinada temática apenas.

Por fim, destacamos *Lá e aqui* como um exemplo de obra que aborda um tema polêmico e contemporâneo e ao mesmo tempo apresenta grande valor estético ao seu leitor, trazendo uma visão, bem leve e tranquila sobre um tema polêmico e traumático, que nem sempre acontece de forma harmoniosa. A obra rompe com os estereótipos de família e problematiza o tema, possibilitando uma construção identitária ao leitor através da identificação com o enredo da história. Dessa forma possibilita o leitor, compreender a normalidade de se viver no lugar de mundo, sem cobrança ou distinção de outros.

Referências bibliográficas

SILVA, Aline L. **Trajetória da literatura infantil**: Da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico da atualidade. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=traje%C3%B3ria+da+literatura+infantil+da+origem+hist%C3%B3rica+e+do+conceito&cvicid=db1f9ced4804683a8c971734b19f55f&aqs=edge..69i57.14082j0j1&pglt=2083&FORM=ANNTA1&PC=U531#:~:text=https%3A//revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234/239>. Acesso em: 19/03/2022.

RODRIGUES, Sílvia F. P. & SOUZA, Renata J. **Tabus e Temas Polêmicos**- A literatura infantil e juvenil sob censura. Caderno de Letras, Pelotas, n.38, pp. 183-199, set-dez2020.

RAMOS, F. B. & NUNES, M. F.; **Efeitos do livro de literatura infantil no processo de leitura**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n.48, p.251-263, abri. /jun.2013. Editora UFPR.

PERUZZO, A.. **A importância da literatura infantil na formação de leitores**. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tex_completos/a_importancia_da_literatura_infantil_na_ADREANA.pdf. Acesso em: 19/03/2022.

MARAFIGO, E. C.; **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>. Acesso em: 19/03/2022.

SALDANHA, D. M. L. & AMARILHA, M. **O ensino de literatura no curso de pedagogia**: uma presença necessária. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v.34, n.72, p.151-167, nov./dea.2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

TAVARES, M. & SOUZA, R. J.. **Lá e aqui** : Estratégias narrativas no livro ilustrado. Disponível em: TRABALHO_EV066_MD1_SA17_ID555_09032017165514.pdf (editorarealize.com.br), acesso em 20/03/2022.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

O ARTIGO DE OPINIÃO COMO REDAÇÃO DE VESTIBULAR: A RELAÇÃO DIALÓGICA COM OS TEXTOS DE APOIO

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹⁴
Notryslaine Natyellen Dark da Silva¹⁵

Resumo

O propósito deste estudo é compreender como os textos de apoio disponibilizados em concurso de vestibular auxiliam o produtor da redação a elaborar e articular um ponto de vista a respeito do tema abordado. Para tanto, analisamos quatro artigos de opinião como redação de vestibular, quais alcançaram a maior nota no vestibular de 2020. O aporte teórico é formado pelos preceitos do Círculo de Bakhtin (2003) e de pesquisadores brasileiros. Os resultados demonstram que as quatro redações articulam com os textos de apoio por meio de paráfrases ou citações, sendo ambas classificadas como dialogismo revelado.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Redação de vestibular. Dialogismo. Texto de apoio.

Abstract

The purpose of this study is to understand how the supporting texts available in entrance exams help the essay producer to develop and articulate a point of view regarding the topic addressed. To this end, we analyzed four opinion articles as entrance exam essays, which achieved the highest score in the 2020 entrance exam. The theoretical support is formed by the precepts of the Bakhtin Circle (2003) and Brazilian researchers. The results demonstrate that the four essays articulate with the supporting texts through paraphrases or quotations, both of which are classified as revealed dialogism.

Keywords: Opinion article. Entrance exam writing. Dialogism. Supporting text. **Introdução**

Esta pesquisa está vinculada a uma maior intitulada “A escrita de textos argumentativos em contexto de vestibular”¹⁶, que tem como objeto analisar as redações produzidas no vestibular da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Em sua prova de vestibular a UENP, não diferente de muitas instituições de ensino superior que adotam a redação como parte constitutiva do concurso de entrada, oferece aos candidatos textos de apoio para que tenham contato com opiniões diversas, estatísticas, leis regulamentadoras que se relacionam diretamente à temática em proposição. A intenção é que os participantes do vestibular possam, a partir das ideias e conceitos apresentados nos textos de apoio, conhecer melhor o tema e ter um suporte para a elaboração e organização de um ponto de vista individual em sua redação.

Sobre esses textos, também denominados de motivadores, prescreve o concurso que eles não podem ser copiados, no todo ou em partes, sob o risco de penalizações nas notas da prova/redação, dado que, o candidato “será avaliado pelo grau de autoria do texto” (UENP, 2019, p. 16). A instituição estabelece ainda que, como redação, o autor deve produzir um gênero discursivo específico, que Striquer e Barros (2020, p. 181) definem como “artigo de opinião como redação de vestibular”.

¹⁴ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Jacarezinho. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

¹⁵ Graduação em Letras - Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

¹⁶ O referido projeto de pesquisa está devidamente registrado na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e tem parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa n. 4.312.876, CAAE: 95902418.4.0000.8123, de 01 de outubro de 2020.

Diante do exposto, este estudo objetiva investigar, especificamente, os diálogos que se configuram entre os textos de apoio e as redações de vestibular. Sobretudo, quais os discursos que constituem os textos de apoio podem, e de que forma podem, ser identificados nas redações. Logo, o aporte teórico-metodológico que sustenta este trabalho se centra sobre os preceitos de Bakhtin (2003) e de seus estudiosos brasileiros: Buckta e Striquer (2015); Gonçalves, Vieira e Souza (2015); Marcuschi (2002); Menegassi e Cavalcanti (2013); Monteiro e Striquer (2021); Striquer (2016); Striquer e Almeida (2020); Striquer e Barros (2020) e Striquer e Ribeiro (2021). A pesquisa é de abordagem qualitativa, de categoria documental e é resultado da participação da autora no Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento da Fundação Araucária do Paraná.

Em delimitação, nosso *corpus* é formado por quatro artigos de opinião como redação de vestibular, produzidos no concurso da UENP de 2020 e que alcançaram as maiores notas no vestibular em referência.

Os aspectos que constituem os gêneros do discurso: a importância do conteúdo temático

Ao considerarmos o artigo de opinião como redação de vestibular um gênero discursivo, bem como os textos de apoio do concurso UENP de 2020, compostos por notícia e reportagem; nesta subseção abordamos, brevemente, algumas definições teóricas sobre gêneros.

Todo e qualquer gênero do discurso, segundo Monteiro e Striquer (2021), baseados nos preceitos bakhtinianos, manifesta "práticas sociais de linguagem, e reflexo das situações comunicativas" (p. 134). Dessa forma, se existem infindas situações e práticas na sociedade, existem também gêneros discursivos em abundância. Em decorrência, os gêneros possuem formas/estruturas maleáveis e dinâmicas, pois surgem a partir da necessidade sociocultural e nela se desenvolvem, tomando novos aspectos (MARCUSCHI, 2005). A constituição dessa estrutura, conforme Striquer (2016, p. 101), se dá em três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, que são "indissolúveis dentro de um enunciado".

O conteúdo temático é aquilo que pode ser dito em determinada situação comunicativa, logo é o tema, mas não só isso, é a valoração, o juízo de valor que o tema recebe de seu autor, e da consideração que esse faz a respeito da valoração que seu interlocutor tem ou pode ter, da temática em questão. Na produção do artigo como redação de vestibular, todos os candidatos irão discutir o mesmo tema, e o que fará que cada texto seja único é a valoração que o produtor da redação dá ao tema, a partir dos seus valores e ideologias que constituem suas opiniões particulares.

Os outros dois elementos, a construção composicional e o estilo, na perspectiva dialógica da linguagem, decorrem do conteúdo temático. Nesse sentido, a construção composicional refere-se à configuração do gênero, ou seja, a "estrutura formal" (STRICHER, 2016, p. 100), a qual, segundo explicam Striquer e Barros (2020), tem como princípio, organizar o sentido que o autor pretende estabelecer no texto. Em razão disso, esse plano geral não pode ser visto apenas como um fenômeno estrutural, pois reflete o caráter discursivo que o constitui.

O estilo, de acordo com Striquer (2016), concerne aos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais que organizam, como mencionado, o conteúdo temático no texto. Striquer e Barros (2020) salientam que o estilo também é formado a partir do conteúdo temático, mas para além disso, assim como a estrutura, forma-se em reflexo às especificidades do campo em que está inserido o gênero em processo de produção, do propósito que deu origem à comunicação interativa e dos papéis sociais que assumem os participantes da interação.

Portanto, é a maneira que o candidato organiza a temática prescrita pelo vestibular, com base na sua valoração sobre o tema, que a construção composicional e o estilo são planejados no artigo de opinião como redação de vestibular, e assim, o grau de autoria exigido pelo concurso pode ser identificado e avaliado.

A fim de aprofundar ainda mais sobre o gênero em abordagem neste trabalho, apresentamos na sequência, frente às definições expostas sinteticamente até aqui, algumas características regulares do artigo de opinião como redação de vestibular.

De acordo com Koche, Boff e Marinello (2012), o artigo de opinião consiste, de forma geral, “em um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa” (p. 33). Em convergência, para Buckta e Striquer (2015) e Striquer e Barros (2020), embora o artigo de opinião inserido na esfera jornalística não seja o mesmo gênero da esfera do vestibular, a função social é a mesma, no sentido de que, em alguns concursos como o da UENP, o que impõe ao autor da redação é que ele “produza um artigo de opinião, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica” (BUCKTA; STRIQUER, 2015, p. 16).

Contudo, apesar das semelhanças entre os gêneros, Striquer e Barros (2020, p. 200), definem o artigo de opinião como redação de vestibular como,

Um novo gênero discursivo/textual, visto que, ao deslocar-se do seu contexto natural de produção, do campo jornalístico, os objetivos discursivos e os elementos que formam o contexto de produção não são os mesmos: o autor assume outros papéis sociais; os destinatários são outros; o tempo e espaço de produção também, conseqüentemente, os elementos linguístico-discursivos refletem esses aspectos.

Por estar inserido em contexto de vestibular, Striquer e Barros (2020) esclarecem que o emissor, aquele que produz o gênero, desempenha a prática social de posicionar-se diante da polêmica estabelecida no tema, construindo argumentos baseados em conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida escolar e cotidiana. Ao mesmo tempo, o autor, conforme Buckta e Striquer (2015, p. 1344), também assume o papel social de um candidato que concorre a uma vaga para ingressar no ensino superior. Para tanto, escreve para um destinatário específico: professores integrantes de uma banca especializada que avalia as redações (STRIQUER; FRANCO, 2016).

O autor da redação de vestibular tem uma extensão de tempo determinada para realizar a prova composta por questões objetivas e a escrita do referido gênero, e, geralmente, o lugar de produção situa-se em salas de universidades, colégios, entre outros locais determinados pelo concurso (MONTEIRO; STRIQUER, 2021).

Buckta e Striquer (2015, p. 1345) salientam que o tipo de discurso predominante no gênero é o interativo, “uma vez que o autor se coloca no texto, isto é, apresenta sua opinião. Assim, os elementos que sinalizam a interação são, por exemplo, o emprego de pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa do discurso, do singular ou do plural”. Contudo, é muito comum também a organização textual por meio da impessoalidade, que faz uso da terceira pessoa no singular.

No que se refere à estrutura do artigo de opinião como redação de vestibular, Striquer e Barros (2020, p. 199) explicam que há uma aproximação com a divisão canônica em introdução, desenvolvimento e conclusão, entretanto, a estrutura não se resume a etapas, pois implica fatores como os contextuais e discursivos. Desse modo, no que é denominado de introdução, isto significa, nos primeiros parágrafos, o autor deve apresentar seu ponto de vista sobre o tema; no desenvolvimento é o momento de articular argumentos; e na conclusão, organizar um fechamento para o que foi exposto no texto como um todo.

Sobre os mecanismos textuais, explica Buckta e Striquer (2015), que há forte presença da coesão sequencial, marcada, principalmente, pelas conjunções que auxiliam na lógica do texto, para as autoras, “são elas que permitem a conexão e coesão entre as ideias propostas pelo articulista favorecendo a compreensão dos enunciados e demarcando o grau argumentativo do texto” (BUCKTA; STRIQUER, 2015, p. 1345). E em relação ao mecanismo enunciativo, Monteiro e Striquer (2021) afirmam que há o emprego de diferentes vozes, tanto a do autor do texto, chamado de autor empírico, como as que com ele comungam, no sentido de dar força argumentativa ou de autoridade aos argumentos.

A próxima seção apresenta o aporte teórico que sustenta, de modo mais aprofundado, as análises para o alcance de nosso objetivo de pesquisa.

Dialogismo

Striquer e Almeida (2020), em estudo aos preceitos de Bakhtin (2003), explicam que todo e qualquer enunciado se constitui e existe na interação verbal e se manifesta por meio de diálogos. Bem como a assertiva é a de que um discurso está sempre relacionado a anteriores, sendo simultaneamente fonte para futuros. É um ciclo, um elo, que caracteriza o que Bakhtin (2003) define como dialogismo. Nas palavras de Striquer e Almeida (2020, p. 69), o dialogismo pode ser conceituado como “a reconstrução de discursos sob a perspectiva de vários seres sociais”.

Logo, o discurso é um contínuo, um fenômeno mútuo, pois, ao mesmo tempo que existe porque é parte de discursos anteriores proferidos por outros sujeitos, pode ser replicado, transformado em outros a ele posteriores. Assim, mesmo que rejeitado por um enunciado posterior, é parte desse discurso, dele participa. Dessa forma, “tudo está conectado a uma cadeia discursiva sem limite” (STRIQUER; ALMEIDA, 2020, p. 69).

Nessa amplitude e complexidade do que é o dialogismo, Gonçalves, Vieira e Souza (2015) defendem que é possível classificá-lo em dois tipos, os quais, evidentemente, distinguem-se apenas didaticamente: o dialogismo generalizado e o dialogismo revelado.

O dialogismo generalizado é considerado um princípio que concebe a linguagem por sua natureza interdiscursiva, ou seja, na compreensão de que o discurso é sempre formado por discursos anteriores ao proferido (de forma oral, escrita etc.) e pelos que serão elaborados *a posteriori*. Para esclarecer esse conceito, afirmam Menegassi e Cavalcanti (2013) que o dialogismo generalizado é a parte presumida do discurso, sendo

[...] caracterizado pelo que não foi dito explicitamente, portanto, não marcado em linguagem verbo-visual, em que o contexto pode ser compreendido pelos envolvidos na interação por meio de circunstâncias não linguísticas conhecidas pelos interlocutores e que complementam o sentido que se quer dar aos enunciados (STRIQUER; ALMEIDA, 2020, p. 435).

Já o dialogismo revelado, segundo Gonçalves, Vieira e Souza (2015), ou parte percebida do dialogismo, terminologia adotada por Menegassi e Cavalcanti (2013), pode ser notado pela instância do enunciado, isto é, por meio dos elementos linguístico-discursivos que organizam um texto. Sendo assim, o dialogismo revelado ou percebido, “se constitui por meio dos fatores verbais, marcas linguísticas e até mesmo visuais, que denominamos de verbo visual” (STRIQUER; ALMEIDA, 2020, p. 435).

De acordo com Gonçalves, Vieira e Souza (2015, p. 215-216), o dialogismo revelado pode ainda ser desmembrado em duas instâncias enunciativas, “as quais não devem ser desassociadas, mas estreitamente articuladas no momento da análise”. Na instância do enunciado (plano verbal), o dialogismo pode ser observado pelos elementos de natureza linguística e de natureza textual, isso significa aquilo que é visível no texto. A segunda instância está relacionada à enunciação (plano extraverbal), que se refere aos elementos de natureza discursiva que “incidem, num movimento de fora para dentro, sobre o enunciado” (GONÇALVES; VIEIRA; SOUZA, 2015, p. 216).

Gonçalves Vieira e Souza (2015, p. 217) complementam que o dialogismo revelado “pode se mostrar por meio de um fragmento localizável no enunciado concreto, a exemplo de categorias linguístico-textuais, como pode se mostrar também de maneira explícita, por meio de elementos discursivos no espaço da enunciação.

Para os autores, é importante ter ciência de que, em ambas as instâncias, seja o dialogismo revelado no enunciado ou na enunciação, o sentido é construído no movimento dialógico.

Na próxima seção, expomos as análises realizadas, a fim do alcance de nosso objetivo.

Os diálogos constitutivos do artigo de opinião produzido no vestibular da UENP de 2020

Considerando nosso propósito de investigar quais e de que modo os diálogos podem ser identificados entre os artigos de opinião e os textos de apoio, ou seja, como os discursos que constituem os textos de apoio podem ser observados na formação do discurso dos exemplares de artigos de opinião como redação de vestibular, analisamos quatro redações produzidas no concurso da UENP de 2020. Esses textos foram os que alcançaram a maior nota no referido vestibular, 8,25 e, os delimitamos para uma definição necessária de *corpus*.

É preciso destacar que, possivelmente, os mais de dois mil artigos de opinião como redação de vestibular produzidos no concurso da UENP de 2020 dialogam com os discursos instituídos nos textos de apoio, conforme os preceitos de Bakhtin (2003). O fenômeno dialógico é inegável, porém pode não acontecer quando um ou mais candidatos partem para a escrita do artigo sem lerem os textos motivadores. Evidentemente, os discursos que formam essas redações (cujos autores não fizeram a leitura dos textos de apoio) dialogam com outros discursos. Entretanto, nossa hipótese é de que os produtores de nosso *corpus* dialogam com os textos de apoio, isto é, fizeram a leitura daqueles.

A prova de redação em questão ofereceu ao candidato quatro textos de apoio (ANEXO 1) e as seguintes orientações prescritivas:

Produza um artigo de opinião, assumindo o papel social de um leitor de jornal que intenciona publicar seu ponto de vista em relação à questão polêmica: as campanhas publicitárias devem abordar, em seus anúncios comerciais, a heterogeneidade racial e de gênero, como uma forma de compromisso social? Não se esqueça de que o artigo de opinião é um texto argumentativo, por isso, além de se posicionar frente à questão exposta, é preciso selecionar bons argumentos para a defesa da sua tese. Os textos abordam a questão apresentada. Mas lembre-se de que eles podem ser usados apenas como suportes para a sua argumentação e nunca copiados deliberadamente. Você será avaliado pelo grau de autoria do texto! (UENP, 2019, p. 16).

Primeiramente, realizamos um levantamento de possíveis cópias dos textos de apoio nas quatro redações. Embora a instrução seja de que essa ação causa penalidades, é factível que reproduções de trechos tenham ocorrido, uma vez que os artigos em investigação não alcançaram a nota máxima do concurso. Importante destacar que compreendemos que copiar trechos não é uma ação de diálogo, o que justifica a penalização prescrita, já que o texto é avaliado também pelo grau de autoria. Assim, identificar cópias auxilia na eliminação de trechos ou partes das redações. Os resultados das análises demonstraram que nenhum dos artigos apresentaram cópia fiel dos textos motivadores.

Nossa ação, então, foi a de fazer um levantamento de paráfrases. No conceito de Beristáin (2006), paráfrase é um

Enunciado que descreve o significado de outro enunciado, ou seja, é um acréscimo explicativo, produto da compreensão ou interpretação; uma espécie de tradução da língua para a mesma língua, pois o significado é equivalente, mas se manifesta mediante um significante distinto, um sinônimo (p. 388).

Beristáin (2006) explica ainda que a paráfrase é um recurso de interpretação livre e, em geral, ampliada de um texto e que, comumente, dispõe de um propósito didático ou literário. Portanto, construir paráfrases não é copiar trechos, nem fazer transcrições exatas de palavras do texto de origem, mas elaborar ou reelaborar o(s) discurso(s) a partir das próprias palavras do autor do novo texto. Isso coloca em prática a assertiva bakhtiniana de que um discurso dialoga com outros a ele anteriores.

Por assim ser, investigamos os diálogos instituídos entre as redações e os textos de apoio, observando a elaboração de paráfrases. O quadro a seguir explicita os artigos de opinião que evidenciam terem em sua constituição esse recurso.

Quadro 1: Trechos em diálogo/paráfrase entre as redações e os textos de apoio

Discursos que formam os textos de apoio	As paráfrases nas redações
“O Boticário põe família negra em comercial” (Texto de apoio 1)	“como o Boticário que trouxe uma família negra em cima campanha do Dia dos Pais” (Redação 1)
“A representatividade do público LGBT e de deficientes não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017, e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes[...]” (Texto de apoio 4)	“em 2017, menos de 0,5% dos comerciais e campanhas publicitárias mostram o público LGBT e de deficientes, tendo pouca variabilidade nos anos anteriores” (Redação 2)
“[...] apesar de estarem em um notório processo de evolução e mudanças, ainda reforçam estereótipos e continuam a não representar a real diversidade de raças e gêneros da nossa sociedade.” (Texto de apoio 3)	“Embora esteja ocorrendo avanços, como o aumento da representatividade negra, é necessário maior ousadia, quebrar o padrão hegemônico estético vendido pelas marcas, pois vivemos em um país de diversas nuances, culturas e gêneros” (Redação 2)
“A representatividade do público LGBT e de deficientes não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017, e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes, segundo a pesquisa TODXS, que avalia a representatividade na publicidade no Brasil.” (Texto de apoio 4)	“Aprofundando mais o assunto, me deparo com os dados da pesquisa TODXS que avaliam a representatividade da publicidade do Brasil que não atinge os 0,5% sobre o público LGBT e de deficientes.” (Redação 4)

Fonte: de acordo com os dados da pesquisa.

O Quadro 1 mostra que das quatro redações, apenas uma delas, identificada como redação 3, não apresentou paráfrases. Nas demais redações, cujas paráfrases se manifestam, constatamos que elas são formadas, portanto, segundo os conceitos apresentados por Gonçalves, Vieira e Souza (2015), pelo dialogismo revelado, ou consoante Menegassi e Cavalcanti (2013), por um diálogo percebido ou realizado em palavras. Essa assertiva pode ser corroborada no levantamento de palavras e expressões empregadas nas redações de forma explícita, como na Redação 2, em que o autor faz uso das mesmas expressões que o Texto de apoio 4: “em 2017”; “0,5% dos comerciais”; e também por outro artifício muito presente na produção de paráfrases que é a utilização de sinônimos, como na redação 4, que emprega “estamos distantes da meta” enquanto o Texto de apoio 3: “estamos distantes do ideal”.

O dialogismo revelado identificado nas redações 1, 2 e 4 pode, além do exposto acima, ser classificado, conforme Gonçalves, Vieira e Souza (2015), em duas instâncias enunciativas. Na primeira instância, a do dialogismo revelado no enunciado, é possível o desdobramento de duas naturezas: a linguística, que se relaciona à repetição de palavras e expressões entre as redações e os textos de apoio, já demonstrada em exemplificação; e a textual, que se configura nesta pesquisa, de modo geral, na elaboração de paráfrase, igualmente já referenciada em nossos exemplos.

Na segunda instância do dialogismo revelado, temos a enunciação. Se na primeira instância podemos observar o dialogismo através de fragmentos localizáveis no texto de forma concreta, nesta, o diálogo se estabelece na natureza discursiva, tendo como recurso o plano extraverbal, o qual, para Gonçalves, Vieira e Souza (2015, p. 216), incide “num movimento de fora para dentro, sobre o enunciado”, seja na anuência ou no conflito entre as vozes sociais e ideológicas do discurso. Para exemplificar, os autores mencionam a citação ou discurso citado dado que, consideram ser ele “uma das maneiras de a dialogicidade se mostrar mais concretamente nos textos, pois é aí que encontramos as marcas explícitas da palavra de outrem revelada nos enunciados” (GONÇALVES; VIEIRA; SOUZA, 2015, p. 217). Esse mecanismo da citação pode ser identificado em nosso *corpus* da seguinte maneira:

Quadro 2: Citação não direta ao texto de apoio que constitui o artigo de opinião

Discursos que formam o texto de apoio	Citação não direta presente na redação
A representatividade do público LGBT e de deficientes não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017, e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes, segundo a pesquisa TODXS, que avalia a representatividade na publicidade no Brasil. (texto de apoio 4)	Aprofundando mais o assunto, me deparo com os dados da pesquisa TODXS que avaliam a representatividade da publicidade do Brasil que não atinge os 0,5% sobre o público LGBT e de deficientes. (Redação 4)

Fonte: de acordo com os dados da pesquisa.

Em ambos os trechos, notamos que há a presença de vozes ideológicas além das dos autores propriamente ditos, ou seja, realiza-se nesses excertos a citação a discursos de outrem. Destarte, tanto o texto de apoio 4, composto por uma reportagem jornalística, quanto a redação dialogam com outras vozes, como as que formam a pesquisa TODXS. Ademais, o redator e o candidato, ao introduzirem o discurso da pesquisa em um novo contexto, manipulam seu sentido real, que possuía apenas cunho informativo, transformando-o no que Striquer e Ribeiro (2021) definem como argumento por evidência, em razão de que é fundamentado em resultado de pesquisa. Trata-se de um mecanismo enunciativo característico da argumentação, que Monteiro e Striquer (2021) apontam como o emprego de diferentes vozes que o produtor comunga para agregar credibilidade/propriedade em sua articulação.

Observamos ainda que o candidato do vestibular somente usou/manipulou a voz ideológica da pesquisa em sua redação, por efeito da influência que o texto de apoio estendeu a ele, pondo em prática novamente, a assertiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2003) de que um discurso dialoga com outros a ele anteriores.

Voltando-nos ainda ao emprego da paráfrase pelos autores das redações, pautamo-nos na concepção de Menegassi e Emiliano (2004), para os quais a paráfrase pode ser classificada em duas categorias, a reprodutiva, na qual o autor extrai as ideias do texto motivador e não coproduz sentidos em seu texto, de forma direta; e a paráfrase criativa é quando o autor usa as informações dispostas no texto de apoio como um subsídio à sua argumentação. Os autores defendem, apoiados em Zanini e Menegassi (1999), que, em situação de vestibular, o candidato deve interagir com os textos motivadores de forma a interpretá-los, o que diz respeito, nesse caso, a atribuir seus conhecimentos pessoais na produção de sua redação, não apenas extrair informações dos textos de apoio ou dizer “com outras palavras” o que foi dito nesses textos. Assim, o autor da redação torna-se coprodutor dos sentidos dos textos de apoio ao completá-los com as bagagens histórico-sócio-culturais adquiridas no decorrer de sua vida.

Para Solé (1998 *apud* MENEGASSI; EMILIANO, 2004, p. 216), “o manuscrito é uma ponte ativadora do que já conhece e investigadora daquilo que desconhece”, em vista disso, os pesquisadores complementam que o vestibulando necessita não somente discordar ou concordar com os textos de apoio, os quais são oferecidos no momento da escrita da redação, mas interpretá-los para construir um novo texto, levando em conta seu próprio ponto de vista, evidenciando sua experiência e conhecimentos prévios acerca da questão polêmica. Ações essas que são características da paráfrase criativa.

Norteados pelos preceitos apresentados por Menegassi e Emiliano (2004), analisamos os diálogos estabelecidos entre as redações e os textos de apoio, por intermédio de paráfrases reprodutiva e/ou criativa. Os Quadros 3 e 4, a seguir, explicitam os artigos de opinião que empregam a paráfrase reprodutiva e a criativa:

Quadro 3: Trechos de paráfrases reprodutivas entre as redações e os textos de apoio

Discursos que formam os textos de apoio	As paráfrases reprodutivas nas redações
“[...] a sociedade vive um momento de transição em que as empresas querem um material inclusivo, mas ainda não sabem como apresentá-lo. “Tem que ter coragem e estar preparado para o rebote”, comenta Ira ao citar o boicote feito à marca O Boticário após uma propaganda que incluía um casal de lésbicas em 2015.” (Texto de apoio 4)	“[...] a sociedade inicia o processo de aceitação de sua composição heterogênea e uma busca pela quebra de estereótipos herdados das gerações anteriores. O mesmo fenômeno ocorre com as campanhas publicitárias, que possuem a intenção de atingir vários tipos de público para o consumo, mas esse novos modelos são alvos de críticas por conservadores, atrasados, que não reconhecem a nova sociedade do século XXI.” (Redação 1)
“a marca O Boticário colocou uma família negra estrelando o vídeo bem-humorado [...] a versão de 30 segundos da campanha acabou virando alvo de um ataque aparentemente coordenado de racistas , que conseguiram dar 16 mil “não gostei” ao vídeo.” (Texto de apoio 1) “ A representatividade do público LGBT [...] não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017 , e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes” (Texto de apoio 4) “Tem que ter coragem e estar preparado para o rebote”, comenta Ira ao citar o boicote feito à marca O Boticário após uma propaganda que incluía um casal de lésbicas em 2015 ” (Texto de apoio 4)	“Aprofundando mais o assunto, me deparo com os dados da pesquisa TODXS que avaliam a representatividade da publicidade do Brasil que não atinge os 0,5% sobre o público LGBT e de deficientes. Apesar da baixa porcentagem, há quem tente boicotar marcas que buscam se atualizar e seguir a tendência de evolução como o caso “O Boticário” que não apenas uma, mas duas vezes sofreu boicote de racistas e homofóbicos pelo conteúdo de sua propaganda ” (Redação 4)

Fonte: de acordo com os dados da pesquisa.

Quadro 4: Trechos de paráfrases criativas entre as redações e os textos de apoio

Discursos que formam os textos de apoio	As paráfrases criativas nas redações
<p>“Apesar de a maioria dos brasileiros ter a cor 'parda' ou 'preta' (termos segundo classificação do IBGE), essa proporção não aparece em comerciais, filmes, telenovelas e capas de revista.” (Texto de apoio 1)</p> <p>“A representatividade do público LGBT [...] não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017, e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes” (Texto de apoio 4)</p>	<p>“A meu ver, um país que possui estampado em sua bandeira o ideal positivista “Ordem e progresso”, deveria progredir no que diz respeito à diversidade da mídia. Isso porque o número de propagandas abordando a temática LGBT e famílias afrodescendentes é ínfimo, se comparado às inúmeras propagandas que sempre perpetuaram a ideologia de “família tradicional brasileira” – brancos e héteros.” (Redação 3)</p>
<p>“Tem que ter coragem e estar preparado para o rebote”, comenta Ira ao citar o boicote feito à marca O Boticário após uma propaganda que incluía um casal de lésbicas em 2015. “O Boticário não ficou marcado porque tem verba para novas campanhas, mas uma empresa de menor porte pode não ter recurso ou equipe para novos comerciais”. [...] (Texto de apoio 4)</p>	<p>“Criticar essas propagandas que buscam incluir todos os públicos sociais, revela um ser preconceituoso e alienado ao mundo que vive. Mas é um cenário presente em todos os locais, no Brasil, por exemplo, quando uma propaganda utiliza minorias, como o público LGBT, negros, índios e mulheres em situações de equidade, torna-se alvo de críticas e muitas vezes afeta a economia de empresas de menores portes. São marcas que nosso país precisa superar o padrão imposto desde os tempos coloniais de uma sociedade ideal.” (Redação 1)</p>
<p>“Mesmo evoluindo, mercado nacional ainda precisa se conectar com os consumidores de forma mais relevante” (Texto de apoio 3)</p>	<p>“Contudo, é cada vez maior a demanda por comerciais que se conectem com nós, consumidores, visto a importância de apoiar tais movimentos.” (Redação 4)</p>
<p>“Apesar de a maioria dos brasileiros ter a cor “parda” ou “preta” (termos segundo classificação do IBGE), essa proporção não aparece em comerciais, filmes, telenovelas e capas de revista.” (Texto de apoio 1)</p>	<p>“É difícil acreditar que o Brasil com maioria da população negra ou parda, ainda há, de forma latente, a intolerância contra esse grupo... ledo engano” (Redação 4)</p>
<p>“foi possível perceber que há de fato um impacto perceptível das discussões sobre equidade de raças e gêneros na publicidade brasileira, apesar de ainda estarmos distantes do ideal de representatividade na propaganda” (Texto de apoio 3)</p>	<p>“Portanto, creio que o descompromisso social dos órgãos responsáveis contribui para o agravamento da problemática, uma vez que – se algum grupo não é incluído em campanhas publicitárias, ninguém é. Apesar da perceptível mudança em relação ao tema, ainda estamos distantes da meta. Por fim, acredito ser preciso continuarmos nesse caminho de transição apoiando tais comunidades, caso contrário seguiremos em direção ao retrocesso.” (Redação 4)</p>

Fonte: de acordo com os dados da pesquisa.

Segundo Zanini e Menegassi (1999 *apud* MENEGASSI; EMILIANO, 2004, p. 214), o texto motivador serve como um estímulo ao vestibulando para que ele estabeleça um diálogo e evidencie sua visão de mundo, “[...] interpretando dados e fatos, indo além do que lhe o ferece o texto de apoio”. Isso posto, identificamos que, nas redações, os candidatos estabeleceram diálogos com os textos de apoio através da paráfrase reprodutiva e, sobretudo, da criativa. Tomemos como exemplo a redação 4, em que o candidato reproduz no fragmento - “contudo, é cada vez maior a demanda por comerciais que se conectem com nós, consumidores, visto a importância de apoiar tais movimentos” - a mesma ideia disposta no texto de apoio 3, sem adicionar novas informações e explorar seu conteúdo, apenas modificando as palavras, mantendo, assim, o mesmo sentido, ou seja, o candidato gerou uma paráfrase reprodutiva do texto de apoio. Diferente do que ocorre, ainda na redação 4, no trecho

Portanto, creio que o descompromisso social dos órgãos responsáveis contribui para o agravamento da problemática, uma vez que – se algum grupo não é incluído em campanhas publicitárias, ninguém é. **Apesar da perceptível mudança em relação ao tema, ainda estamos distantes da meta.** Por fim, acredito ser preciso continuarmos nesse caminho de transição apoiando tais comunidades, caso contrário seguiremos em direção ao retrocesso. (destaque nosso)

O autor contribui com o texto de apoio 3, ao acrescentar-lhe reflexões e novas informações que alteram seu sentido inicial. A mesma categoria de paráfrase, a criativa, é perceptível também no parágrafo da redação 3.

A meu ver, um país que possui estampado em sua bandeira o ideal positivista “Ordem e progresso”, deveria progredir no que diz respeito à diversidade da mídia. Isso porque **o número de propagandas abordando a temática LGBT e famílias afrodescendentes é ínfimo**, se comparado às inúmeras propagandas que sempre perpetuaram a ideologia de “família tradicional brasileira” – brancos e héteros. (destaque nosso)

Esse trecho dialoga, simultaneamente, com os textos de apoio 1 e 4 e extrai seus elementos e o contexto geral para agregar consistência e validar sua argumentação.

Observamos, assim, que os candidatos do vestibular da UENP conseguiram realizar uma leitura competente dos textos de apoio ao parafrazeá-los de forma criativa, ampliando suas informações, agregando um ponto de vista e contribuindo com conhecimentos prévios, o que resultou no alcance das maiores notas do concurso.

Considerações finais

Tendo em vista nosso objetivo de analisar a relação de dialogicidade entre os textos de apoio e os quatro exemplares de artigo de opinião produzidos em contexto de vestibular, isto é, quais os discursos que constituem os textos motivadores podem ser identificados nas redações, apoiamo-nos na premissa de que todo enunciado sempre se relaciona com outros anteriores e posteriores. Os resultados demonstram que as redações investigadas dialogam com os textos de apoio por meio do discurso citado e da construção de paráfrases, neste os autores reelaboram discursos antecedentes com suas próprias palavras e naquele outras vozes enunciativas são acrescentadas de forma explícita no texto. Desse modo, identificamos diálogos que podem ser classificados como revelados.

Logo, ainda que não seja o objetivo da pesquisa, é válido apontar, diante dos resultados, que os textos de apoio são importantes ferramentas para que o candidato, produtor do artigo de opinião como redação de vestibular, possa em diálogo com aqueles, elaborar ou reelaborar discursos próprios.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERISTÁIN, H. **Diccionario de Retórica y Poética**. México, DF: Porrúa, 2006.
- BUCKTA, M.A.e; STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. **O Artigo de Opinião: materialização de novas práticas sociais de linguagem**. International Congress of Critical Applied Linguistics, Brasília, 19-21, out. 2015.
- GONÇALVES, J.B.C.; VIEIRA, R.O.; SOUZA, E.L.L. **Dialogismo generalizado e dialogismo revelado: o discurso citado como forma concreta de funcionamento dialógico do discurso**. Revista de Humanidades, v. 30, n. 2 (2015). Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2015. p. 208-226.
- KÖCHE, V.S.; BOFF, O.M.B.; MARINELLO, A.F. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e do expor**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MENEGASSI, R.J.; CAVALCANTI, R.S.M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa*, São Paulo, n. 57, v. 2, p. 433-449, 2013.
- MENEGASSI, R.J.; EMILIANO, S.R. **A paráfrase criativa como característica do leitor competente em textos de vestibular**. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 26, n. 2, p. 209-219, 2004.
- MONTEIRO, R.A.M.; STRIQUER, M.S.D. **Minha redação não é nota dez? Por quê?** *Revista Crátulo*, v. 14, n. 1, jan./jul. p. 134-147, 2011.
- STRIQUER, M.S.D. **Os gêneros do discurso como objeto de ensino**. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*. v. 09, n. 1, 2016, p. 95-106.
- STRIQUER, M.S.D.; ALMEIDA, A.R. **O dialogismo instituído em “boca de lobo” (Criolo, Daniel Ganjaman e Nave)**. *Revista Interdisciplinar de Cultura e Imagem*. v.11, n. 29, 2020, p. 67-90.
- STRIQUER, M.S.D.; BARROS, E.M.D. **O artigo de opinião como redação de vestibular: um olhar sobre a construção composicional do gênero**. *Revista Línguas e Letras*. v. 21, n. 40, 2020, p. 197-215.
- STRIQUER, M.S.D.; FRANCO, A.A. Um projeto de letramento para o ensino médio: o ensino do artigo de opinião como redação de vestibular. *In*: BRITO, L.; SILVA, F.M.; GABRIEL, F.A. (Orgs.). **Pesquisas em linguagem: interfaces linguísticas, literárias e culturais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016, p. 79-104.
- STRIQUER, M.S.D.; RIBEIRO, L. **A organização linguístico-discursiva dos artigos de opinião como redação de vestibular que alcançam boas notas**. *Cadernos de Pós-Graduação Verbum*. v. 10, n. 3, p. 305 - 324, dez. 2021.
- UENP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ. **Vestibular UENP 2020, Caderno de Questões**, Prova 1, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Língua Estrangeira Moderna – Espanhol e Redação. 2020.
- Enviado em 31/08/2023
Avaliado em 15/10/2023

ANEXO 1: Textos de apoio – prova de redação do vestibular 2020 da UENP

Texto 1

O Boticário põe família negra em comercial – e os racistas não gostam

Campanha de Dia dos Pais do Boticário no YouTube foi alvo de ataques de ódio.

Por Guilherme Dearo access_time31 jul. 2018, 13h10 - Publicado em 30 jul. 2018, 13h11

São Paulo — Apesar de a maioria dos brasileiros ter a cor “parda” ou “preta” (termos segundo classificação do IBGE), essa proporção não aparece em comerciais, filmes, telenovelas e capas de revista. Um estrangeiro desavisado que ligar a TV na novela das nove e ver a Bahia vai pensar que, no Brasil, a esmagadora maioria é branca.

Por causa desse problema, a representatividade negra, quando ocorre, é celebrada e comemorada por boa parcela da população, negros e brancos. Mas o fato também atrai a atenção dos racistas (travestidos de não racistas), que se incomodam e reagem diante dos “avanços”.

Em sua nova campanha de Dia dos Pais, a marca O Boticário colocou uma família negra estrelando o vídeo bem-humorado, onde um pai não é tão engraçado quanto ele acha que é. O fato de a família ser negra, na verdade, não é o assunto do comercial. Se é uma família brasileira, nada mais natural que seja negra. [...] No YouTube, a versão de 30 segundos da campanha acabou virando alvo de um ataque aparentemente coordenado de racistas, que conseguiram dar 16 mil “não gostei” ao vídeo. Nos comentários, muitos tentavam se passar por bem-intencionados e perguntavam “cadê a representatividade?”, com ironia.

Para eles, o comercial era racista. . . porque só tinha negros. No mundo ideal deles, era para ter brancos também. Eles se esqueceram dos outros milhares de comerciais feitos só com brancos. Claro, boa intenção disfarçada de racismo. Eles acham que branco também sofre racismo. [...]

(globo.com. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/12/stf-decide-que-pais-nao-podem-tirar-filhos-da-escola-para-ensina-los-em-casa.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2018.)

Texto 2

Dia dos Namorados: Marcas investem em propaganda com casais homossexuais *Campanhas inclusivas também são mercadológicas, pois, segundo o Censo 210, os casais homossexuais ganham mais que os heteros*

Por Ricardo Costa- 7 de junho de 2019

As campanhas de Dia dos Namorados estão abrangendo casais formados por pessoas do mesmo sexo. Cada ano que passa, um número maior de empresas passa a fazer propagandas com casais de gays e lésbicas. [...]

(Disponível em: jmnoticia.com.br/2019/06/07/dia-dos-namorados-marcas-investem-em-propaganda-com-casais-homossexuais/. Acesso em: 29 set. 2019.)

Texto 3

BRASIL CRIATIVIDADE 12.dez.2018

Pesquisa sobre diversidade na publicidade mostra que Brasil ainda precisa quebrar estereótipos

Mesmo evoluindo, mercado nacional ainda precisa se conectar com os consumidores de forma mais relevante

por Soraia Alves

A agência Heads, em parceria com a ONU Mulheres, divulgou uma nova edição de sua pesquisa sobre a representatividade de gênero e raça na publicidade brasileira. A sétima edição do estudo “TODXS – Uma análise da representatividade na publicidade brasileira” mostra que, apesar de estar em evolução, o mercado nacional ainda precisa quebrar estereótipos e se conectar com os consumidores de forma mais relevante.

As propagandas exibidas na TV e os posts de marcas nas redes sociais, apesar de estarem em um notório processo de evolução e mudanças, ainda reforçam estereótipos e continuam a não representar a real diversidade de raças e gêneros da nossa sociedade.

A agência monitorou todos os comerciais veiculados nos canais de televisão (aberta e fechada) de maior audiência no país durante uma semana (de 23 a 29 de julho de 2018). Nas 2.149 inserções analisadas foi possível perceber que há de fato um impacto perceptível das discussões sobre equidade de raças e gêneros na publicidade brasileira, apesar de ainda estarmos distantes do ideal de representatividade na propaganda. [...]

(B9.com. Disponível em: <https://www.b9.com.br/101008/pesquisa-sobre-diversidade-na-publicidade-mostra-que-mercado-brasileiroainda-precisa-quebrar-estereotipos/>. Acesso em 29 set. 2019.)

Texto 4

Representatividade LGBT em comerciais no Brasil não chega a 0,5%

Pesquisa apurou publicidade em televisão e redes sociais; série histórica mostra aumento de citações para a causa LGBT e queda quanto aos deficientes

Por gay.blog.br -12 de janeiro de 2018

A representatividade do público LGBT e de deficientes não chegou a 0,5% dos comerciais no último semestre de 2017, e poucas vezes foi superior a isso nos dois anos mais recentes, segundo a pesquisa TODXS, que avalia a representatividade na publicidade no Brasil. Para especialistas, a incidência de comerciais inclusivos ainda é baixa, apesar de empresas já demandarem esse tipo de conteúdo. Quanto à representatividade de negros, uma melhora foi observada.

A jornalista Nathalia Barbosa, que é negra e lésbica, falou ao E+ que percebe uma melhora gradativa no conteúdo das propagandas. “As empresas estão começando a dançar a nossa música porque nós estamos falando mais sobre o tema”, avalia. Ela observa as pautas das produções televisivas: “há uma onda que não é só na publicidade. Alcança também programas de TV, séries e novelas”. [...]

Para a publicitária Ira Berloff Finkelstein, vice-presidente de Estratégia da Heads, a sociedade vive um momento de transição em que as empresas querem um material inclusivo, mas ainda não sabem como apresentá-lo. “Tem que ter coragem e estar preparado para o rebote”, comenta Ira ao citar o boicote feito à marca O Boticário após uma propaganda que incluía um casal de lésbicas em 2015. “O Boticário não ficou marcado porque tem verba para novas campanhas, mas uma empresa de menor porte pode não ter recurso ou equipe para novos comerciais”. [...]

(Adaptado de: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/polemica-pros-e-contras-de-educar-os-filhos-em-casa/>. Acesso em: 16 set. 2018.)

ANEXO 2: Redações que alcançaram a maior nota no vestibular da UENP 2020

Redação 1

Título: Por uma mídia múltipla.

Desde meados da década de 80, com o surgimento dos novos movimentos sociais, os avanços tecnológicos das formas de comunicação e a globalização, a sociedade inicia o processo de aceitação de sua composição heterogênea e uma busca pela quebra de estereótipos herdados das gerações anteriores. O mesmo fenômeno ocorre com as campanhas publicitárias, que possuem a intenção de atingir vários tipos de público para o consumo, mas esses novos modelos são alvos de críticas por conservadores, atrasados, que não reconhecem a nova sociedade do século XXI.

Críticas a essas propagandas que buscam incluir todos os públicos sociais, revela um ser preconceituoso e alienado ao mundo que vive. Mas é um cenário presente em todos os locais, no Brasil, por exemplo, quando uma propaganda utiliza minorias, como o público LGBT, negros, índios e mulheres em situações de equidade, torna-se alvo de críticas e muitas vezes afeta a economia de empresas de menores portes. São marcas que nosso país precisa superar o padrão imposto desde os tempos coloniais de uma sociedade ideal.

Marcas famosas, com grande poder econômico estão se impondo a frente de comentários negativos e trazendo essa multiplicidade do povo brasileiro, como o Boticário que trouxe uma família negra em sua campanha do Dia dos Pais. É exatamente essa atitude que essas empresas devem realizar, principalmente as que detêm poder econômico, pois se elas são capazes de influenciar milhares de pessoas para compra de suas mercadorias, podem construir a aceitação dos novos modelos sociais, que todos são iguais, independente de seu gênero, cor e preferência sexual.

A força midiática é uma boa alternativa para alterar os estereótipos futuros. Os indivíduos sociais reproduzem grande parte da proposta por elas de forma acrítica, então para uma mudança social, esses influenciadores de comportamento devem estar de acordo com o novo modelo social e serem resistentes a ele.

Redação 2

Título: Representatividade na indústria publicitária.

A partir da observação das mudanças ocorridas em nossa sociedade nos dias atuais, podemos ver, além de grandes avanços no campo tecnológico e intelectual, um triste retrocesso no âmbito da representatividade das minorias e respeito para com as diferenças, isso tudo pode ser percebido na indústria publicitária: quantos comerciais de televisão retratam a diversidade de gênero, cor (tenho para mim que o termo “raça” seja universal, até porque, possuímos todos a mesma) ou até mesmo pessoas com limitações físicas?

Pois então, se não lhe veio à memória nenhuma propaganda com tais características, talvez seja porque, segundo a pesquisa TODXS, que faz estudos e análises sobre a representatividade na publicidade brasileira, em 2017, menos de 0,5% dos comerciais e campanhas publicitárias mostram o público LGBT e de deficientes, tendo pouca variabilidade nos anos anteriores e com tendência a permanecer estático nos dias odiernos.

Em minha opinião, essa realidade precisa ser mudada. Embora esteja ocorrendo avanços, como o aumento da representatividade negra, é necessário maior ousadia, quebrar o padrão hegemônico estético vendido pelas marcas, pois vivemos em um país de diversas nuances, culturas e gêneros, e, sendo o meio publicitário de grande influência social, nada mais digno do que todos se sentirem representados, e não mais o estereótipo arcaico branco e hétero.

Em contrapartida, vejo eu, que tal questão possui níveis hierárquicos a serem superados, sendo o principal, a intolerância para com as minorias, mas é preciso otimismo, já que o ser humano possui a maior das dádivas: o intelecto, e, através do diálogo e bom senso, além da divulgação do problema que a causa será reconhecida e debatida, mostrando que, por fim, a propaganda desempenha não apenas um papel importante no que diz respeito à economia, mas também de compromisso social para combater as desigualdades.

Redação 3

Título: Empatia e representatividade

Desde a década de 1930, Oswald de Andrade – autor do primeiro tempo do modernismo – chocava leitores e espectadores da época (1967) com sua peça teatral “O rei da vila”. Nela retratou, sem medo das críticas, as relações homoafetivas das personagens e fragmentou a ideia de “família perfeita”. Infelizmente, no que diz respeito ao cenário brasileiro atual, nota-se o preconceito estrutural que vigora em campanhas publicitárias, quando estas se preocupam em abordar a heterogeneidade étnica e de gênero.

A meu ver, um país que possui estampado em sua bandeira o ideal positivista “Ordem e progresso”, deveria progredir no que diz respeito à diversidade da mídia. Isso porque o número de propagandas abordando a temática LGBT e famílias afrodescendentes é ínfimo, se comparado às inúmeras propagandas que sempre perpetuaram a ideologia de “família tradicional brasileira” – brancos e héteros.

Ademais, esquecem-se da importância da representatividade para as minorias. Para uma criança negra, ser representada na televisão abre portas para que ela reconheça sua identidade e enxergue sua beleza como ela é única e fora dos padrões estéticos impostos pela sociedade; para alguém que está descobrindo sua sexualidade, é imprescindível que compreenda que está tudo bem se dois homens quiserem se relacionar afetivamente, pois “amor é amor”, independente do gênero.

Entendo, portanto, que deve haver o estímulo do Estado a campanhas publicitárias que representem tais minorias para que, cada vez mais, as pessoas se conscientizem e erradiquem de suas mentes fechadas esse preconceito institucionalizado. Dessa forma, o país se tornaria mais respeitoso e empático, aceitando, de uma vez por todas, a diversidade que existe aqui desde o descobrimento das terras pelos portugueses.

Redação 4

Título: A parte que falta

Segundo o pensador Claude Lévi-Strauss, é necessário, a priori, entender os fatores que atuam sobre a sociedade para assim, compreender a estrutura social. Percebo que tal visão dialoga com a realidade brasileira em que grupos minoritários - negros, a comunidade LGBT e deficientes, por exemplo - se encontram às margens da sociedade em diversos aspectos, sobretudo, a falta de representatividade, principalmente, em campanhas publicitárias. Diante disso, cabe o questionamento: afinal, se tais grupos são parte da população brasileira, não deveriam ser representados?

Aprofundando mais o assunto, me deparo com os dados da pesquisa TODXS que avaliam a representatividade da publicidade do Brasil que não atinge os 0,5% sobre o público LGBT e de deficientes. Apesar da baixa porcentagem, há quem tente boicotar marcas que buscam se atualizar e seguir a tendência de evolução como o caso “O Boticário” que não apenas uma, mas duas vezes sofreu boicote de racistas e homofóbicos pelo conteúdo de sua propaganda. Contudo, é cada vez maior a demanda por comerciais que se conectem com nós, consumidores, visto a importância de apoiar tais movimentos.

Ainda saliento o papel das redes sociais no crescimento da discriminação mediante o anonimato que proporcionam, por consequência, a impunidade. É difícil acreditar que o Brasil com maioria da população negra ou parda, ainda há, de forma latente, a intolerância contra esse grupo... ledo engano. Assim, embora o ambiente virtual criou um espaço para a destilação do ódio, também contribui para dar relevância aos grupos que lutam contra isso ampliando discussões sobre equidade de gênero e de raças nas propagandas.

Portanto, creio que o descompromisso social dos órgãos responsáveis contribui para o agravamento da problemática, uma vez que – se algum grupo não é incluído em campanhas publicitárias, ninguém é. Apesar da perceptível mudança em relação ao tema, ainda estamos distantes da meta. Por fim, acredito ser preciso continuarmos nesse caminho de transição apoiando tais comunidades, caso contrário seguiremos em direção ao retrocesso.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM SALA DE AULA: REFLEXÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO MUNDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO DO IFPA – *CAMPUS* PARAGOMINAS.

Núbia Régia de Almeida¹⁷
Kátia Bárbara da Silva Santos¹⁸

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a importância da literatura para a ampliação de conhecimentos e alargamento das experiências e emoções do leitor. Além de apresentar a literatura afro-brasileira para os discentes e algumas de suas características. Para tanto, foi proposto a leitura e socialização da obra literária “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo em um Café Sociológico. Percebeu-se, por meio da socialização da leitura o impacto que a obra causou nos estudantes e a ressignificação do conteúdo por meio das experiências de leitura.

Palavras-chave: Leitura literária, socialização, experiências literárias.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo presentar la importancia de la literatura para la ampliación del conocimiento y expansión de las experiencias y emociones del lector. Además de presentar la literatura afrobrasileña a los estudiantes y algunas de sus características. Para eso, se propuso la lectura y socialización de la obra literaria “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo en un Café Sociológico. Se notó, a través de la socialización de la lectura, el impacto que el trabajo tuvo en los estudiantes y la redefinición de contenidos a través de experiencias lectoras.

Palabras-clave: Lecturaliteraria, socialización, experiencias literarias.

Introdução

Questiona-se muito a respeito da importância de se ensinar Literatura no ensino fundamental e médio, visto que se entende Literatura como ficção e, por isso, tanto para muitos alunos e pais quanto para alguns professores, parece que a ficção é tomada como oposta ao real, o que serve como forte pressuposto para o questionamento de sua aprendizagem.

Sendo a Literatura uma obra de ficção, não deixa de ter como instrumento a linguagem e como diz a poetisa e escritora Suzana Vargas, no livro *Leitura uma aprendizagem de prazer*, “a linguagem é o real, é o modo como o entendo e o expreso. O imaginário é também o real enquanto expreso pela linguagem” (VARGAS, 1997, p. 20).

Do ponto de vista da linguagem literária não há verdade ou mentira, pois os textos se constroem de tal forma, com características discursivas específicas, que não cabe ao leitor julgar a linguagem verdadeira ou mentirosa. Para não ficarmos apenas no âmbito do verdadeiro ou ficcional, é interessante observarmos que justamente o critério ficcional do texto literário é que nos possibilita por meio de outras dimensões alargar o nosso conhecimento, porque sendo o texto ficção possui como característica essencial a plurissignificação, isto é, permite ao leitor várias maneiras de ler o texto, exigindo dele uma participação ativa que possibilitará a interação com o texto.

¹⁷ Doutora em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins e Professora efetiva da SEDUC/TO.

¹⁸ Professora do Instituto Federal do Pará - Campus Paragominas

Assim, a obra literária não é um produto fixo; ganha vida própria na medida em que o leitor interage com ela – decodificando-a, aceitando-a e a rejeitando – e, desse modo, ele vivencia a leitura tornando-a uma obra viva.

Estudar as obras literárias leva o aluno a conhecer vários aspectos de determinado período, como fatores históricos, sociais e psicológicos, pois, por meio delas, os autores imprimem marcas expressivas de determinada geração. O estudante, ao entrar em contato com esses livros, irá abstrair por meio da leitura informações predominante daquele período em que a obra foi escrita, como em “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo (2018) que evidencia o universo social precário e miserável em que vivia os moradores do Cortiço sem nenhuma perspectiva social relegados às determinações supostamente já definidas étnica (raça), social (meio) e historicamente (momento).

Nesse romance o autor se baseia nas teorias científicas da época como (Evolucionismo, Darwinismo, Determinismo, Positivismo) as quais defendem que o homem é fruto do meio em que vive. Aluísio retrata a sociedade carioca ainda em processo de construção e transformações desordenadas devido à chegada em massa de migrantes e imigrantes. Ele procura através do determinismo evidenciar a exploração brutal do trabalho servil na figura da escrava Bertoleza, assim como a exploração dos inquilinos, dos fregueses da venda e dos empregados da pedreira, pelo inescrupuloso João Romão, que passa da condição de pobre, humilde para uma pessoa bem sucedida, ambição que transcende também no desejo de crescer culturalmente, influenciado pelo sucesso de seu vizinho Miranda.

O Contrário ocorre com Jerônimo, português de bons costumes, muito trabalhador, porém ao mudar-se para o Cortiço apaixonou-se por Rita Baiana, mulata ferosa que gostava de uma patuscada e aos poucos Jerônimo envolvido por ela deixa sua tradição, sua ambição e desejo de crescer e vai se entregando aos costumes brasileiros. A leitura dessa obra é agradável e envolvente, leva-nos a analisar de forma diferente a burguesia da época e o período escravista, e como a mulher negra e pobre era tratada.

É sabido que todo texto literário veicula saberes e que no momento da leitura o aluno pode desencadear novas aprendizagens decorrentes de suas experiências e emoções. É interessante que o professor contextualize a época em que o texto foi composto, pois permitirá ao aluno fazer um paralelo entre o cotidiano que vive e a realidade que provocou o autor a compor a obra literária. No caso de “O Cortiço”, podemos fazer o paralelo entre o cortiço povoado pelos mestiços, negros, e imigrantes, população de baixa renda, representado hoje pelas grandes favelas existentes não só no Rio de Janeiro como também nas metrópoles. Nesse romance as ameaças eram as doenças, epidemias que assolavam a população e colocava em risco a nobreza, hoje essa ameaça às classes dominantes é vista através da violência advinda das favelas.

Proposta Metodológica

Literatura é arte e, por ser ficcional, deve ser apresentada aos alunos como algo que pode ser recriado e não como uma disciplina estanque. Ela precisa ser explorada com dinamicidade e criatividade, a fim de acrescentar subsídios ao crescimento e conhecimento do leitor propiciando reflexões e ressignificações de sua visão de mundo. O professor deve adotar procedimentos nos princípios da transversalidade e da descompartmentalização do saber.

O pressuposto básico é de que o professor deve ser um bom leitor e deve exercer o papel de mediador do texto com o leitor, provocá-lo, para que tenha curiosidade em descobrir as emoções causadas por uma leitura, fazer reflexões, adquirir referências e, quem sabe, mudar a maneira de pensar e agir. Nesse sentido, foi proposto aos alunos do 1º ano do Ensino Médio Técnico dos cursos de Informática, Meio Ambiente e Administração a leitura de uma obra literária para socialização, por cada turma, no Café Sociológico.

O trabalho foi realizado a partir da parceria das professoras de Sociologia e Língua Portuguesa do Instituto Federal do Pará – *campus* Paragominas, por meio de uma ação denominada “Café Sociológico” incluída no projeto de extensão (NEABI) Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFPA *campus* Paragominas. O objetivo do projeto é promover o debate étnico-racial e de gênero no campus e junto à comunidade paragominense. A princípio a professora de Língua Portuguesa apresentou aos alunos dois livros de Conceição Evaristo: “Olhos D’água” e “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”. Expôs dados da escritora e abordou-se sobre a literatura afro-brasileira. Apresentou-se os títulos das obras, questionou aos alunos sobre o que título de cada livro sugeria, que assuntos poderiam ser abordados no livro partir do seu título. Foi um momento rico, em que eles apontaram várias temáticas.

Para escolha da obra a ser lida por cada turma, a professora de Língua Portuguesa leu coletivamente com os alunos o primeiro conto de cada um dos livros. Portanto, foram lidos os seguintes contos: “Olhos D’Água” e “Aramides Florença”. Notadamente, o conto Aramides Florença causou um impacto muito grande nos alunos, percebeu-se visivelmente a indignação dos discentes quanto as atitudes inesperadas do companheiro de Aramides Florença. Desse modo, a obra escolhida nas quatro turmas foi “Insubmissas Lágrimas de mulheres”.

Foi solicitado aos estudantes que lessem os contos, anotassem no caderno os pontos que eles considerassem interessantes para serem discutidos no dia do Café Sociológico que seria organizado por cada turma. Para a organização e realização do momento de socialização da obra, a sala foi dividida em três equipes. A primeira equipe seria responsável pela comunicação, arte e divulgação do Café Sociológico; a segunda ficou responsável pela organização do coquetel e a terceira equipe assumiu a organização do ambiente que seria realizado o Café Sociológico.

Verificou-se um empenho muito grande dos discentes na realização dessas tarefas, por exemplo, as equipes incumbidas pela comunicação produziram muitas mídias para divulgação antes e após o evento. Foram produzidos vídeos, reels, flyers para serem divulgados nas redes sociais das turmas e Status de WhatsApp pessoal dos estudantes. As comissões responsáveis pela organização das salas e pelo coquetel também capricharam na ornamentação, ambientação da sala e preparação do coquetel.

No momento da socialização da leitura do livro, por cada turma, a professora de Sociologia, coordenadora do NEABI, participou colaborando com a docente de Língua Portuguesa na condução da discussão e reflexão da obra. Foram destinadas duas aulas para realização desse momento, tempo considerado insuficiente tanto pelos alunos como pelas docentes. Não foi possível discutir as temáticas e assuntos abordados em todos os contos, nem oportunizar a fala para todos os alunos. Contudo, foi um momento riquíssimo de partilha e reflexões sobre a obra.

O Café Sociológico trabalha com a literatura numa perspectiva étnico-racial, com obras literárias de escritoras negras, nele alunos e alunas conhecem outras versões dos grupos étnicos, para além do olhar etnocêntrico e que se propõe o hegemônico. Oportuniza a criação de um espaço identitário e o questionamento da ordem social. No café sociológico a leitura é construída a partir de um olhar, contra-hegemônico, na perspectiva de Sousa Santos(2002) de uma luta contra o sistema de poder que visa excluir e apagar a cultura dos grupos subalternizados.

O Café Sociológico proporciona o diálogo com a diversidade dos sujeitos que adentram a escola, espaço que deve favorecer a inclusão e o respeito as diferentes identidades. Assim, garantimos uma educação igualitária que incentive o acesso a permanência de todos, independentemente de sua cor/raça, classe, gênero ou identidade sexual, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

Importante trabalhar com a representatividade da literatura afro-brasileira no espaço da escola, por construir perante os alunos/as uma imagem positiva do negro brasileiro. As obras de Conceição Evaristo, “Olhos D’água e “Insubmissa lágrimas de mulheres”, traz para suas histórias, sujeitos negros e faz com que sejam vistos, enquanto sujeitos de direitos. Visto que, o sistema escravocrata, trouxe sérias consequências que ainda hoje repercutem de forma negativa no imaginário que estrutura o pensamento brasileiro, a literatura afro-brasileira é uma ferramenta que expressa resistência, o questionamento sobre os estereótipos da mulher negra, e as representações positivas sobre o que é ser negro. Para Conceição Evaristo “o poeta precisa recompor o passado para ser, e ter, se ver, se dizer por inteiro” (EVARISTO, 1996, p. 112). Assim como o sujeito negro, que foi destituído de sua identidade, de sua história, ele precisa se reconhecer, encontrar se por inteiro.

Socialização da leitura da obra “Insubmissas Lágrimas de mulheres” de Conceição Evaristo por alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Os contos mais comentados pelos alunos em todas as turmas foram os Contos “Shirley Paixão”, “Isaltina Campo Belo” e “Lia Gabriel”. No conto Shirley Paixão os alunos destacaram como motivo de reflexão a crueldade do pai ao abusar sexualmente da própria filha, além do abuso sexual, o abuso psicológico ao depreciar a criança, estar sempre irritado com ela, demonstrando desprezo por ela. Esse conto retrata o tema da violência doméstica, extremamente importante para reflexão das famílias brasileiras, pois ainda é muito recorrente (FLORES; CAVALCANTES, 2011).

Os discentes também demonstraram indignação contra a injustiça cometida com a madrasta de Seni que ao defender, sua menina, atacando o agressor com uma barra de ferro foi levada presa pelos policiais, foi julgada e condenada a cumprir três anos na prisão, tendo que deixar suas cinco meninas desamparadas.

Esse conto despertou o sentimento de revolta nos discentes, pois de acordo com eles, a figura responsável por defender seus filhos agiu de maneira imperdoável abusando sexualmente de sua filha. Eles apontaram que a família precisa ficar alerta a cada sinal ou mudança de comportamento das crianças, pois por trás dessas alterações de comportamento, pode estar acontecendo algo terrível com ela. Também apontaram a importância do papel da escola no sentido de identificar esses sinais e entrar em contato com os responsáveis para juntos descobrir e entender os motivos que podem estar causando essas mudanças comportamentais.

No conto de Lia Gabriel, os alunos abordaram como ponto crucial os traumas que a violência pode provocar na vida das pessoas. Neste conto, Lia Gabriel relata em primeira pessoa sua luta para encontrar tratamento para seu filho Máximo Gabriel, diagnosticado como esquizofrênico, ainda muito criança. Por muitos anos Lia percorria de hospital em hospital procurando ajuda para seu filho, realizando vários até chegar o dia em que o psiquiatra recomenda a internação de Máximo Gabriel, após uma longa crise do menino quando estava com 15 anos. De acordo com o médico era perigoso mantê-lo em casa, pois ele poderia atacar violentamente a mãe ou as irmãs, caso ele as estranhasse.

Após ser internado, uma nova profissional passa a cuidar do rapazinho, e recomenda que a mãe se afaste do filho por alguns dias e posteriormente, por alguns meses. Durante esse afastamento e ausência da mãe, a psiquiatra descobre que todos os surtos de violência de Máximo Gabriel, contra ele mesmo, estão relacionados com a figura paterna. Uma nova entrevista foi realizada com a mãe para saber a respeito do pai da criança e descobre-se por meio da narrativa de Lia Gabriel as sessões de tortura que ela e os filhos sofreram durante o período que o pai viveu com eles. A última tortura ocorreu quando Máximo Gabriel tinha dois anos de idade, após a mãe ser agredida violentamente com joelhadas, afogamento no tanque com água e chicoteada nua no quarto de empregada, juntamente com seu filho.

De acordo com um estudo realizado pela PUC-Rio (s/d) sobre as faces da violência, aponta que crianças que presenciam e sofrem violência, nos seus primeiros dois anos de vida, podem ser afetadas de diversas maneiras como: dificuldade de aprendizagem, raiva, timidez, isolamento e outros transtornos de comportamento nos relacionamentos interpessoais. Nesse sentido, verifica-se que Máximo Gabriel logo no início de sua vida teve seu desenvolvimento mental, neuro-fisiológico e comportamental afetado em virtude da violência presenciada e sofrida em casa por seu pai.

Os discentes destacaram que narrativas como essas ainda são muito presentes no dia a dia de muitas mulheres e crianças. Apontaram o quanto esses traumas podem afetar a vida de uma pessoa. Essa violência ficou guardada na memória do menino que, apesar de ser muito novo e não ter total consciência dos acontecimentos, não conseguiu superar esse trauma e isso o afetou profundamente, somente após alguns anos, por meio do acionamento de suas recordações, se descobriu o fator desencadeador de sua perturbação mental. Dionísio (2013) aponta que “a memória, como máquina mental de cada sujeito, não pode ser controlada pelo indivíduo. Independentemente da vontade do sujeito, ela é acionada, fazendo surgir as recordações [...]” (2013, p. 30).

Esse conto, assim como vários outros contos que compõem a obra “Insubmissas lágrimas de mulheres” despertaram a reflexão dos discentes sobre como as marcas do paternalismo, do colonialismo eurocêntrico ainda se fazem presentes na atualidade. O corpo dessa mulher negra é uma evidência do controle social em que ela está submetida, seja para o trabalho precarizado, a violência física, subjetiva e sexual. Dessa forma, conforme aponta (Barrios & Caetano, 2018) esse corpo ao longo do tempo vem sendo coisificado, ora para satisfazer o desejo sexual, ora desprezado e servindo para o serviço braçal.

O conto “Lia Gabriel” denuncia a opressão, a violência doméstica vivida pela mulher negra e cometida por seu companheiro. À medida que essa mulher não se encaixa no papel feminino imposto pela sociedade com pensamentos eurocêntricos, em que ela se recusa a servir prontamente o marido ou não atende as expectativas do companheiro, seu corpo sofre as penalidades dessa insubmissão, seja por meio da agressão psicológica, física ou sexual. Verifica-se que a violência doméstica parece reproduzir as estruturas sociais de poder, principalmente aquelas que definem a ascendência do mais forte sobre o mais fraco.

Nas obras de Conceição Evaristo conseguimos construir uma literatura engajada no qual problematiza-se a partir dos contos, o preconceito racial, as relações de gênero, a desigualdade social, o abuso sexual, a fome, a violência policial e outras temáticas, no qual alunos/as veem refletidos suas histórias de vida. Com o texto “Nossa democracia racial” (1977) de Beatriz Nascimento, aprendemos a não negar o preconceito racial e outras intersecções que atravessam o corpo negro, e assim, no café sociológico, contribuimos para o processo de uma conscientização crítica da sociedade brasileira.

No conto de Isaltina Campo Belo, os discentes destacaram como marcas do pensamento eurocêntrico, além da violência sexual a erotização do corpo feminino negro. Isaltina, uma mulher negra, com seus vinte e dois anos conhece um colega de trabalho que se interessa por ela. Desde de sua infância Campo Belo se sentia diferente, sentia que tivesse nascido em um corpo errado, seus pensamentos, sentimentos, desejos e atitudes eram de meninos. Sentia-se descontente, sem lugar e sempre se questionava como ninguém conseguia perceber isso. Com o tempo afastou-se da família, mudou-se de cidade para viver sozinha com seus sentimentos, sem necessidade de dar explicações alguma sobre nunca ter tido um namorado, um envolvimento amoroso.

Esse pretenso namorado de Campo Belo mesmo com as recusas dela continuou cercando-a e não mostrando nenhum desapontamento pelo seu desinteresse, sempre agindo com palavras ternas e doces, Isaltina resolve, após algum tempo, confessar a ele os seus sentimentos em relação ao menino que ela carregava em si.

Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a palpitar por dentro e por fora [...] Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem [...] Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2020, pp. 63-64)

Neste fragmento, verifica-se o corpo negro reconhecido como objeto de desejo e erotizado. A mulher negra continua sendo vista como ferosa. Além desse estereótipo, neste conto, esse corpo também é violentado por desconhecidos que se identificam como iniciadores em um acesso à heterossexualidade.

Um dia, ele me convidou para a festa de seu aniversário e dizia ter convidado outros colegas de trabalho, entre os quais, duas enfermeiras do setor. Fui. Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos [...] deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento.

Apesar dessas cenas revoltantes de desrespeito com o corpo feminino, de dominação por força e violência doméstica e sexual, os alunos perceberam que embora todas as protagonistas dos contos tenham experienciado vivências dolorosas, traumáticas elas não deixaram de ter controle sobre suas vidas, encontraram modos de resistir, foram insubmissas e tomaram nas mãos as rédeas de suas vidas e com muito sacrifício conseguiram reagir para se libertarem da opressão, das violências sofridas por cada uma delas.

No caso de Lia Gabriel, verifica-se essa reação após o término do relacionamento abusivo de violência doméstica. Lia relata como ela passou a direcionar sua vida e de sua família.

“[...] E foi nessa ocasião que tomei, sozinha, a diretriz de minha vida [...]. Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs [...] e passei a dar aulas particulares em casa [...]. Trabalhar em casa foi a solução encontrada [...]. Nas horas vagas, ou seja, na solidão das madrugadas, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade. Desde menina eu tinha certo pendor para montagens de rádio, televisão, etc. Transformei essa habilidade em profissão. Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças. (Evaristo, 2016, pp. 98-99)

Shirley Paixão após sair da prisão, continuou com suas meninas, fortalecendo os laços de amor que existiam entre elas e Sení se torna uma excelente médica no ramo da pediatria visando proteger crianças indefesas como ela foi um dia. Isaltina Campo Belo assume sua sexualidade, descobre o amor de uma mulher, o encanto da entrega de dois corpos e duas almas que se desejam e querem estar juntas e dar o melhor de si, uma para a outra.

Considerações finais

A leitura e socialização dessa obra permitiu aos alunos relacionar os conhecimentos difundidos nos contos com seus conhecimentos de mundo, fazer um paralelo entre a ficção e a realidade vivida no cotidiano de vários brasileiros e brasileiras e alargar suas experiências e emoções.

Nesse sentido, destacaram a importância da literatura para a reflexão dessas questões, pois os temas abordados na obra, são temas que se veem cotidianamente nos noticiários de TVs e rádios, contudo a maneira como a literatura traz esses assuntos possibilitam despertar sentimentos, emoções e reflexões mais aprofundadas sobre eles, além de estimular a imaginação, vivenciar a experiência do personagem, suas dores, seus sentimentos, suas alegrias e perceber a força e a garra para superação dos problemas enfrentados.

Trabalhar em sala de aula com a literatura afro-brasileira é oportunizar a “autorrepresentação”, dos discentes como, por exemplo, por meio da escrevivência de Conceição Evaristo, pois seus contos oportunizam com que as vozes negras escrevam suas próprias histórias, não mais a partir da figura do negro como escravo, e outras características que o inferiorizam. Embora, ainda hoje encontram dificuldades para o exercício pleno da cidadania, que se reflete no “genocídio de negros e negras nas favelas, nos quintais.

Através dessa literatura afro-brasileira, alunos e alunas puderam perceber a mulher negra como protagonista de suas histórias, sem as representações estereotipadas apresentadas pela literatura brasileira, em que a mulher negra assume o papel periférico, representando a prostituta, a escrava, a mulher fofosa, destruidora de lares, como em “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo.

Nas narrativas que compõem “Insubmissas lágrimas de mulheres”, a mulher negra é a personagem central que, por meio de suas memórias, narra suas dores e resistências, denuncia as práticas abusivas que acorrentam os negros e negras brasileiras, além de valorizar de sua ancestralidade e cultura.

Adotar a leitura literária como diálogo identitário é subverter e questionar a ordem social vigente, visto que os materiais didáticos continuam a priorizar os conteúdos etnocêntricos, com estereótipos depreciativos com relação as pessoas negras. Mesmo com a Lei 10.639/03 e sua complementação pela Lei 11.645/08, há muito a ser feito na construção do auto pertencimento e da elevação da estima de estudantes afro-brasileiros e indígenas.

Referências

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 2018.
- BARRIOS, Andressa Farias. CAETANO, Márcio Rodrigo **Vale. Recipientes para alimentar a alma: Mulheres negras e a racialização do cuidado**. Trabalho apresentado no VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/62.p> .(2018).
- BRASIL. **Lei 10.639/03**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a Obrigatoriedade da Temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 22 de jun. 2023.

_____. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 22 de jun. 2023.

DIONÍSIO, D. **Ancestralidade Bantu na literatura afro-brasileira: reflexões sobre o romance “PonciáVicêncio”, de Conceição Evaristo.** Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Dissertação. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

FLORES, Conceição; CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **O grito do silêncio: uma leitura do conto Shirley Paixão.** Juiz de Fora, v.12, n. 20, ago/dez. 2011.

PUC-RIO. **As faces da Violência.** Certificação digital, nº 0821845/CA. (s/d).

VARGAS, Suzana. **Leitura uma aprendizagem de prazer.** Rio de Janeiro, José Olympio, 3ª Ed. 1997.

NASCIMENTO, Beatriz. **Nossa democracia racial.** Revista IstoÉ. 23 de nov. 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. In: _____ (Org.). **A Globalização e as ciências sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023

OS LETRAMENTOS DIGITAIS DAS PESSOAS IDOSAS EM CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL: PRÁTICAS E MOTIVAÇÕES

Patrícia Micarla Guedes da Silva¹⁹

Alyssandra Viana Fonseca²⁰

Ana Maria de Oliveira Paz²¹

Resumo

Este trabalho objetiva focalizar as práticas de letramento digital de pessoas idosas em suas interações na pandemia do COVID-19, inclusive as suas motivações e especificidades. Teoricamente, ancora-se nos pressupostos dos letramentos (KLEIMAN, 2005), precisamente nos letramentos digitais (RIBEIRO, 2009) da pessoa idosa (KREIS *et. al.*, 2007; MASSI *et. al.*, 2010). Metodologicamente, segue orientações das investigações de natureza qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006) com viés interpretativista (MOITA LOPES, 2006). Como resultados, destaca-se que os participantes fizeram uso tanto do computador, quanto do celular conectado à internet e interagiram em redes sociais, *sites* e *apps*, motivados por demandas pessoais e de trabalho.

Palavras-chave: Letramento digital. Pessoa idosa. Isolamento social.

Abstract

This work aims to focus on the digital literacy practices of elderly people in their interactions in the COVID-19 pandemic, including their motivations and specificities. Theoretically, it is anchored in the contributions of literacy (KLEIMAN, 2005), precisely in the digital literacy (RIBEIRO, 2009) of the elderly (KREIS *et. al.*, 2007; MASSI *et. al.*, 2010). Methodologically, it follows guidelines for investigations of a qualitative nature (DENZIN; LINCOLN, 2006) with an interpretive bias (MOITA LOPES, 2006). As a result, it is noteworthy that the elderly used both the computer and the cell phone connected to the internet and interacted in social networks, websites and applications, motivated by personal and work demands.

Keywords: Digital literacy. Elderly. Social isolation.

Introdução

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a PNAD (IBGE, 2019), a população do Brasil tem atingido crescentes índices de longevidade, assim, a pessoa idosa e suas questões têm sido alvo de debates no campo das pesquisas (MASSI *et. al.*, 2010; LOURENÇO; MASSI, 2011; TORQUATO; MASSI; SANTANA, 2011; SOUZA FILHO; MASSI, 2014) e no cenário nacional de políticas públicas, sobretudo em tempos da pandemia do Covid-19, nos quais essa parcela da população foi fortemente atingida em razão das comorbidades que, em geral, afetam o seu bem-estar, deixando-a mais vulnerável ao contágio e à letalidade do vírus. Em face disso, tornou-se o segmento social a ser orientado a ficar em isolamento social desde o início do período pandêmico em 2019.

¹⁹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

²⁰ Mestranda em Estudos da Linguagem, na área de Linguística Aplicada (PPgEL/UFRN). Graduada em Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN) e técnica em Agronegócio pela mesma instituição (e-Tec/EAJ/UFRN). É membro do Grupo de Estudos de Letramento e Trabalho (GELT) e do Laboratório de Práticas Educativas Inovadoras e Acessíveis (LAPEIA), além de integrar o conselho técnico da Revista Saridh - Linguagem e Discurso.

²¹ Professora do curso de Letras da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Estudos da Linguagem.

Consequentemente, houve uma necessidade maior de proporcionar visibilidade a essa parcela, inclusive em termos de assistência, prioritariamente na área da saúde, mas não somente. Isso porque, esse segmento populacional, em sua maioria, está cotidianamente ressignificando os seus hábitos e atividades para se adequar, concomitantemente, tanto à nova fase, quanto aos avanços da tecnologia, em sociedade, o que faz com que essas pessoas idosas buscassem mais acesso ao conhecimento, mediante a interação estabelecida por meio do uso de dispositivos digitais conectados à internet.

Soma-se a isso o fato de que com o intuito de minimizar as consequências ocasionadas pelo distanciamento social em termos de interação, as pessoas idosas necessitaram, quase obrigatoriamente, fazer uso de modo mais recorrente dessas tecnologias com vistas a estabelecer contato com familiares e amigos e, até mesmo, dar conta de demandas pessoais e de trabalho que antes eram realizadas predominantemente, e algumas até totalmente, de forma presencial.

Nesse sentido, o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e dos recursos disponíveis na internet, incluindo as redes sociais, passaram a ser utilizados de forma mais assídua, em práticas e eventos de letramentos digitais entre as pessoas idosas.

É, portanto, diante desse cenário, que o presente trabalho surge, almejando focalizar as práticas de letramento digital mais recorrentemente utilizadas em interações por idosos em tempos de afastamento social, assim como as suas motivações.

Aportes teóricos

O fenômeno do letramento está intimamente associado à utilização da linguagem em meio social, uma vez que todas as nossas interações são permeadas por práticas de leitura e produção textual, sejam da modalidade oral ou escrita.

Para Massi *et. al.* (2010, p. 62), ele compreende

o estado que assume aquele que sabe ler e escrever para cumprir objetivos diversos: informar e informar-se, interagir com o outro, fazer uma declaração, entender uma receita médica, contar uma história, ampliar conhecimentos, divertir, fazer valer os seus direitos, reconhecer os seus deveres, entre outros.

Assim, por abarcar todo e qualquer tipo de linguagem usada em sociedade, os letramentos têm caráter amplo e dinâmico e contemplam desde os usos mais tradicionais da escrita à prática de acessar *links* e digitar em celulares e em computadores. Para Kleiman (2005, p. 21), isso acontece porque

o letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet.

Esses usos, referentes ao letramento digital, apesar de já serem bastante discutidos em diversos estudos que apresentam, inclusive, suas contribuições, a exemplo de Buzato (2006), Xavier (2007), Coscarelli e Ribeiro (2007), Kenski (2012), Coscarelli (2016) e Ribeiro (2018), no âmbito da educação e Garcia (2001), Kreis *et. al.* (2007) e Tarallo e Sé (2016) em relação ao uso dessas tecnologias pela pessoa idosa, apenas a partir do período pandêmico, passou a ser considerado como imprescindível para realização de determinadas tarefas. Nesses ambientes digitais

reúnem-se a computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, imagens, sons etc.) e os mais diversos tipos, formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes, fotos, músicas e textos). É possível articular telefones celulares, computadores, televisores, satélites etc. e, por eles, fazer circular as mais diferenciadas formas de informação. Também é possível a comunicação em tempo real, ou seja, a comunicação simultânea, entre pessoas que estejam distantes, em outras cidades, em outros países ou mesmo viajando no espaço (KENSKI, 2012, p. 33).

Nesse sentido, as pessoas idosas tiveram que adequar suas interações de cunho social presencial à modalidade remota/virtual e, conseqüentemente, passaram a fazer uso das tecnologias digitais com mais frequência, no intuito de contemplar não somente demandas pessoais, mas também em outras esferas como a hospitalar, escolar etc.

Essas práticas de letramento na terceira idade têm a potencialidade de proporcionar a esse público específico uma maior autonomia, uma vez que os usos da leitura e escrita, tanto em meios impressos, quanto em meios digitais, permitem que as pessoas possam expressar seus pensamentos e opiniões, realizar tarefas cotidianas e participar de forma ativa como sujeito atuante e crítico no âmbito de suas interações sociais.

Corroborando a afirmativa, Torquato, Massi e Santana (2011, p. 91) destacam que “a possibilidade de fazer uso da leitura e da escrita pode conceder ao idoso um lugar de sujeito e autor de sua história, expandindo sua qualidade de vida e garantindo-lhe autonomia”. Desassocia-se, assim, a imagem do envelhecimento como a fase em que o indivíduo não tem saúde, tornando-se incapaz de aprender e realizar (novas) tarefas, assim como frisam os autores acima citados:

nessa sociedade capitalista, o envelhecimento está sendo comumente associado apenas às modificações do corpo biológico que sofre alterações ao longo do tempo, sendo ressaltados os aspectos fisiológicos dos sujeitos idosos, como por exemplo, a diminuição da sua força e da sua coordenação, a redução da sua capacidade visual, auditiva e sua deterioração vocal (TORQUATO; MASSI; SANTANA, 2011, p. 90).

Kreis *et. al.* (2007, p. 163) ressalta, nesse sentido, que “[...] as tecnologias de comunicação e de informação, em especial a Internet, estão possibilitando a inserção do idoso no mundo virtual e potencializando a interatividade e o acesso a informações, o qual vê ampliadas as oportunidades de se incluir novamente na sociedade”. É necessário, assim, que a pessoa idosa assuma esse lugar de protagonismo no uso da linguagem, ressignificando-o conforme suas necessidades e demandas sociais emergentes.

Metodologia

Este trabalho consiste num recorte dos resultados de pesquisa de Iniciação Científica²² desenvolvido no ano de 2020, na graduação em Letras, Língua Portuguesa da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (FELCS/UFRN).

²² Aprovada sob o código PVF18095-2020

A pesquisa situa-se na área da Linguística Aplicada, objetivando ressaltar as práticas de letramentos digitais da pessoa idosa e suas motivações no contexto pandêmico. Metodologicamente, segue a abordagem qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006) de viés interpretativista (MOITA LOPES, 2006), haja vista que os dados gerados, por meio de entrevistas remotas, são interpretados na perspectiva de construir significados e relações de sentido no tocante aos dizeres dos participantes (26 pessoas idosas), quando interpelados no período da geração do *corpus* da investigação.

Para tanto, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, seguindo as orientações de Moreira e Caleffe (2006). Sua realização ocorreu com a mediação do aplicativo e da plataforma do WhatsApp e Google Meet, respectivamente, conforme a disponibilidade e preferência dos entrevistados.

Essas entrevistas, a nosso ver, produziram “[...] uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 136) e serão analisados na seção subsequente. Nela, identificamos os participantes mediante o uso das siglas PI1, PI2, PI3 que correspondem a Pessoa Idosa 1, Pessoa Idosa 2, Pessoa Idosa 3 e assim sucessivamente.

Vale destacar que a pesquisa seguiu os preceitos éticos das investigações em Linguística Aplicada (KLEIMAN, 2002), que postulam a adesão espontânea dos participantes, a preservação das fontes e suas respectivas identidades.

Resultados e discussões

As pessoas idosas, no período de pandemia e do respectivo afastamento social, realizaram ações diversas por intermédio do uso do computador e do celular conectado à internet em práticas sociais que envolveram/envolvem letramentos digitais, como ilustram os trechos²³ abaixo, retirados do *corpus* de análise da pesquisa:

PI7: ((eu uso)) *A ligação por vídeo / é (+) que eu falo com meus filhos, familiares que estão longe*

PI13: *Uso rede social... tinha contato com os amigos, minha família, faço chamada de vídeo*

PI21: ((uso)) *WhatsApp, né? pelo celular da mulher lá de casa*

PI20: *Assisto missa pelo Instagram, passo áudio para os meninos, passo foto, faço um bocado de coisa (+) achei ótimo, né? para mim foi uma maravilha, para eu que vivo em casa assim (+) sem sair, né? sem sair para canto nenhum / Gosto bastante / assistir à missa, os leilão de Nossa Senhora da Guia quando tinha ainda, bom demais (+) quer dizer, a missa eu assisto pelo YouTube né (+) pelo YouTube a missa, e os leilão e essas outras coisas pelo Instagram*

PI25: *(na) quarentena nós tamo por aqui no sítio, é (+) aguardando aí as novidades / ((uso)) o zap, é (+) o Youtube, Instagram*

As redes sociais, em especial os recursos de chamada por vídeo disponibilizados por elas, foram utilizadas, em grande recorrência, com a finalidade de manter contato com familiares e amigos, tanto os que moravam próximos, quanto os mais distantes, haja vista a necessidade de cumprir os protocolos de distanciamento social.

²³ Os trechos das entrevistas são transcritos conforme os estabelecimentos de Marcuschi (1991), assim, utilizamos os seguintes marcadores: (()) para comentários inseridos pelo pesquisador; () para dúvidas ou suposições do que foi ouvido pelo pesquisador; (+) para pausa; / para truncamento; e /.../ para recorte de parte da fala do entrevistado.

Percebemos, assim como destaca Torquato, Massi e Santana (2011), a importância desses novos espaços de produção da linguagem, nesse caso a digital, na e para efetivação de interações sociais no processo de envelhecimento da pessoa idosa que, antes do período pandêmico, eram realizadas face a face, com contato físico.

Ainda nessa perspectiva, observamos a partir da fala da PI20, a modificação do contato e da interação inclusive com as/nas celebrações religiosas e leilões dos festejos de padroeiras de municípios do interior do estado que, com o fechamento de templos, igrejas, paróquias etc., suas celebrações e ritos passaram a ser transmitidos via redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram) e plataformas digitais (Google, Youtube), o que favoreceu a ressignificação das práticas de letramento religioso, as quais somente puderam se efetivar, no período, a partir do uso de dispositivos digitais.

Os participantes também evidenciaram que, mediante a utilização do computador e do celular conectado à internet, puderam realizar compras, aprender o preparo de novas receitas, marcar consultas médicas, fazer transferências bancárias, entre outras atividades, como observamos nos relatos da PI4, PI5, PI8 e PI15.

PI4: *Facilitou muito as compras, marcar consultas médicas e entrar em contato com os médicos também*

PI5: *Pagamentos, transferências de dinheiro (+) eu consegui usar*

PI8: *Conseguí aprender tanta coisa de comida, aprendi muitos quitutes, muitas receitas, na parte da saúde a gente buscamos é (+) medicamentos, remédios caseiros (+) quando eu tô com alguma coisa, doença (+) / eu busco na internet, se eu sentir alguma coisa eu busco na internet e dá tudo certo*

PI15: */..../ eu sempre fui curiosa, desde nova, desde cedo que eu sempre gostei muito de informações, sabe /..../ eu sempre gostei muito de curiosidade (+) aprender o que eu não sei, sabe? o que eu não sei ainda (+) algumas informações de alguma coisa / eu gosto, sempre gostei*

Evidenciamos e reafirmamos, assim, o caráter dinâmico e multifacetado das ferramentas digitais, haja vista que estas auxiliaram e mediaram diversas atividades, desde as mais simples como enviar mensagens instantâneas e produzir comidas através da leitura de receitas online, às mais complexas, como as transferências bancárias e as consultas médicas, possibilitando às pessoas idosas, como destaca Kreis *et. al.* (2007), uma maior interatividade no processo de acesso a informações.

As motivações para esses usos, se dividem em dois âmbitos: trabalho e comunicação. Do primeiro, destacamos os relatos de quatro participantes:

PI1: *A necessidade da docência / além disso, as atividades que exerço na coordenação do polo no ensino à distância... porque as reuniões, encontros, apresentações, precisam ser nesses ambientes*

PI2: *A curiosidade e a necessidade de participar de simpósios e outros trabalhos*

PI19: *Expor os trabalhos, comercializar*

PI21: *É um meio de se ganhar dinheiro, né? de trabalhar e encurtar passadas para você não andar muito, se quer dar um recado né*

Notamos que a utilização desses recursos foi importante para a realização efetiva das atividades laborais dos participantes, tanto de professores, como percebemos a partir dos relatos da PI1 e PI2, quanto em outras atividades, com fins de divulgação e comercialização de produtos (PI19 e PI21), estas que eram realizadas de forma presencial, antes da pandemia.

No que diz respeito à comunicação, os participantes citaram que a necessidade de interagir com seus familiares foi um dos principais motivos para esse uso, inclusive, até mesmo para não adoecer em decorrência de problemas mentais (PI6), devido à abrupta mudança de estilo de vida:

PI3: *A minha idade já é muito avançada / a distância das filhas para se comunicar com elas (+) eu tive que aprender mesmo, me interessar (+) se eu não aprendesse era mais difícil*

PI6: *Porque eu era uma pessoa que andava muito, aí tem que procurar o que fazer para não cair em depressão*

PI11: *Porque /.../ ver uns aos outros por ligação de vídeo, tem as mensagens que ficam escritas, que a gente não tá com o celular no momento, mas fica lá registrado (+) a gente vê e se comunica*

PI22: *Necessidade né, a necessidade, a gente sozinha em casa quando ele sai de casa, eu tenbo, aí pronto vai pelo zap, é zap né aquele nomezinho? WhatsApp que não gasta né, não gasta telefone é só no Zap, só mensagem, bom demais*

PI24: */.../ o que levou foi as meninas ((filhas)) mesmo, queria ligar para mim, né /.../ Eu tenbo a internet por causa delas, né*

Ainda em relação ao relato da PI6, Kreis *et. al.* (2007) destaca que o mundo cibernético possibilita ao idoso interagir e ampliar suas relações interpessoais reduzindo o isolamento e estimulando sua parte psíquica e mental, potencializando melhorias na qualidade de vida desse segmento populacional.

Para tanto, nesses usos, cabe destacar a necessidade relatada por eles em relação à atualização de seus conhecimentos para efetivação dessas práticas sociais, isso porque “como o avanço tecnológico é intenso e contínuo, os usuários das redes precisam estar abertos para as inovações, em estado de permanente aprendizagem” (KENSKI, 2012, p. 36), tal como cita a PI4:

PI4: *Tem que se atualizar com o mundo em que nós vivemos, precisamos muito mesmo desse comportamento (+) porque a gente num pode ficar pra trás não, porque a gente já tem uma idade maior a gente tem que se atualizar com as coisas*

Assim, diante da variedade de práticas realizadas por esses idosos e, por consequência, das variadas habilidades e conhecimentos em relação ao letramento digital que foram e são necessários na efetivação destas, podemos observar o protagonismo e a autonomia assumida por esses sujeitos, inseridos plenamente, em grande medida, no contexto atual, ao ressignificar e aprender novos usos de recursos e ferramentas digitais.

Considerações finais

Os letramentos digitais passaram a ser utilizados com recorrência como recursos de intermédio entre inúmeras atividades, por parte das pessoas idosas, durante o afastamento social. Com destaque para as comunicações interpessoais, demandas profissionais e atividades de lazer, suas motivações, como observamos a partir da análise do *corpus* da pesquisa, aconteceram, na maioria das ocorrências, pelo interesse tanto em aprender quanto em integrar-se mais amplamente às novas formas de interação social a partir do uso das novas tecnologias da informação e comunicação presentes na contemporaneidade.

Identificamos, nessa conjuntura, que os idosos participantes fizeram uso tanto do computador, quanto do celular conectado à internet, interagiram nas redes sociais (Instagram, WhatsApp, Facebook) e em plataformas digitais (Google, Youtube), além de realizarem compras em *sites*, transações financeiras por meio de aplicativos bancários, entre outras práticas que por serem realizadas de forma online, garantiram segurança aos sujeitos, pois obedeceram o distanciamento

social orientado pelos órgãos oficiais, a exemplo do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS), em escala nacional e internacional, respectivamente.

Concluimos, assim, que os usos das tecnologias digitais, nas diversas esferas sociais, ganharam e continuam ganhando mais visibilidade, inclusive pelas pessoas idosas que precisaram ressignificar suas práticas letradas, adotando com isso os letramentos digitais demandados na atualidade, como forma de responder às solicitações de interação comunicacional nos círculos sociais que frequentavam/frequentam pessoal e virtualmente, a partir do afastamento social ocasionado pela pandemia do COVID-19.

Referências

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educared. 2006.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola, 2016.
- COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions (Orgs.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GARCIA, Heliéte Dominguez. **A terceira idade e a internet: uma questão para o novo milênio**. Dissertação de mestrado em Ciência da Informação. Marília/SP: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2001. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/dominguez_garcia_me_mar.pdf. Acesso em 27 de janeiro de 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27258&t=resultados>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. IEL/Unicamp, 2005.
- KLEIMAN, Angela B. A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em Linguística Aplicada. In: SILVA, Denise Elena Garcia da; VIEIRA, Josênia Antunes (Orgs.). **Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos**. Brasília: Plano, 2002.
- KREIS, Rosana Alfinito et. al. O impacto da informática na vida do idoso. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 10, n. 2, 2007. p. 153-168.
- LOURENÇO, Regina Célia Celebrone; MASSI, Giselle Athayde. **Linguagem e velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento**. Curitiba: Juruá, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A transcrição de conversações. In: _____. **Análise da conversação**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MASSI, Giselle Athayde et al. Práticas de letramento no envelhecimento. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n1/a07v13n1.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2020.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da Abralin**, v. 8, n. 1, 2009. p. 15-38. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1002>. Acesso em 27 de julho de 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Escrever, hoje:** palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

SOUZA FILHO, Paulo Penha; MASSI, Giselle Athayde. Letramento de idosos brasileiros acima de 65 anos de idade. São Paulo: **Distúrb Comun**, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/viewFile/16513/14642>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

TARALLO, Roberta dos Santos; SÉ, Elisandra Villela Gasparetto. Letramento digital no ensino de informática para idosos. **Revista Intellectus**, n. 36, v. 4, 2016. p. 53-66. Disponível em: <http://www.revistaintellectus.com.br/artigos/37.403.pdf>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

TORQUATO, Rebeca; MASSI, Giselle Athayde; SANTANA, Ana Paula. Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade. **Psicologia: reflexão e crítica** [online], 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/kC5JhDKzc3zD7BZD9vPsrBy/?lang=pt>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Alfabetização e Letramento:** conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 133-148. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/22.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2021.

Enviado em 31/08/2023

Avaliado em 15/10/2023